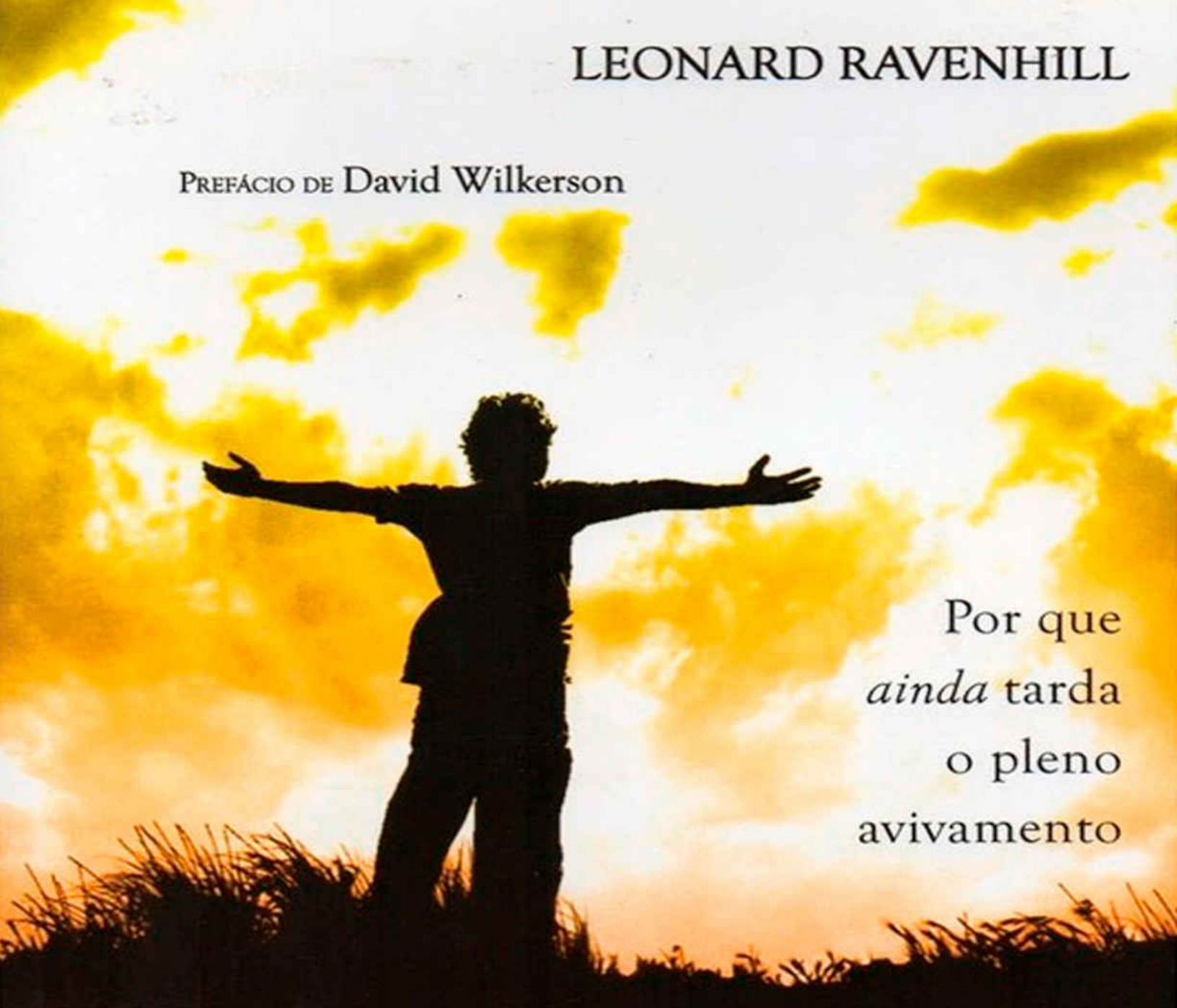
LEONARD RAVENHILL

Prefácio de David Wilkerson



Por que *ainda* tarda o pleno avivamento

SEDENTOS POR AVIVAMENTO

Um apelo urgente para que tenhamos consciência de nossa responsabilidade com relação ao avivamento

LEONARD RAVENHILL



SEDENTOS POR AVIVAMENTO

THE WAY BOOKS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP - Brasil Catalogação na fonte

---

Ravenhill, Leonard

Sedentos por Avivamento: Por que *ainda* tarda o pleno avivamento/ Leonard Ravenhill; tradução de Marta Mendes R. dos Anjos.- São Paulo: The Way Books, 2009.

192 p.; 21 cm.
ISBN 978-85-99579-05-3
Título original em ingles: Sodom Had No Bible
1. Vida Cristã. 2. Devocional. 3. Avivamento. I. Título
279.125 CDD 230.0462

SEDENTOS POR AVIVAMENTO Por que *ainda* tarda o pleno avivamento Leonard Ravenhill

Copyright © 1971 by Leonard Ravenhill
Publicado originalmente sob o título **Sodom Had No Bible** por Bethany House, uma divisão de Baker Publishing Group, Grand Rapids, Michigan 49516, U.S.A. Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela THE WAY Editora. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Traduzido por Marta Mendes R. dos Anjos Revisão: Raul Flores
Francisco de Oliveira
Daina Flores
Projeto gráfico: Emerson de Lima
Coordenação editorial: Raul Flores

Editora THE WAY
Telefones: (11) 3104-6149/ 3242-8672/ 55*7*42632 E- mail: thewaybooks@hotmail.com

DEDICATÓRIA _____ _____

“VOSSOS JOVENS TERÃO VISÕES” (Joel 2.28; Atos 2.17)

David Wilkerson, fundador do Desafio Jovem; Loren Cunningham, fundador da Jocum (Jovens com Uma Missão); Tony Salerno, fundador do Agape Force (Força Ágape); George Verwer, fundador da OM (Operação Mobilização), todos estes homens tiveram “visões” de pessoas perdidas. Eles obedeceram a essas visões e alcançaram homens e mulheres para Deus em todo o mundo.

A homens como esses eu tenho a grata satisfação de dedicar este livro.

PREFÁCIO _____ _____

Leonard Ravenhill escreve com o poder e a unção de John Wesley. É impossível ler suas obras e permanecer indiferente. Ao ler seus livros você irá amá-lo ou odiá-lo, porque o que ele tem a dizer toca fundo na alma; nos atinge em cheio.

São bem poucas as pessoas em nossa geração que são realmente chamadas para serem profetas, tendo capacidade para supervisionar a igreja e os ministros de Deus. E essa supervisão do Espírito Santo é a maneira usada por Ele para manter tanto a igreja como o corpo sacerdotal santo e eficiente.

Em minha opinião este é o livro mais poderoso de Leonard Ravenhill. Consigo enxergar nas entrelinhas muitas de suas próprias angústias, sua consagração e a constante busca de sua alma. E mesmo quando ele tem de apresentar algum aspecto negativo, ele o faz de maneira positiva, com um só propósito: a santificação de vasos escolhidos.

Livros dessa natureza, que impactam o leitor de forma tão intensa, raramente fazem parte da lista de best-sellers. Contudo, são livros assim que carregam o selo e a aprovação do Espírito Santo de Deus.

Se você tem a intenção de ler este livro até o fim, então esteja preparado para terminar a sua leitura de joelhos.

David Wilkerson

SUMÁRIO _____ _____

Sobre o Autor.....6
Introdução 7
PRIMEIRA PARTE

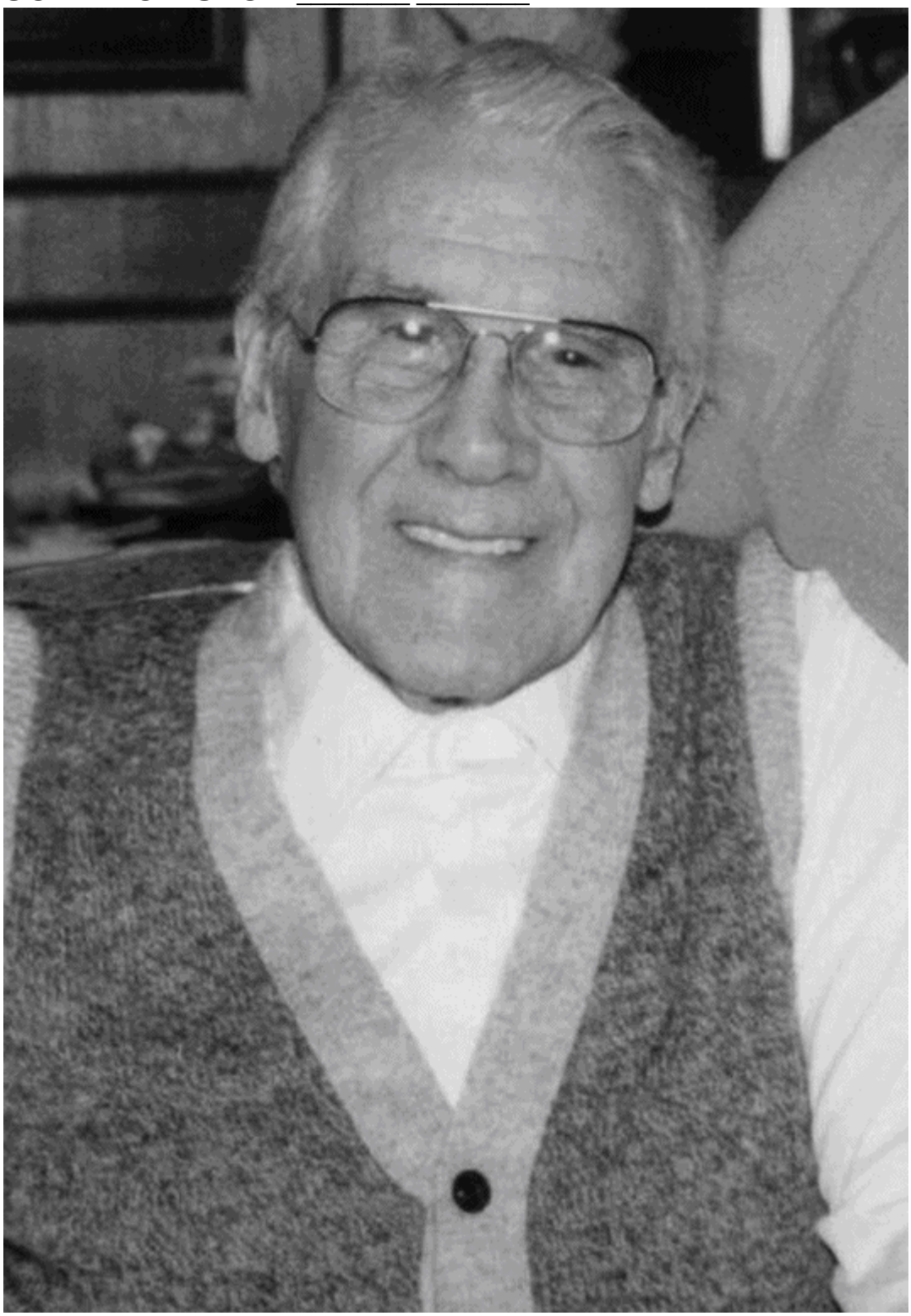
Deus Procura Homens 9
Os Mil Dias do Apóstolo Paulo.....17

Sodoma Não Tinha Bíblia 23
Precisamos de um Batismo de Ira Santa.....29
Pregador! Não Vá sem Sentir o “Peso” 37
O Pentecoste a Qualquer Preço 45
A Fé Ri Diante da Impossibilidade.....53
Precisamos de Outro Pentecoste.....59
Em Sua Jornada Rumo à Grandeza, Jesus Sujeitou-se ao Silêncio.....63
Embora Jogado de um Lado Para Outro 69
Por Que Esta Indiferença Sufocante? 73
Pentecoste..... 79
Não, Não! Esta Não é Uma Estrada Fácil 83
O que Significa Esvaziar-se.....89
Tempo de Despertar 95
Nosso Mapa e Nossa Bússola.....99
Procura-se Homens Para Incendiar a Igreja.....103
O Inimigo 107
A Pregação Ungida Pelo Espírito.....113
Um Homem Segundo o Coração de Deus.....117

SEGUNDA PARTE
RETRATO DE PREGADORES DO AVIVAMENTO

George Fox – O “Abalador” Inabalável 123
William Grimshaw de Haworth 131
Jonathan Edwards.....139
Gideon Ousely – O Wesley Irlandês.....147
Billy Nicholson – O Whitefield Irlandês.....153
Francis Asbury.....159
Richard Baxter de Kidderminster.....165
George Whitefield – O Príncipe dos Pregadores.....171
John Wesley.....179
Savonarola – O Florentino Destemido 185

SOBRE O AUTOR _____ _____



Leonard Ravenhill nasceu em 1907, na cidade de Leeds, em Yorkshire, Inglaterra. Após a sua conversão, estudou no Cliff

College, onde recebeu treinamento para o ministério e logo ficou evidente que seu dom era o evangelismo; assim, dedicou-se de corpo e alma a esta tarefa. Mais tarde Ravenhill veio a ser um dos evangelistas mais notáveis da Inglaterra. Suas reuniões durante os anos de guerra chegavam a provocar engarrafamento

no trânsito da Grã-Bretanha e um grande número daqueles que se convertiam não apenas passaram a fazer parte do reino de Deus, mas também entraram para o ministério cristão e seguiram para os campos missionários. Casou-se em 1939 com Martha, uma enfermeira irlandesa, com quem teve três filhos: Paul, David e Philip. Os dois primeiros também são ministros do evangelho, e Philip é professor. Leonard partiu para estar com o Senhor em novembro de 1994. Sua esposa morava perto de Lindale, no Texas, e faleceu em 2001, na Argentina.

INTRODUÇÃO _____ _____

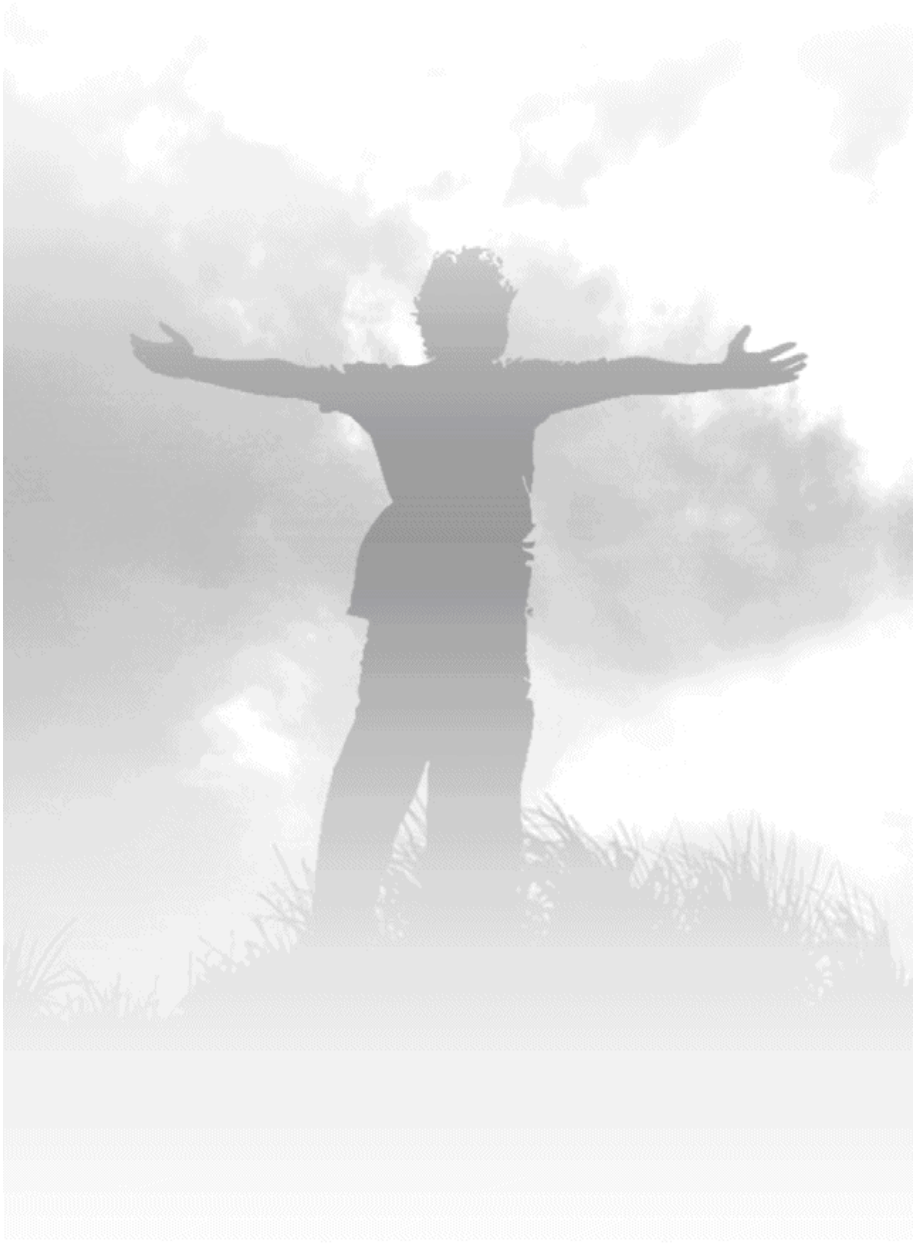
É minha opinião, após considerar os fatos, que a principal razão porque não experimentamos um avivamento gerado no céu e operado pelo Espírito em nossos dias é que ESTAMOS SATISFEITOS SEM ELE; nos contentamos com pequenas “bênçãos”. Um ônibus a mais na frota da escola dominical é tudo o que algumas igrejas pedem; outras se vangloriam com a elevação na arrecadação das ofertas de missões. Um aumento na freqüência da igreja durante as comemorações da Páscoa ou do Natal alegra bastante certas igrejas que funcionam à base de eventos especiais.

Mas eu asseguro que nem o diabo e nem o inferno temem esses alvos insignificantes e carnais. Somente um avivamento é capaz de abalar o reino de Satanás, destruir o seu poder, roubá-lo de suas posses e libertar os seus cativos. É só do avivamento que surgem homens de vanguarda, que com grande zelo se dispõem a por em risco a própria vida por amor a Ele. Somente um avivamento motiva homens a levar cargas pesadas sem murmuração, à semelhança do seu Senhor, HOMENS DISPOSTOS A ABRIR NOVOS CAMINHOS ONDE AS ALMAS, AOS MILHARES, AGORA VIVEM EM TREVAS E NA SOMBRA DA MORTE.

MEUS IRMÃOS! QUANDO FORMOS HUMILDES O SUFICIENTE, ESTIVERMOS ABATIDOS O SUFICIENTE, DESESPERADOS O SUFICIENTE, FAMINTOS O SUFICIENTE, PREOCUPADOS O SUFICIENTE, APAIXONADOS O SUFICIENTE, QUEBRANTADOS O SUFICIENTE, LIMPOS O SUFICIENTE E VIVENDO UMA VIDA DE ORAÇÃO SUFICIENTE, *ENTÃO* DEUS NOS MANDARÁ UM AVIVAMENTO QUE IGUALARÁ E ATÉ ULTRAPASSARÁ O AVIVAMENTO QUE O MUNDO EXPERIMENTOU NOS DIAS DE CHARLES FINNEY.

Minha humilde e sincera oração é que estas páginas o motivem a buscar os esquecidos segredos da igreja primitiva. Espero que os relatos a respeito do bom caráter de alguns dos maiores avivalistas de Deus o façam buscar a unção divina até recebê-la; buscar o poder do alto sem o qual, mesmo que sua teologia seja perfeita, não pode haver na igreja de nossos dias derramamento que rompa os céus, avivamento que sacuda a terra, e poder que desafie o inferno.

Leonard Ravenhill



PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO UM

DEUS PROCURA HOMENS

C

erta ocasião, quando o Dr. Carl F. Henry editava a revista "Christianity Today" (Cristianismo hoje), colocou a seguinte questão para vinte proeminentes líderes cristãos, pensadores de sua época: "Uma vez que já estamos às portas da terceira e última parte do século 20, o que vocês acham que isso pode representar para a igreja?" A resposta do Dr. Elton Trueblood me deixou bastante intrigado. Ele disse o seguinte: "Por volta do ano 2000, os cristãos serão uma pequena minoria, cercada por um paganismo militante arrogante."

Por alguns instantes eu fiquei remoendo esta declaração e, finalmente, a engoli; entretanto, o resultado disso foi uma indigestão mental e espiritual. Meditando a respeito um pouco mais, percebi que a colocação do Dr. Elton também se aplica aos dias nos quais agora vivemos. Mais tarde essas considerações me fizeram ver que nunca houve um tempo, desde o Calvário e o Pentecoste, berço da igreja, em que ela não fosse "uma pequena minoria, cercada por um paganismo militante arrogante".

O cristianismo foi projetado em um mundo que estava debaixo de um sofisticado sistema totalitário, como percebeu o Dr. Harold B. Kuhn, e tão logo nasceu, foi jogado aos leões. Como uma criança que, tentando pelos seus próprios esforços sair de dentro do Gran Canyon, assim a recém nascida igreja parecia desesperadamente emparedada em um canyon de poder mundano. À esquerda, o paredão monolítico do controle judaico da religião; à direita, os

gregos, com a face resplandecente pela sua tão conhecida inteligência, como se fossem os donos da razão, franzem a testa em sinal de desagrado diante da novidade. À frente, bloqueando toda a passagem, esparramava os seus tentáculos o poderoso polvo militar do império romano. Será que alguém, em sã consciência, se atreveria a sugerir que os cristãos daquele tempo não eram uma minoria? Será que eles não estavam conscientes disso?

Entretanto, em poucos anos, um pequeno número de homens sem nenhuma influência social, com mãos e bolsos vazios, viraram o mundo de cabeça para baixo por causa do Senhor Jesus Cristo! Esta é a glória do evangelho!

E que diferença dramática entre a pregação deles e a abordagem evangelística que vemos nos dias de hoje! Os apóstolos não tinham nem ouro e nem prata, mas abundância de glória; hoje até temos muito ouro e muita prata, mas nenhuma glória. Graças a Deus pelas "gotas de bênçãos" divinas que têm caído sobre nós; contudo temos lutado por mais de duas gerações, utilizando apenas esforços humanos, e até agora não temos visto nenhum avivamento pelo mover do Espírito, como nos dias de Finney; nenhum avivamento genuíno, que abale as estruturas da nossa sociedade, onde a atmosfera moral de nossas cidades tenha sido transformada e cujo impacto tenha sido percebido por toda uma nação. O evangelismo muito produzido, aperfeiçoado, superorganizado, e computadorizado de nossos dias tem sido tão eficaz como a tentativa de se derreter um iceberg utilizando-se de um único palito de fósforos.

Existe apenas uma forma de salvar esta nossa geração, e é à maneira de Deus, por intermédio do derramar do Espírito Santo. Se não orarmos insistentemente para que os portões de ferro cedam, acabaremos por ter de orar atrás desses mesmos portões, se não morrermos antes que eles venham a cair por terra. O Exército da Salvação abalou o mundo quando marchou contra os portões do inferno cantando o hino de batalha de William Booth: "Queremos um novo Pentecoste; Manda fogo, Senhor! Manda fogo!"

NÃO ESTOU MUITO CERTO DE QUE REALMENTE DESEJAMOS OUTRO PENTECOSTE, MAS CREIO DE TODO CORAÇÃO QUE PRECISAMOS URGENTEMENTE DE UM.

Vamos fazer uma pequena pausa aqui para darmos uma olhada na nova e animadora visão da igreja primitiva, conforme apresentada pelo Dr. J. B. Phillips. Se bem me lembro, ele disse que o livro de Atos descreve a igreja de Jesus Cristo antes que ela se tornasse gorda e com falta de ar por causa de sua prosperidade, e que tivesse seus músculos enrijecidos pelo excesso de organização. Ela ainda era uma igreja onde os membros não eram obrigados a assinar um estatuto de fé; eles agiam em fé. Ali estava uma igreja onde os adoradores não “recitavam” orações; eles oravam no Espírito. E a colocação final do Dr. Phillips nem por isso dói menos. Aqueles irmãos não se reuniam para estudar medicina psicossomática; eles simplesmente curavam os enfermos!

E eu estou totalmente convencido de que esse eletrificante quadro da igreja primitiva é o modelo de Deus para a Sua igreja em todos os tempos, a qual foi comprada pelo Seu precioso sangue.

Lembrem-se, irmãos, de que Elias não apareceu em cena enquanto não houve um Acabe para ele repreender, um bando de falsos profetas para derrotar, e um altar de Astarote para ser derrubado. O profeta Daniel também não se manifestou até que o rei Nabucodonosor esteve prestes a eliminar todos os sábios e depois exigiu a adoração de toda a população. A aparição de João Batista ocorreu em meio à arrogância da classe sacerdotal, apostasia espiritual e servidão aos senhores romanos. John Wesley levantou-se como profeta quando a moralidade inglesa e a religião haviam baixado a “um nível tão degradante como nunca antes visto em um país conhecidamente cristão”, conforme escreveu o Bispo Berkeley, em seu “Discurso Endereçado aos Magistrados e Homens de Autoridade”, publicado em 1738, o ano da maravilhosa conversão de John Wesley.

E, em alguns aspectos, a história se repete. Os dias de Wesley e os nossos têm muitas similaridades, e as comparações são dignas de

nota.

Comentando sobre bebidas alcoólicas nos dias de Wesley, John Fielding se referiu a elas como “este líquido incendiário, por intermédio do qual os homens bebem o inferno antecipadamente”. Ele se referiu aos comerciantes de bebidas como “os principais funcionários do rei do terror” e declarou que eles “enviaram mais pessoas para a morte do que a espada e as pestes”. Os fabricantes e vendedores de bebidas alcoólicas daquela época não tinham menos consciência do que os fornecedores de bebidas de hoje. E quem se importa com o fato de que seus lucros têm deixado um rastro de lares destruídos e pessoas infelizes? Quem se importa se usam o sangue do homem como argamassa e os ossos das crianças para construírem as suas mansões? Eles vivem muito longe da miséria que provocam para conseguir ouvir o praguejar e as maldições que saem da garganta dos alcoólatras às portas da morte.

Muitos fabricantes têm orgulho de seu produto. Entretanto, não é isso o que ocorre com os “reis da cerveja”. Eles escondem seus milhões de humanos miseráveis que lotam as prisões e as centenas de milhares de sepulturas preenchidas antes da hora. Billy Sunday, Billy Nicholson, Sam Jones e muitos outros dos mais famosos evangelistas de gerações passadas empenharam-se fervorosamente contra esse “manjar do inferno” que engarrafamos e disfarçamos com um monte de mentiras. Nenhum evangelista de alcance nacional se levanta contra as fábricas de bebida alcoólica. No entanto, o vinho continua sendo escarnecedor e a bebida forte alvoroçadora (Provérbios 20.1). A Grande Sociedade* continua convivendo com exorbitante número de ébrios vagabundos nas grandes cidades. Como é possível permanecermos calados diante desse demônio da bebida?

O interesse para ver as exibições vulgares de luta livre de mulheres hoje em dia, pode bem ser comparado à loucura que existia no século dezoito por se ver noticiar brigas públicas entre mulheres. No dia 22 de junho de 1768, um jornal londrino trouxe a seguinte

reportagem: “Quarta-feira passada duas mulheres se atracaram por causa de uma saia de valor irrisório, em uma loja perto de Islington. A ‘batalha’ foi vencida por Bruising Peg**, que derrotou sua antagonista de forma cruel.”

Existia também uma aleijante praga de jogos de azar espalhada por toda parte nos dias do avivamento wesleyano. Quando completou 21 anos, Oliver Goldsmith, famoso escritor irlandês, ganhou uma quantia suficiente para pagar um curso de Direito em Londres. Entretanto, gastou tudo nas mesas de jogos de Dublin, muito antes de sequer pisar as terras londrinas.

Esportes violentos eram os preferidos dos reis. A adoração à natureza era bem conhecida e praticada naquele tempo, assim como o individualismo é aclamado hoje em dia. Ambos são filhos bastardos do deísmo. A moral da sociedade daquele tempo era muito baixa. E nem é necessário ser graduado em leis para ver que essas condições são exatamente as mesmas em que vivemos hoje em dia.

E eu torno a repetir: a moral da sociedade era muito baixa. George II, Horácio Walpole, e o Príncipe de Gales foram exemplos daqueles que pertenciam à alta sociedade e que viveram escandalosa e descaradamente em adultério.

_____

* O autor faz alusão ao programa de governo do presidente americano Lyndon B. Johnson, que recebeu o nome de “Great Society” que combatia fortemente a pobreza. Nos quatro anos do seu governo Jonhson implementou uma dinâmica legislativa que transformou a face dos Estados Unidos da América. (Nota da tradutora.)
** Bruising Peg. Algo parecido com “Margarete Pancada”.

Em um bilhete a seu amigo Mann, Sir Walpole contou que foi a um baile de máscaras onde também estava presente George II. Nesse evento compareceu uma tal Srta. Chudleigh, “totalmente nua, e que poderia ter sido facilmente confundida com Andrômeda*”. E tais

excentricidades não se passavam em algum lugar qualquer; em fevereiro de 1770, a Câmara dos Comuns suspendeu suas atividades para que seus membros pudessem participar de um baile de máscaras semelhante, que seria realizado em Soho.

Geralmente, durante os tempos de eleição, as grosserias, as obscenidades e as imoralidades existentes nas ruas traziam multidões de turistas a Londres. Os donos das casas de bebidas costumavam contribuir generosamente para o “carnaval”. E essa atmosfera de terça-feira de carnaval também foi copiada pelas vilas. Balleine, em seu livro intitulado *London in the Eighteenth Century* (Londres no século dezoito), diz que alguns homens “vendiam suas esposas em leilões realizados em mercados de animais, e os inúmeros registros de batismos mostram como era desenfreada a imoralidade nas vilas”. As prostitutas agiam de forma tão descarada que os homens as chamavam, ironicamente, de “As freiras de Druly Lane”, ou “As virgens de Covent Garden”. Uma delas, inclusive, chegou a receber o apelido de “A santa de Newgate”.

Tempos atrás alguns jornais de Nova Iorque publicaram que os turistas que estavam chegando a essa cidade estavam sendo aconselhados a não andarem sozinhos à noite e a evitarem certos lugares. Será que esses temores existiam nos dias de Wesley? Horace Walpole, em uma entusiasmada carta ao seu amigo Horace Mann, colocou a situação da seguinte maneira: “As pessoas são obrigadas a viajar, mesmo em pleno dia, como se estivessem indo para uma batalha”. E Tobias

_____

* Andrômeda. Figura da mitologia grega, filha de Cefeu e Cassiopéia, rei e rainha do reino fenício da Etiópia. Foi acorrentada, nua, a um rochedo, como castigo imposto à sua mãe, por ter dito que a filha era mais bela que as Nereidas, ninfas filhas do deus Nereu. Foi libertada por Perseu, com o qual se casou.

Smolle, em seu livro *History of England* (História da Inglaterra), reforça essa opinião ao escrever: “Os ladrões e assaltantes de hoje

estão mais selvagens e perigosos do que nunca, desde a civilização da humanidade.”

Por toda essa área de atuação diabólica havia como que um mal-cheiro de escravidão bem entrincheirado. John Wesley lutou veementemente contra essa prática, bem como contra todos aqueles que se enriqueciam às custas da miséria do pobre. Faltar-me-ia o tempo necessário para falar de outras vozes da época de Wesley, que têm uma equivalência em nossos dias.

Quando analisamos esse pano de fundo, percebemos a enormidade da tarefa de Wesley. Ele jamais esperaria ser eleito “Homem do Ano”; o extravagante Beau Nash* se encarregava de difamá-lo. O célebre crítico literário, Dr. J. L. Hammond definiu o avivamento de Wesley como sendo “uma tempestade em copo d’água”. Robert Southey também foi um dos que criticaram o avivalista. Quando Southey morreu, deixou uma enorme fortuna; Wesley, por sua vez, deixou pouco mais de doze dólares em dinheiro, alguns talheres, uma toga bastante surrada, alguns livros, e o que mais mesmo? Ah, sim, A IGREJA METODISTA!

John Wesley vivia com o equivalente a cem dólares por ano, fruto da venda sem precedentes de seus folhetos. Sua era a paixão de um coração batizado pelo fogo, olhando através de olhos lavados por lágrimas e com um amor sobre o qual seu irmão, Charles, chamou de “Amor divino, amor que excede todo entendimento”.

Pastor, que tipo de evangelho temos de apresentar a este mundo perdido debaixo de tão grande condenação? Se a nossa mensagem não é “O PODER DE DEUS PARA A SALVAÇÃO”, será que teremos coragem de chamá-la de Evangelho?

_____

* Beau Nash. Seu nome de batismo era Richard Nash e viveu de 1674 a 1762. Célebre dândi (grã-fino, almofadinha) e figura importante da moda no século dezoito, também ficou conhecido como o famoso mestre de cerimônias da cidade balneária de Bath, Reino Unido. (Nota da tradutora)

O crítico inglês Dennis Po er disse que a igreja está em um “verdadeiro e irreversível declínio”. Um outro condena veementemente as artimanhas usadas por alguns ministros do evangelho para conseguir encher os bancos de suas igrejas. Ele sugere que esses líderes deveriam dar algumas receitas culinárias na hora em que fossem dar os avisos finais... quem sabe isso não ajudaria a aumentar a freqüência dos cultos? E ainda outro crítico diz o seguinte: “Parece não haver fim para as idiotices e injúrias cometidas pelos mercadores de Deus em suas vãs tentativas (e preste bastante atenção nisto!) de adaptar a fantástica beleza e a emocionante magnitude do Evangelho a mentes obstinadamente mundanas.”

Meu irmão, a nenhum outro homem na terra Deus deu tão magnífica tarefa como deu a você. O seu comércio é de bens eternos. Os próprios anjos gostariam de receber a incumbência que você recebeu. A você foi entregue o poder que as potestades do inferno mais temem. Você é um representante divino, um embaixador de Deus, alguém a quem Deus concedeu plenos poderes. Vida e morte estão nas suas mãos. Para alguns a sua mensagem tem cheiro de morte para a morte; mas para outros, aroma de vida para a vida. (Conferir com o ensino em 2 Coríntios 2.14-17.)

Acredito que o mesmo Cristo que fez uma limpeza no templo, expulsando os mercadores ali de dentro nos dias do seu ministério terreno, sem sombra de dúvida faria o mesmo com o púlpito de muitas igrejas de hoje, se ele estivesse aqui em carne e osso.

Prezado pastor, será que o Senhor Jesus teria de limpar o seu púlpito também?



CAPÍTULO DOIS

OS MIL DIAS DO APÓSTOLO PAULO

Paulo confiava em Deus. Deus confiava em Paulo. O Senhor confiou

a Seu servo uma visão e uma comissão nunca vista na história humana.

Isso aconteceu durante os mil dias em que Paulo passou em reclusão unicamente na companhia do Senhor Jesus (Gálatas 1.1-18). Ele freqüentou a Universidade do Silêncio, que é a melhor do mundo, pois seus segredos são conhecidos unicamente por Deus. Sua localização está sob determinação divina e o valor e a dimensão do treinamento não são conhecidos pelo homem até que o próprio Deus os revele. E como resultado desse treinamento você adquire imunidade ao medo, à bajulação, à fama ou ao fogo. Além disso, também recebe enchimento do Espírito Santo para poder se colocar contra o mundo, o inferno e as igrejas carnais, e permanecer firme.

Será que podemos deixar a nossa imaginação deduzir alguns detalhes que, por ventura, foram deixados de lado na história do apóstolo? Seria razoável pensar que Paulo viu a revelação do plano de Deus para todas as gerações, da Criação até a consumação de tudo? Teria ele descido até as regiões da sombra da morte e presenciado o sofrimento dos condenados ao inferno? Será que Paulo teve uma visão do Grande Trono de Deus? Teria ele recebido uma emocionante visão da Grande Ceia, quando os benditos do Pai se assentarão juntamente com Moisés e Abraão, diante da majestosa presença de Jesus?

Talvez o Senhor, a quem Paulo havia perseguido (Atos 9.5), tenha aparecido novamente a ele, durante aqueles mil dias no deserto da Arábia, como tinha acontecido em sua jornada a caminho de Damasco. Porém, quaisquer que tenham sido as visões que Paulo teve, tenho certeza de que entre elas houve uma demorada e inesquecível visão do plano redentor de Deus. Em contraste com o coração humano, que Deus classifica como sendo um poço terrível, Paulo pôde entrever a paixão do seu Senhor, o poder do evangelho e as possibilidades do Pentecoste. NENHUMA VISÃO MENOR QUE ESSA, JAMAIS PODERIA TÊ-LO GUIADO COM TAMANHA

CONFIANÇA POR MEIO DE TANTOS PERIGOS, PERSEGUIÇÕES E SOFRIMENTOS COMO OS QUE O AGUARDAVAM.

A abrangência da vida de Paulo é de tirar o fôlego. Nasceu na cidade de Tarso, antiga capital do mundo, e concluiu seus estudos em Roma, a capital militar mundial da sua época. E entre o tempo em que viveu nessas duas metrópoles, passou muito do seu tempo em Jerusalém, a capital intelectual daqueles dias. De lá foi para Corinto, a capital mundial do pecado.

Qualquer um de nós teria considerado o tremendo sucesso da implantação de uma igreja bem-sucedida, na completamente corrupta cidade de Corinto, como a coroação de um ministério. Mas não Paulo; ele também desejava “anunciar o evangelho... em Roma” (Romanos 1.15). Que grande tarefa!

O apóstolo Paulo via Roma como a soberana da terra, poderosa e corrupta, nobre e má, possuidora de brilhantes leis civis, mas sem moralidade alguma; uma cidade com seus deuses, seus guetos e suas sarjetas. Dizem que em certa ocasião o poeta alemão Henrich Heine ajoelhou-se diante da estátua da Vênus de Milo, olhou fixamente para ela, e disse: “Ah, como você é linda! Pena que não tenha braços para abraçar os homens!” Era assim com relação à cidade de Roma: orgulhosa, linda com seus terraços, fontes e arenas, desfilando sua grandeza pelas ruas, mas sem poder para conter o fluxo da corrupção moral que a aleijava e, finalmente a jogaria por terra. Essa cidade era dominada por filosofias e seitas tão numerosas e ímpias como as de Atenas, e tão cheia de perversão e libertinagem como aquelas comuns em Corinto. Paulo via a população romana como ela realmente era – uma multidão de almas cegas, experimentada na perversidade – um verdadeiro império de pessoas contra as quais a ira de Deus estava prestes a ser derramada.

É bem possível que Paulo tenha assistido a milhares e dezenas de milhares de pessoas deixando o coliseu, cheias de júbilo pelo fato de, uma vez mais, os cristãos lhes haverem proporcionado um empolgante entretenimento, além de terem servido de uma

excelente refeição para leões famintos. Tais arenas eram o cenário para o assassinato de multidões, onde um número incontável de pessoas eram espancadas, tinham os seus olhos arrancados e, finalmente, eram queimadas até a morte por causa de sua fé em Jesus Cristo. Não havia limites para o derramamento de sangue e nem para as torturas que levavam à morte, as quais eram grandemente apreciadas pela cultura pagã romana. Homens eram enforcados em árvores baixas onde, ainda vivos, seriam facilmente despedaçados por ursos. O cristão tinha duas alternativas: ou podia simplesmente declarar: “César é o senhor”, e livrar-se da pena, ou dizer triunfantemente: “Cristo é o Senhor”, e enfrentar o martírio. Por vezes, a namoradinha de um príncipe ou a linda amante de um nobre poderia determinar a morte de um cristão simplesmente dando uma risadinha ou girando o polegar para baixo.

Em geral tais folias tinham a duração de quatro dias. Entretanto apenas esse tempo já não estava satisfazendo as almas inflamadas desses homens abomináveis em sua ira contra os cristãos; por isso, os feriados romanos foram ficando mais e mais freqüentes. Até mesmo aos escravos era permitido tirar folga para que pudessem se juntar à população, aos sacerdotes, às virgens da deusa Vesta, e aos senadores em uma crescente orgia de derramamento de sangue e sadismo.

SERÁ QUE VOCÊ CONSEGUE IMAGINAR O APÓSTOLO PAULO ENTRANDO NESSA CIDADE CHEIA DE ÓDIO E VIOLÊNCIA, TENDO MENOS ENTENDIMENTO DO PODER DA CRUZ DE CRISTO DO QUE O QUE ELE TINHA?

Ele conhecia cada mudança do coração humano, cada fraqueza da vontade do homem e todos os truques do inimigo para destruir a nossa alma. Preste atenção nesta página do seu diário:

“Além disso, visto que eles se consideraram por demais supremos e poderosos para admitir a Deus, este permitiu que se tornassem escravos de suas mentes degeneradas e fizessem coisas que não posso nem mencionar. Encheram-se de iniqüidade, podridão, cobiça e malícia; suas mentes ficaram saturadas de inveja, homicídio,

espírito de desavença, engano e rancor. Passaram a falar mal das pessoas por trás, a apunhalar pelas costas, a odiar a Deus; transbordaram de arrogância e orgulho insolentes, e sua mente encheu-se de invenções diabólicas. Fizeram pouco caso do dever para com os pais, zombaram da consciência, não admitiram nenhuma das obrigações éticas, perderam toda a afeição natural e não fizeram nenhum uso da misericórdia. Além disso, estando bem conscientes da palavra divina de que todos aqueles que fazem essas coisas devem morrer, não só continuaram nessas práticas como também não hesitaram em dar sua total aprovação a outros que agiam da mesma forma." (Romanos 1.28-32 – *Cartas Para Hoje*, J. B. Phillips. Edições Vida Nova, São Paulo).

O evangelho atual, tantas vezes cheio de truques, não teria sucesso na época de Paulo, assim como não tem atualmente. Já imaginou Paulo confrontando um bando de ímpios pagãos, e usando para isso um grupo vocal com as moças rebolando e os rapazes batendo palmas e cantando: "Algo de bom vai acontecer a você", ou oferecendo aos ouvintes um "pacote" que garantisse prosperidade em troca de uma oferta?

Paulo sabia muito bem o peso das suas palavras, e com a ajuda do Espírito Santo foi capaz de medir o imensurável poder do Calvário. Sua bandeira, erguida bem alto, dizia:

NÃO ME ENVERGONHO DO EVANGELHO DE CRISTO, POIS É O PODER DE DEUS PARA A SALVAÇÃO. (Romanos 1.16)

Hoje nós, pregadores, enfrentamos uma absoluta incredulidade e oposição ao Cristo que proclamamos, de maneiras diferentes das que Paulo enfrentou em Roma; porém, não de forma menos mortal ou menos condenatória. A oposição está bem disfarçada e bastante articulada, e surge do interior dos templos de aprendizagem.

Pregador, se você vive no magnífico isolamento da sua confortável cadeira giratória e do seu belo escritório, lembrese de que as pessoas para as quais você ministra e os jovens que você está tentando alcançar caminham diariamente em um lamaçal de

imoralidade de um lado, e em um monte de lixo intelectual do outro. Aqui está como Ayn Rand via essa situação:

Na Filosofia aprendemos que a mente do homem é impotente, que a realidade não se pode conhecer, que o conhecimento é uma ilusão, e que a razão é simplesmente superstição. Na Psicologia ouvimos dizer que o homem é um autômato desamparado, impelido por forças que estão além das suas e motivado por uma depravação nata. A Literatura nos apresenta uma fila de assassinos, alcoólatras, viciados, neuróticos e psicóticos como representantes da alma humana
– e ainda somos convidados a nos identificar com eles – com a beligerante afirmação de que a vida é um esgoto, uma trincheira ou uma competição insana com a determinação lamurienta de que devemos amar tudo, menos a virtude, e perdoar tudo, menos a grandeza de alma.

E o que dizer de nossos dias? Será que Deus foi pego de surpresa? Estaria Ele distante? Poderia ainda fazer proezas? Observe o que o reitor Samuel Miller, da famosa Escola de Divindade de Harvard, disse:

Simplesmente não sabemos o que pensar a respeito de Deus. Ele não age mais nos dias de hoje e não é mais responsável por nada. Também não o tememos mais, pois Ele está muito distante de nós. Mesmo assim, ainda somos capazes de manter um certo fervor e um comportamento religioso. Preenchemos o vazio existente nesse tipo de relacionamento valendo-nos de gestos desprovidos de quaisquer significados, os quais nem sabemos a quem direcionar. Essa religiosidade popular que hoje vemos à solta esconde Deus por trás de uma piedade frenética, porém superficial.

Essa declaração é digna de uma análise mais cuidadosa. Isso aí é o desespero no ápice acadêmico, vestido de beca e cheio de títulos de doutorado. Poderíamos nos perguntar qual manifestação do poder de Deus conseguiria satisfazer o Sr. Miller e seus seguidores. Será que o Senhor deveria destruir a tão conhecida base rochosa de Manhaan, ou fazer vir abaixo as fábricas de riquezas da Wall

Street? Será que uma seca de três anos poderia fazer dobrar os joelhos desta nação?

O verso dois do capítulo 32 do Livro de Isaías traz uma dura palavra para esta hora em que nossos planos alternativos estão em pleno andamento, e nossas igrejas apresentando em seus púlpitos uma pregação completamente sem vida. Preste atenção nestas palavras: “E será *aquele* Varão como um esconderijo contra o vento, e *um* refúgio contra a tempestade, como ribeiros de água em lugares secos, *e* como a sombra duma grande rocha em terra sedenta.” É ESSE TIPO DE HOMEM QUE DEUS ESTÁ PROCURANDO!



CAPÍTULO TRÊS

SODOMA NÃO TINHA BÍBLIA

U

ma frase do grande avivalista Jonathan Edwards tem martelado muito em minha mente nestes dias. Quando ele descreve a justiça de Deus como uma flecha apontada para o nosso coração, acrescenta que “o nosso Deus é um Deus irado, independentemente de qualquer promessa ou obrigação para conosco”*. Neste exato momento sinto como se essa frase estivesse como que me dando ferroadas. Não consigo me livrar dela; é como se essa declaração estivesse me corroendo por dentro.

* O autor refere-se a um trecho do famoso sermão de Jonathan Edwards, intitulado: “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado”, pregado na cidade de Enfield, Connecticut, e baseado em Deuteronômio 32.35. (Nota da tradutora)

E como esse servo de Deus estava certo! Que tipo de obrigação Deus pode ter com pessoas como nós, cujos pecados acumulados

de apenas um dia, como nação, são maiores que os pecados que Sodoma e sua irmã, Gomorra, praticavam no decorrer de um ano inteiro?

Devemos considerar o fato de que a maioria dos países hoje possui muito mais vantagens com relação ao evangelho do que Sodoma jamais teve em toda a sua existência.

Sodoma não tinha igrejas; nós temos milhares. Sodoma não possuía Bíblias; nós possuímos milhões. Sodoma não tinha pregadores; nós temos milhares de

milhares.
Sodoma não possuía institutos bíblicos; nós, centenas. Sodoma não tinha reuniões de oração; nós temos milhares.

Sodoma não possuía nenhuma rede evangélica de comunicação; nossa nação é ricamente abençoada com muitas dessas redes de transmissão cristã.

Sodoma não conhecia as histórias a respeito do julgamento de Deus, as quais poderiam servir-lhes de advertência contra o perigo; nós temos muitos volumes desses relatos.

Entretanto, apesar de todas essas desvantagens, Sodoma sofreu o castigo e pereceu. Tanto a América como boa parte das nações do mundo de hoje estão vivendo unicamente por causa da grande misericórdia de Deus. A única razão por que não somos consumidos pelo fogo da ira de um Deus Santo é a Sua misericórdia – uma m-i-s-e-r-i-c-ór-d-i-a esticada.

Os Estados Unidos* (bem como muitos outros países), já receberam todas as advertências possíveis; advertências estas

_____
* Considere que o autor escreve em 1971 e refere-se à realidade dos Estados Unidos da América. Mesmo assim, percebemos que o “mistério da iniqüidade” tem-se espalhado assustadoramente, de

maneira que, nos dias de hoje, nenhuma nação estaria livre do juízo de Deus.

que Sodoma não recebeu. Por isso, a sorte está lançada contra todas essas nações.

(1) *Que obrigação Deus tem para com um povo:*
Que dedica a Deus apenas uma hora do seu domingo na igreja, depois vai para o clube e passa várias horas “andando no conselho dos ímpios e assentando na roda dos escarnecedores” (Salmo 1), os quais vivem profanando o santo nome de Deus?

(2) *Que obrigação Deus tem com um povo:*
Que permite que suas bancas de jornal exponham inúmeras revistas de diferentes nomes, todas de alguma forma publicando fotos de nudez explícita?

(3) *Que obrigação Deus tem para com uma nação:*
Que permite que jovens estrangeiras venham para o país para posarem nuas, como se fossem decoração de alguma casa noturna mais “avançadinha”?

(4) *Que obrigação Deus tem para com um povo...*
...cujo governo investe milhões para financiar operações militares em países que, por uma simples questão de filosofia, comprometem-se a destruir aqueles que lhes prestam ajuda?

(5) *Que obrigação Deus tem para com um povo:*
Que manda gravar em sua moeda: “Em Deus nós confiamos”, mas não permite que suas crianças cantem canções de Natal nas escolas, ao mesmo tempo que consente que meia dúzia de pessoas façam com que uma lei que proíbe que milhões de crianças não possam mais orar nessas mesmas escolas, seja aprovada? (E, assim, permitiu que alguns “amigos locais” driblassem uma emenda constitucional).

(6) *Que obrigação Deus tem para com uma nação:*
Onde vive uma boa parcela de gente menos favorecida, mas que

gasta quatro milhões de dólares em uma única tarde, patrocinando uma corrida de carros? (Estatística da Associação Billy Graham).

(7) *Que obrigação Deus tem para com uma nação:*
Que gasta mais por ano com comida de cachorros do que com a propagação do evangelho?

Segundo o meu modo de pensar, uma nação, ou nações, que for tão longe como temos ido, merece apenas uma coisa: isto é, que o Deus santo, de quem eles têm zombado, aceite o desafio da prolongada provocação que eles têm feito às leis divinas; que o Senhor retenha a abundante colheita que já têm experimentado; ou ainda, já que "o Senhor repreende aquele a quem ama" (Provérbios 3.12), que o Deus santo coloque rapidamente a vara da disciplina sobre nós, para que possamos ser salvos de uma completa destruição.

Sem ao menos corar de vergonha, seguimos adiante desconsiderando os Dez Mandamentos, até que chegamos à beira da falência moral. Temos entrado de maneira frenética em uma verdadeira orgia de gastos. A maneira com que conduzimos a nossa vida indica que a grande pergunta que nos incomoda é: "Quanto tempo ainda temos para gastar e gastar, até chegarmos ao completo caos econômico?"

Bombas atômicas não têm poder contra o julgamento de um Deus santo. Se Ele desencadear sua fúria sobre esse povo orgulhoso e embriagado de tanto pecado, não vai haver abrigo anti-bombas grande o suficiente, nem forte o suficiente, nem profundo o suficiente e nem seguro o suficiente para nos livrar do chicote da ira santa de Deus.

Neste momento de nossa vida apenas uma coisa nos mantém afastados da completa decadência – a igreja; a verdadeira Igreja, uns poucos restantes que foram lavados no sangue do Cordeiro, e que não se dobraram diante do deus do materialismo e nem se intimida com as ameaças e escárnios do humanismo científico.

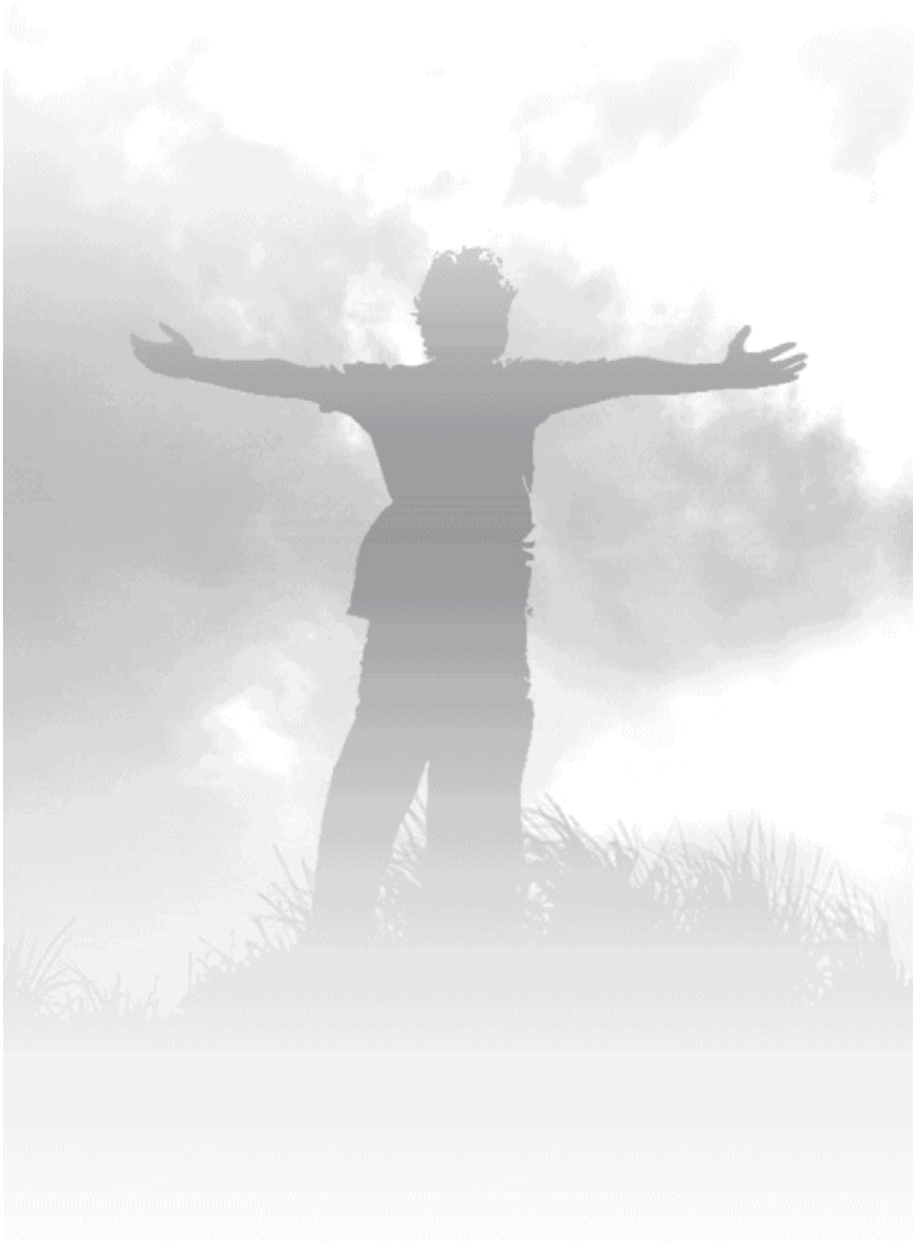
Depois que Abraão parou de interceder, Sodoma pereceu. Enquanto ele permaneceu “ainda em pé diante da face do Senhor” (Gênesis 18.22), o homem tinha um representante diante do Todo-poderoso. Durante o tempo em que Ló habitou na cidade de Sodoma (mesmo sendo uma pessoa meio apóstata), Deus ainda tinha um representante no meio daquele povo. Assim, enquanto essas posições estavam ocupadas por esses homens de Deus, o Senhor permaneceu quieto. Porém, quando Ló saiu da cidade, depois que Abraão fez o seu último apelo em favor de dez homens justos que porventura houvesse ali
– os quais não foram encontrados – então o fogo do céu caiu sobre aquele povo (Gênesis 19.24). Louvado seja Deus que as nações de hoje ainda possuem um pequeno remanescente que intercede por elas diante do Senhor.

Irmãos, OREM! Orem como fez o salmista: “Ó Pastor de Israel, dá ouvidos; tu, que guias a José como a *um* rebanho, que te assentas *entre* os querubins, resplandece... ó Deus; faze resplandecer o teu rosto, e seremos salvos” (Salmo 80.1,3).

O Presidente Kennedy, um político muito astuto, durante o seu governo conseguiu adiar a crise do aço e, depois, a crise com Cuba. Contudo, nenhum presidente e nem todo o poder ou força poderão evitar a ira divina. Unicamente o arrependimento de uma igreja quebrantada e contrita poderá fazer isso.

Se Deus amarrasse a pedra de moinho do nosso pecado ao redor do pescoço desta geração, e nos lançasse no mais profundo do abismo, isso seria apenas o que nós, com toda justiça, merecemos. Os pecadores não têm consciência dessa terrível verdade, e nem creriam se alguém lhes falasse dela.

Neste momento, a igreja é o sal da terra que continua salvando as nações. Por isso, crentes, levantem-se! Comecem agora a vigiar, chorar, trabalhar e a guerrear em favor dos perdidos.



CAPÍTULO QUATRO

PRECISAMOS DE UM BATISMO DE IRA SANTA

P

aulo ficou indignado quando viu a principal rua de Atenas rodeada de templos dedicados a falsos deuses. Na linguagem bíblica da Versão Revisada, podemos perceber muito bem a reação de Paulo diante dessa visão: “revoltavase nele o seu espírito” (Atos 17.16). Creio que J.B. Phillips seja quem nos fornece a melhor

interpretação da reação do apóstolo quando se viu dentro da acadêmica Atenas, infestada de idolatria. Em sua versão dessa passagem, Dr. Phillips diz o seguinte: “Enquanto (Paulo) estava ali, sua alma se angustiava além da conta, ao perceber a cidade tão completamente idólatra”. (Tradução direta).

Essa mesma passagem, na versão Amplificada, diz: “Agora, enquanto Paulo estava esperando por eles em Atenas, seu espírito se afligiu e ele ficou profundamente irado ao ver que a cidade estava cheia de ídolos”. (tradução direta). A antiga Atenas, apesar de sua classe e cultura, ainda entorpecia a alma das pessoas.

Gostaria de oferecer algumas sugestões de o porquê o espírito de Paulo ficar tão irado à medida que ele andava por aquelas ruas e deparava-se com o pecado de Atenas.

Paulo estava irado por causa do poder que as falsas religiões tinham de enganar o povo. Ele estava irado por causa da devoção cega desses devotos a deuses absolutamente impotentes; o apóstolo estava irado diante do surpreendente sacrifício financeiro de doadores em favor da construção de templos do engano. Paulo também estava irado porque Cristo estava sendo privado do amor de homens e mulheres que já poderiam ter experimentado o novo nascimento do Espírito de Deus. Ele estava irado pelo fato de que homens com coração de carne estavam clamando em vão a deuses de coração de pedra. Paulo estava indignado porque o sangue expiatório de Cristo estava sendo pisoteado e desprezado como se

fosse estrume. Sua ira devia-se ao fato de que os intelectuais estavam ridicularizando a ressurreição e a ascensão do Filho de Deus, o qual vive para sempre. Ele se indignava ainda pelo fato de que aquela gente, mesmo estando a um passo de um inferno real e inconcebivelmente terrível, pudesse comer, beber e se alegrar. E, finalmente, ele estava irado porque o diabo estava mantendo homens presos nas cadeias do medo e da luxúria e, após a morte, ainda iria mantê-los eternamente aprisionados em um abismo sem fim.

Em média, a tolerância que o crente tem com relação à condição de perdido do homem é revoltante. Nós, os cristãos de hoje, precisamos urgentemente receber o batismo de ira do apóstolo Paulo.

Existe uma história na mitologia grega que fala sobre um dragão com várias cabeças, cujo nome é Hydra. A cada ano ele saía de sua caverna, muito irado e soltando fogo pelas narinas. Para que a ira do terrível monstro fosse apaziguada, os moradores da cidade deveriam oferecer-lhe em sacrifício sete virgens formosas ou sete rapazes dos mais apresentáveis. Cumprida essa exigência, o faminto dragão comia a oferenda de virgens ou rapazes e, depois de satisfeito, voltava para a sua caverna e permanecia lá por mais um ano, até a sua próxima aparição.

Em nome de falsos deuses (falsas doutrinas), muitas pessoas, em muitos países, se mobilizam hoje para testemunharem, não apenas uma vez por ano ou uma vez por dia, mas muitas vezes em um mesmo dia. Com um apetite muito maior do que aquele monstro de muitas cabeças da mitologia grega, este monstro das falsas religiões, de barriga vazia, mas que enche o inferno, tem abocanhado milhões de almas. Entretanto, quem se importa com isso? Não é um pentecostal radiante, nem um zeloso irmão holiness ou um destemido batista que vem bater à minha porta para evangelizar; quem me aparece é uma Testemunha de Jeová ou um mensageiro Mórmon enganados e iludidos. O que vemos nessas falsas religiões é um quadro horrível de homens perdidos,

procurando por outros homens também perdidos, para conduzi-los a uma eternidade igualmente perdida.

Faça um exame de consciência e depois pergunte a si mesmo estes seguintes questionamentos:
Por que não enfrentamos?
Por que temos medo?
Por que hesitamos?
O que tem “esfriado” a nossa urgência?
Será que não temos nada a comunicar?
Será que não estamos seguros com relação ao nosso próprio conhecimento bíblico?
Será que não temos certeza da nossa própria salvação?
Será que ainda não estamos convencidos de que os pecadores estão em grande perigo, às portas do inferno eterno?
Será que nos esquecemos que, mesmo sendo cristãos, teremos de prestar contas no dia do Juizo Final, diante do Grande Trono de Deus, não apenas de tudo o que fizemos, mas (e isso realmente dói) de tudo o que poderíamos ter feito?
Entre os pecados de omissão que serão apresentados contra muitos de nós diante do Trono de Jesus Cristo, certamente haverá um parágrafo inteiro de acusações sobre todas as vezes que tivemos oportunidades de testemunhar do Senhor e não o fizemos. Testemunhar não é uma opção, mas uma obrigação; pois, como cristãos, somos devedores.
Mais de uma vez eu tive o privilégio de estar em um púlpito, ao lado da filha mais velha de William Booth, fundador do Exército da Salvação. Em uma dessas ocasiões, enquanto cantávamos o hino que ela mesma havia composto, pude ver as lágrimas rolarem pelo seu rosto.

“Existe um amor que me impulsiona
a ir em busca do perdido;
Eu entrego, ó Senhor, todo o meu ser a Ti,
Para que possas salvá-lo, a qualquer preço.” (Tradução direta do inglês).

Aquela marechala testemunhava em tempo e fora de tempo. Ela proclamava o evangelho nas ruas, nos bares, nas delegacias de polícia e nas prisões onde, como o apóstolo Paulo, ela esteve presa muitas vezes.

Para mim é chocante comentar sobre a fraqueza dos cristãos de hoje. No primeiro século cento e vinte homens saíram de dentro de um salão e fizeram tremer a cidade de Jerusalém. Hoje, cento e vinte igrejas, alegando possuir a mesma experiência com o Espírito Santo, podem se reunir em uma de nossas cidades e, mesmo assim, provavelmente aquela cidade nem vai se dar conta da presença delas. Em nossa guerra espiritual, as igrejas são culpadas de guerrear utilizando balas de mentira em suas armas. Mudando um pouco a ilustração, deve ser que, espiritualmente, estamos operando como que com nossos vagões de carga vazios.

Estou profundamente convencido de que o fim dos tempos está às portas. As coisas irão se desenrolar muito mais rápido do que qualquer um de nós pode imaginar. Considerando isso, devíamos colocar uma cerca tão alta em torno do altar de nossas igrejas, que chegar até ele exigiria um esforço de vida ou morte.

Esse não é um tempo para ficarmos chorando lágrimas de crocodilo. Também não é hora de assumirmos compromissos pela metade ou de fazermos votos movidos pelas emoções. Nunca deveríamos permitir que coisas assim entulhassem o nosso altar.

Muito provavelmente se hoje estivéssemos descendo a principal avenida de nossa cidade, e víssemos ali magníficas construções dedicadas a deuses estranhos (seitas), apenas encolheríamos os ombros e afastaríamos a impressão que isso causasse em nós, com um simples e indiferente comentário, do tipo: “É uma pena que esse povo não tenha consciência de que esse tipo de coisa não leva a nada.” Deixe-me repetir: Acredito que está chegando a hora em que nós, povo de Deus, iremos precisar do batismo de ira que Paulo possuía.

Na Palavra de Deus existe uma ordem: “Irai-vos, e não pequeis” (Efésios 4.26). De modo geral, se o crente sente ira é na hora errada, por causa de algo errado, a respeito de uma pessoa errada e no lugar errado. Na maioria das vezes a sua ira é provocada por sua própria culpa, por ter tido o seu orgulho ferido. A imagem irrepreensível que ele tinha de sua própria santidade foi manchada, ou então ele ficou chateado com a afronta de alguém que se atreveu a sugerir que seu ídolo de ouro tem os pés de barro. Precisamos nos lembrar novamente de que o santo Filho de Deus, nosso Salvador, irou-se contra os mercadores de animais e contra aqueles que não estavam respeitando a casa de Seu Pai.

Não acho difícil imaginar que, com milhões de pagãos perecendo, os nossos jantares de confraternização, nossos filmes evangélicos malfeitos, nossa membresia sem garra, nosso testemunho encabulado (além de nossa acomodação e complacência) receberiam severa reprimenda vinda do coração em brasa do justo Filho de Deus. Também precisamos nos lembrar de que, de acordo com o relato bíblico, Jesus se irou por causa da dureza do coração daqueles que seguiam cegamente as leis e o sistema da sinagoga (Marcos 3.5).

A nossa era é hoje a mais cronicamente infeliz da história. Seria uma insensatez sem tamanho dar uma aspirina a um paciente com câncer, assegurando-lhe por meio de palavras mentirosas, que isso iria curá-lo de sua enfermidade. Igualmente criminosa (em minha opinião) é a nossa tentativa de apaziguar a alma faminta de milhões que nos rodeiam, pregando-lhes sermões que não são centrados na Pessoa de Cristo e nem na Palavra. Em geral essas pregações não são nascidas de um coração em chamas e anelante de um pregador zeloso pelas coisas de Deus, e nem molhado com as lágrimas resultantes das suas ansiedades e lutas interiores por causa dos pecadores.

Nossa situação não é como descer a rua principal em Atenas, onde a ignorância, a superstição e deuses estranhos tinham o domínio no que diz respeito à iluminação espiritual do povo; ela é bem mais

terrível. Destruímos os antigos altares dedicados a Jeová e construímos novos, cromados, para adorarmos a Baal e Astarote.

Algum tempo atrás, um jornal do estado de Minessota publicou que em certa cidade desse estado o conselho educacional de uma escola decidiu declarar ilegal em todos os seus programas escolares, toda e qualquer coisa que pudesse estar relacionado ao cristianismo. Não poderiam existir Bíblias na escola, não poderiam fazer orações ali, nem realizar cultos de formatura e também não poderiam fazer referência ao Natal, à Páscoa ou a qualquer outro feriado cristão. Agora me diga qual a diferença entre a situação nessa escola e na existente dentro de alguns países onde não se tem liberdade religiosa ou onde ainda exista o comunismo? (Eu ficaria muito feliz em receber uma iluminação nesse assunto).

Para levar-nos, débeis santos, a resgatar os que estão perecendo, precisamos sentir o cheiro do inferno. Ah, precisamos ser como Ele, abençoado Redentor – irados! Mais do que nunca, precisamos clamar como a Sra. Elizabeth (Bessie) Porter Head:

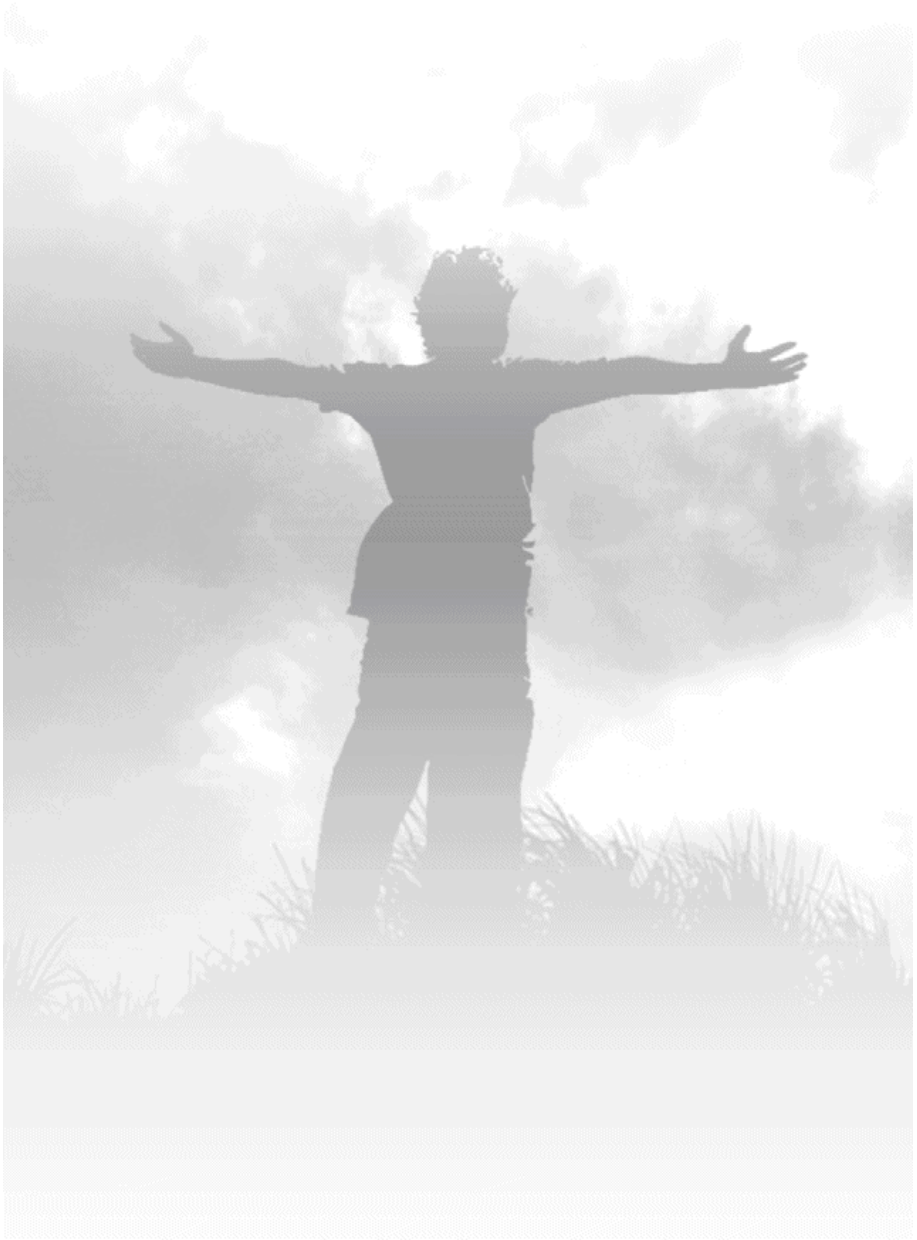
Ó Sopro de Vida, vem e sopra sobre nós,
Reaviva a Tua igreja com vida e poder;
Ó Sopro de Vida, vem, limpa-nos, renova-nos, E prepara a Tua igreja para esta hora.

Ó Vento de Deus, vem e dobra-nos, quebranta-nos, Até que humildemente confessemos a nossa necessidade;
Então, na Tua ternura faz-nos de novo,
Renova-nos, restaura-nos, pois isto Te suplicamos.

Ó Sopro de Amor, vem e sopra dentro de nós, Renovando pensamento, vontade e coração; Vem, Amor de Cristo, ganhar-nos uma vez mais, Reaviva a Tua igreja em toda parte.

Ó Coração de Cristo, que uma vez foi transpassado por nós,
É lá que encontramos a nossa força e descanso; Nosso coração quebrantado e contrito consola agora, E faça com que Tua igreja que espera seja abençoada.

Aviva-nos, Senhor! Está o nosso zelo esfriando Enquanto os vastos campos estão brancos para a ceifa? Aviva-nos, Senhor, o mundo está esperando, Equipa a Tua igreja para espalhar a luz.



CAPÍTULO CINCO

_____ _____

PREGADOR! NÃO VÁ SEM SENTIR O “PESO”

A

pregação é algo que o inferno teme, a terra necessita e o céu exige. É isso o que diz Hamish Mackenzie em seu desafiante livro *Preaching the Eternities* (Pregando a eternidade):
“Neste momento sombrio e difícil na história da huma

nidade, a igreja fica só olhando enquanto o mundo segue em frente e os pregadores continuam falando tão baixo que quase não podem ser ouvidos. Já que decidimos dirigir a igreja à nossa maneira, em vez de à maneira de Deus, nossos líderes têm de se tornar ‘paus-pra-toda-obra’. Feliz é o pastor que tem coragem de tomar nas mãos as rédeas do seu próprio ministério.”

Se o Senhor o tem chamado para ser o zelador da igreja, então, faça o seu trabalho, meu irmão. Agora, se ele o chamou para ser um pregador, aceite esse chamado, obedeça-o e viva por ele. Atos 6.4 oferece a você as diretrizes para a sua missão. Se você está ficando sobrecarregado debaixo do peso de dez coisas a fazer, então tome todas as vitaminas que você puder, pois com certeza irá precisar. O Senhor o chamou para ser um pregador e não tem nenhuma obrigação de fortalecê-lo para executar uma outra tarefa. Se o trabalho o está “matando”, preste atenção no que diz o versículo 30 do capítulo 11 de Mateus: “... o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”.

Infelizmente, a eleição da liderança da igreja não se baseia no fato de eles serem cheios do Espírito, mas no de eles possuírem postos de gasolina ou restaurantes. Assim é possível que encontremos oposição por parte deles se dissermos que temos o direito de buscar a Deus com o rosto em terra e de lutar em oração. Os diáconos deveriam visitar os enfermos e dirigir o culto fúnebre dos que morrem. Entretanto a semana já é curta demais para o pregador “invadir” os céus, na busca de dois sermões para serem entregues no domingo, quanto mais para visitar os doentes.

Por diversas vezes as pessoas têm me pedido para escrever um livro sobre pregação, e tenho sempre dado uma resposta padrão: Eu não tenho conhecimento suficiente sobre esse assunto para ser dogmático a respeito de um tema tão delicado. Este é o qüinquagésimo ano desde que eu comecei a pregar pelas ruas da Inglaterra, sendo ainda um garoto de quatorze anos de idade. Entretanto, meu conhecimento sobre tal assunto ainda é muito pouco. Hugh Black tem um livro muito acertadamente intitulado *The Mystery of Preaching* (O mistério da pregação). Dizer a um pregador como pregar é o mesmo que dizer a um homem como dirigir a sua casa.

Em diversas ocasiões pude entrever um reflexo da eternidade ao ouvir os grandes mestres pregadores da Grã Bretanha, trinta anos atrás. (Durante os anos de 1940, mais ou menos – acréscimo da tradutora). Comparado a esses homens, os quais podiam mover e despertar os corações, sou apenas uma criança tagarela. Eu não conheci Hugh Price Hughes, mas me lembro de ouvir o seu filho, que foi uma pessoa extraordinária. Depois teve o Dr. Luke Wiseman. Simplesmente ouvi-lo lendo as Escrituras foi algo que o tempo jamais poderá apagar. Ele costumava gesticular à medida que ia lendo a Palavra. Certa ocasião ele foi do púlpito até o piano, em uma atitude cheia de unção, e ali tocou e cantou o seu sermão para uma audiência absolutamente atenta. Trabalhando até próximo de completar seus oitenta e oito anos (da mesma forma que seu amado John Wesley), esse mestre da arte de pregar nunca foi pretensioso ou demonstrou qualquer orgulho. Ele comunicava-se com crianças e adultos com a mesma facilidade. “Sabem de uma coisa?” dizia ele, “Sou como um comandante em sua última batalha. Faço posição de sentido, bato continência diante do Capitão de minha salvação, e pergunto: ‘Quais são as minhas ordens para hoje?’”

Aqui está o segredo da desenvoltura desse grande homem de Deus no púlpito: “...minhas ordens para hoje”.
O Dr. William Edwin Sangster, ministro do Westminster Central Hall (salão central de Westminster) também pertencia a esse seleto grupo de pregadores. Ouvi dizer que antes de suas pregações ele

costumava treinar, diante do espelho, cada gesto de seus sermões. Crendo que essa informação seja mesmo verdadeira, mesmo assim ele era tão espontâneo ao pregar a mensagem que quem o ouvia percebia que ele vivia a experiência descrita por Charles Wesley neste verso: “Brota dentro de minha alma, elevando-te até a eternidade.” Não poucas vezes ele apontou a este pobre escritor o que é a vaidade da vida e o que considerar como “coisas de barro que perecem”.

O Dr. Martyn Lloyd Jones foi um outro pregador que tinha o seu próprio método. O púlpito de sua igreja nunca foi enfeitado com a presença de um coral (ministério onde geralmente existem muitos conflitos). Em seus cultos também não havia a apresentação de músicas especiais, nem mesmo solos. Entretanto, por muitos anos ele manteve cativos os ouvidos e os corações do povo britânico, especialmente os ouvidos e corações das multidões de jovens que vinham para ouvir a sua mensagem.

Nenhum de nós que, por várias vezes, nos assentamos aos pés de Samuel Chadwick, conseguiremos algum dia nos esquecer dele. Este servo do Senhor não era um pregador comum. Ele era um homem do púlpito; um pregador de pregadores. Os renomados G. Campbell Morgan e Chadwick foram grandes amigos, nunca rivais. Cada um considerava o extraordinário dom do outro tão sagrado que não se atreviam a fazer nenhuma forma de crítica e nem mesmo comparações. E guarde bem isto com você: ambos eram expositores da Palavra. Quando Morgan fazia algum comentário a respeito de Chadwick, sempre usava termos cheios de entusiasmo. Mais de uma vez, Alexander Whyte, de St. Georges, Edimburgo, Escócia, foi chamado de “o último dos puritanos”. Ele foi um homem do Livro e dos livros. Leitor incansável ele, assim como Tozer e muitos outros grandes, mergulhou nos escritos dos chamados cristãos místicos. As pessoas costumavam dizer que ele era sempre como “uma fogueira em dia frio”. Pregador, você deve desejar ardentemente esse epitáfio! O co-pastor dele na igreja de St. Georges se chamava Black. Então, naquela época, o povo costumava fazer um comentário, usando um trocadilho. Diziam: “Fui à Igreja de St. Georges de manhã e à noite. Foi o mesmo de sempre. No culto da manhã, o Pastor Black nos ‘pintou’ de branco.

No da noite, o Pastor Whyte nos ‘pintou’ de negro”.* Nunca tive o privilégio de ouvir Whyte pregar, mas ouvi Black, e até hoje ainda posso repetir a metade da mensagem que ele pregou naquele dia. Quando eu ouvi uma pregação de C. S. Lewis, fiquei simplesmente fascinado com a sua mensagem e um tanto atordoado com a sua simplicidade. Aquilo sim, é que é pregação!
Pregadores, vamos todos tirar um dia para examinarmos a nossa vida, quer estejamos ou não envolvidos na vida apos

_____
* O trocadilho ao que o autor se refere é o seguinte: o Pastor Black (cujo nome significa ‘negro’) ao que parece, pregava uma mensagem leve, daí a idéia de ‘pintar de branco’ os ouvintes. Já o Pastor Whyte (que lembra a palavra ‘branco’) devia pregar uma mensagem mais contundente. Daí a idéia de ‘pintar de negro’.

tólica. Do contrário, talvez tenhamos de concordar com o que J. T. Mackenzie disse certa vez: “Às vezes somos culpados de exercer um ministério que já não pode mais gerar um novo crente, tanto quanto um esqueleto não tem mais condições de gerar um bebê.”

O Senhor mesmo chama uns para apóstolos, outros para profetas e outros para pastores e mestres (Efésios 4.11); por isso, permaneça no seu chamado, meu irmão. Não permita que a popularidade, nem o estilo e nem o ministério internacional de qualquer outra pessoa perturbe o seu coração; “para cada um”, um ministério específico. Tome como padrão de conduta a atitude de Lutero com relação a Melanchton, seu pouco conhecido companheiro nos tempos da Reforma. Ele disse o seguinte:

“Eu sou uma pessoa severa e impetuosa, tempestuosa e totalmente hostil, lutando contra inúmeros monstros e demônios. Sou alguém que nasceu para remover troncos e pedras (Por favor, irmão, volte; precisamos de você!), extirpar pragas e espinhos, e limpar as florestas selvagens. O professor Phillipus (Melanchthon), entretanto, é alguém brando e gentil, que semeia e rega com alegria, de acordo com os dons que Deus tem lhe concedido de maneira abundante.”

Existem muitos tipos de pregadores e muitos estilos de pregação. Contudo a Bíblia diz: “O presente abre o caminho para aquele que o entrega” (Provérbios 18.16). Não permita que algum homem chamado por Deus inveje a vinha de Nabote (1 Reis 21). Pregador, seja você mesmo, com a unção de Deus!

Irmão pregador, devemos fazer o seguinte voto ao Senhor: no próximo ano, quando decidirmos dedicar mais tempo para a oração, também devemos separar mais tempo para a leitura, especialmente a leitura da Palavra. Entretanto, não apenas da Bíblia, mas de outros livros também. É muito conveniente também lermos assuntos que nos provoquem e que nos façam ficar irados com as coisas do mundo. Devemos ler os autores antigos e também os contemporâneos. Se você está firmemente alicerçado na Rocha, leia livros como *For the New Intellectual* (Para o novo intelectual), de Ayn Rand. Essa autora o fará ficar bastante cuidadoso, talvez até com um pé atrás; mas entenda que ela representa uma nova geração. Seus adolescentes vivem no mundo dela, mesmo que você não. Por isso, mantenha-os atualizados através desses ensinamentos.

Quer aprender sobre pregação? Estude, e não apenas leia, o excelente livro de Ian McPherson, *The Burden of the Lord* (O jugo do Senhor). Cada semana alimente-se com uma porção do reeditado livro de Alexander Whyte, pois o seu ouro nunca perde o brilho. Experimente P. T. Forsyth e veja se os seus padrões servem para você; ele irá mostrar-lhe a dignidade e o declínio de um pregador. Arthur Pink é um homem sujeito a cometer falhas como todo ser humano, mas nos diz algumas coisas maravilhosas. A coleção *The Pulpit Commentary* (O comentário do púlpito) vale o seu preço e, é claro, é uma mina de riqueza espiritual para todos os dias.

O *Novo Testamento Holiness*, de Thomas Cook, deveria ser lido todo durante o ano, por todos os pregadores, da mesma maneira que *The Path of Prayer* (O caminho da oração), e *The Way of Pentecost* (O caminho do pentecoste), de Chadwick. *Heralds of God*

(Mensageiros de Deus) e *A Faith to Proclaim* (Uma fé para proclamar), de Stewart também farão a sua fé tremer. E se você não quiser ler *Preaching Through the Bible* (Pregando através da Bíblia) simplesmente por causa da forma como o autor aborda os temas, compre-o pelo menos por causa das orações contidas ali. Parker orava antes de cada sermão, e eles foram registrados palavra por palavra. Esse servo do Senhor possuía asas!

Entretanto, evite usar livros de esboços. Talvez se sinta tentado a pensar que se Deus inspirou aquele pregador que escreveu esse livro, por que Ele não poderia inspirar você? O esboço do sermão de uma outra pessoa é como um par de muletas e, basicamente, o cérebro de homens que já estão mortos. Será que Deus estaria obrigado a ressuscitá-los?

Bem, pregador, mantenha os seus olhos fixos no trono de Deus, seus joelhos no chão e a sua confiança no fato de que você está assentado "nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (Efésios 2.6), não de maneira fictícia, mas de maneira REAL. Tenha a certeza de poder dizer como Paulo: "De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem o vestido" (Atos 20.33). E eu acrescentaria: "... nem o púlpito".

Estou convencido de que, no curso dessa confusão geral tanto teológica quanto moral, ainda existem muitos perguntando: "Há alguma palavra do Senhor?" (Jeremias 37.17). Eles não estão interessados, pregador amigo, em seus truques teológicos, seu vocabulário variado, seu achado de algum evento político recente ou a eminente derrocada do mercado de ações. Eles estão em busca da palavra de Redenção!

Os puritanos possuem um vasto conceito a respeito da pecaminosidade do homem, mas lhes falta o lado vitorioso da Redenção. Agarre-se às "Boas-Novas". Jesus veio para nos libertar, não para nos amedrontar. Este é o seu ano, pregador! Viva em seus joelhos quando estiver fora do púlpito. Entretanto, quando estiver nele, permaneça de pé, firme, e proclame com intrepidez "o ano aceitável do Senhor" (Isaías 60.1,2). E que Deus esteja com você!



CAPÍTULO SEIS

O PENTECOSTE A QUALQUER PREÇO

É

possível que algum tolo se propusesse a aterrar o Grand Canyon utilizando-se de uma simples pá. É claro que essa atitude iria arrancar risadas de todo mundo! Ouviria muito deboche e humilhações quase insuportáveis. Obviamente ninguém conseguiria aterrar aquele “buraco”, nem que levasse ali um exército de escavadeiras (muito menos um homem sozinho, munido apenas de uma pá!).

Nós, os cristãos, somos um povo “esburacado”. Temos buracos em toda a nossa teologia. Há uma imensa cratera, uma grande lacuna mesmo, entre o que lemos na Bíblia e o que vivemos na prática. E existe ainda outro “buracão” em nossa vida eclesiástica. Ademais, parece que até hoje achamo-nos tão distanciados do cristianismo apostólico, como o Papa está do casamento. Somos uns desconhecidos para a comunidade do divino poder do Pentecoste. Estamos totalmente alienados daquele revestimento de poder com o qual nossos pais espirituais, na primeira década após o Pentecoste, eram capazes de sacudir uma cidade.

Lembro-me que certa vez comprei uma lata de tinta por causa da excelente propaganda que ela tinha. A mensagem de “pintura rápida, secagem imediata e acabamento permanente” me fisgaram direitinho. Entretanto, minha experiência com aquele produto foi um verdadeiro fiasco. E será que a culpa foi da tinta? Não; o pintor é que foi o transgressor, pois não leu as instruções e, por isso, o resultado não poderia mesmo ter sido o prometido pelo anúncio. É exatamente isso o que acontece conosco, cristãos que somos; se temos a intenção de alcançar um derramar do Espírito Santo, precisamos nos voltar para as instruções da Bíblia.

E mesmo antes desse retorno à Palavra de Deus, devemos fazer uma importante pergunta: “Será que realmente desejamos uma outra Reforma ao estilo da Bíblia?” Uma outra questão, também

difícil de responder, é esta: “Desejamos, de coração, uma visitação pentecostal do Espírito que irá abalar nosso *status quo* espiritual, social e econômico?” (Deixe-me colocar um sinal de “Pare” aqui: A menos que você possa responder “Sim” a essas duas perguntas, nem continue com a leitura deste livro.)

Nossa investigação a respeito do tema: “Pentecoste a Qualquer Preço” não é apenas para encontrar uma resposta para os bancos vazios de nossas igrejas e nem mesmo para resolver aquela dor de cabeça dos pastores: crentes que só aparecem na igreja nos domingos à noite. Também não se trata de um atalho para colocarmos nossa igrejinha ou denominação particular de pé. A resposta para o problema é muito simples – faça com que fiquem de joelhos. Nossa descoberta sobre o Pentecoste poderá trazer muitas mudanças dentro de uma igreja. Por outro lado, é possível que o vinho novo faça com que os velhos odres se rompam.

Se realmente quisermos, poderemos ter o Pentecoste de volta. Contudo, a estrada que leva até o cume dessa montanha de bênçãos é percorrida passo a passo. (Estou assumindo aqui que meus leitores crêem que a Bíblia seja a Palavra de Deus inspirada, infalível e imperecível, e que não é um mero clichê dizer: “Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente” [Hebreus 13.8]).

O Preço da Repreensão

A simples sugestão de reuniões de oração para “esperar” o revestimento de poder é o bastante para que alguns nos rotulem de Pentecostais (como se isso alterasse alguma coisa). As pessoas iriam apontar o dedo para nós e dizer que estamos tentando ser super crentes, ou fariam comentários cochichados do tipo: “Eles estão querendo parecer muito espirituais” o que, aliás, seria um título muito bom para se apresentar diante do tribunal de Cristo. Ou, se por causa de nos sentirmos libertos das cadeias do pecado, saltamos de alegria – nem que seja no coração, se não nos for possível com os pés físicos – então, de nossos críticos viria a desconcertante frase: “Estão embriagados” (Atos 2.13). Dificilmente poderemos nos livrar de todas essas críticas.

Outra reprovação poderá ser o fato de que a maneira do Espírito Santo e Seu método de direcionar a adoração seja tão anti-ortodoxa que poderemos ouvir outra vez o incrédulo dizer a nosso respeito, que somos “iletrados e incultos” (Atos 4.13). A carne odeia ser menosprezada intelectualmente por aqueles que se dizem intelectuais. Será que estamos prontos a pagar o preço da reprovação?

Bem, então, se a repreensão não é tão grande, ou se o preço a pagar não é muito alto, ou se o sacrifício não é tão difícil e se o estigma não é tão humilhante, então poderemos considerar o próximo passo para a recuperação espiritual.

O Preço do Rompimento

Os comentaristas dizem: “É claro que hoje em dia não precisamos permanecer nessa busca incessante de Deus, pois estamos na dispensação do Espírito Santo”. No sentido dispensacional (se é que podemos empregar esse termo já tão “maltratado”), eles têm razão. Mas eu ainda acho que precisamos perseverar na busca.

Em primeiro lugar, observemos que isso implicaria em que teríamos de frustrar nossos planos pessoais. O Espírito Santo não é “garoto de recados” de ninguém; Ele não age ao nosso comando. Ele não pode ser desprezado (diminuído) pela vontade falha do ser humano sem que soframos sérias conseqüências. Para que haja recuperação espiritual Ele deve ser obedecido. E basta a calamidade chegar que todos vão querer ser espirituais. Os viciados na bolsa de valores só deixam de ir ao seu santuário de mamom quando ocorre algum problema sério pessoal ou no país, ou é convocado um dia nacional de oração* (e isso, normalmente, só acontece quando não há outra saída) e, consequentemente, não há outras atividades. Uma situação de “gato e rato”, em geral, leva muitos à oração. Entretanto, será que também temos o hábito de orar quando não estamos em apuros?

Precisamos nos lembrar de que a guerra sempre traz ruptura. Quando eu estava visitando a cidade de Londres, Inglaterra, logo

após a Segunda Guerra Mundial, da sacada da Catedral de St. Paul olhei a rua lá embaixo e vi uma monstruosa crosta de concreto. O guia me disse que a parte de cima daquele bloco era de mais ou menos uns nove metros de espessura. Em baixo dessa base e em relativa segurança, Winston Churchill, seu conselho, e seus conselheiros militares passavam noites acordados montando estratégias de ataques, tentando ser mais espertos que seu astucioso inimigo. E esse rompimento com a rotina de vida se mostrou mais acentuado quando a Inglaterra ficou sozinha na guerra, e as forças destruidoras de Hitler chegaram ao

_____
* As raízes evangélicas do país (EUA) são responsáveis por esse tipo de convocação.
Canal da Mancha, a pouco mais de trinta quilômetros do solo inglês.

E enquanto os oficiais superiores estavam assim tão engajados, os “peixes pequenos”, ou soldados, também tinham suas tarefas. Isso significava que cada noite um deles tinha de sair às ruas – fosse debaixo de uma tempestade, ou de uma “chuva” de estilhaços de granada – para apagar as bombas incendiárias, caso fosse necessário. Era uma missão arriscada. E nisso havia o peso do dever, bem como um pouco da destruição inerente a toda guerra.

E será que, na guerra santa contra o diabo e suas obras, podemos exercitar uma obediência seletiva? Podemos orar só quando bem quisermos? Podemos buscar a plenitude do Espírito só quando estivermos com vontade? Não! Se estivermos cientes de que agora é a hora em que Deus vai realizar algo novo, todos os precedentes ficam sem valor.

Isto nos leva ao terceiro obstáculo:
O Preço da Espera

Precisamos desse tempo de espera para nos conscientizar-mos de que a visitação do Espírito Santo não tem de se encaixar em nossa órbita teológica pré-concebida. Precisamos do período de espera:

– Para nos humilharmos e confessar o pecado de termos ficado satisfeitos por tanto tempo, fazendo apenas os trabalhos de nosso interesse;
– Para termos os nossos olhos espirituais novamente focados na santidade de Deus e na perdição do homem;
– Para tardarmos um pouco até adquirirmos um espírito quebrantado e contrito;
– Para provar que podemos ser superiores às alegações desta era materialista em que vivemos;
– Para ouvirmos novamente a vivificante voz do Deus vivo;
– Para evidenciar a ineficácia de nossos próprios esforços e a necessidade de nossa absoluta dependência de Deus para obter livramento nesta era dominada pelo pecado;
– Para convencer nossos amigos céticos que amamos a vontade de Deus, que ansiamos pelo Seu favor, que buscamos o poder do Senhor com mais zelo do que o que dedicamos à nossa vida de negócios, e com uma fome maior do que a que sentimos pelo alimento material;
– Para uma sincera confissão de pecados e súplica por purificação através do sangue de Cristo. E na presença divina, faremos votos de consertar as coisas erradas e permanecermos submissos à soberana vontade de Deus. Creio que, depois de tudo isso, o Espírito descerá sobre nós.

Será que o fogo e o fervor da igreja primitiva, conforme revelados em Atos dos Apóstolos, é mesmo a norma para a igreja de Jesus Cristo? Acreditamos que sim. Jesus veio para que pudéssemos ter “vida abundante” (João 10.10); vida com brilho, com derramamento e com superabundância.

O Espírito Santo não discrimina as pessoas por causa da posição que ocupam na igreja. Ele desceu sobre Saulo e transformou-o em Paulo, um apóstolo. O Espírito também capacitou Filipe e ele virou a cidade de Samaria de cabeça para baixo e saqueou o reino do diabo.

Evidências sobrenaturais seguiram todos os avivamentos. É claro que os milagres exteriores foram mais impactantes em algumas operações do que em outras. Entretanto
– e isso é o ponto fundamental da questão – sinais e maravilhas aconteceram; os racionalistas e os materialistas ficaram confundidos e, muitas vezes, em silêncio (Hebreus 2.2-4).

Para que haja avivamento existe risco e dor – dor para o nascimento do avivamento em si, dor por causa do desprezo dos outros enquanto a ação de Deus ainda está em progresso, e dor quando o fogo deste mover se extingue.

E repetidas vezes fazemos a mesma pergunta: “Por que o avivamento chega como um incêndio, mas para a alegria dos críticos, logo se abranda e morre?” A resposta a essa questão pode ser uma ou duas destas (às vezes até mesmo as duas juntas). Primeiro: a ignorância pode apagar o Espírito – uma incapacidade de ouvir a voz do Senhor para dar o próximo passo. Segundo: a desobediência – esse parece ser o fator mais provável para apagar a chama que procura consumir toda a impureza. Certamente existem outras causas, como a lentidão em cumprir a “agenda” apertada que o Espírito exige, ou pode haver uma certa satisfação, um tanto presunçosa, de que agora se tem “alguma vida”.

Precisamos nos lembrar novamente que a igreja primitiva “movia-se”; e quando existe a ação de se mover, alguma coisa ou alguém acaba ficando para trás. Os modernos Ananias e Safiras irão achar a caminhada muito desconfortável e o preço a pagar muito alto. Para que o fogo do avivamento se mantenha aceso, precisaremos de nos reunir:

– Diariamente para adorar e louvar a Deus. É isso o que a igreja em Atos estava fazendo (Atos 2.42-66);
– Diariamente para partir o pão. A igreja apostólica também estava agindo assim;
– Diariamente para orar. Esse era o padrão na igreja primitiva;
– Na unidade do Espírito. Essa era a paixão dos primeiros crentes.
Esse calendário rigoroso seria a morte de muitos dos nossos frágeis

e improdutivos estilos de vida. Com que facilidade nós, cristãos, continuamos nossos empreendimentos sabendo que, a menos que os homens ouçam e creiam, estão perdidos! Como podemos ficar passivos diante da certeza da destruição eterna deles? A preguiça tem se infiltrado em nossos esforços. O hipnotismo do materialismo tem quase que completamente obstruído o canal de bênçãos. Permanecemos indesculpáveis e condenados.
Quase qualquer cristão, sem exceção, já sabe muito bem que não deve viver pelo atual padrão de espiritualidade. “Meus irmãos, não convém que isto se faça assim” (Tiago 3.10). Só há uma maneira de a Igreja funcionar – à maneira de Deus. E a Bíblia é o perfeito projeto para que essa forma dê certo. Aqui, então, está o caminho de volta para Pentecoste e para a glória!

Envia-nos um despertamento maior do que este pelo qual a tua igreja ora;

Que seja rápido como um momento e infinito para sempre.
Derrama a tua graça independente do nosso frágil empenho,
Da-nos almas pelo nosso trabalho e o Pentecoste agora! (Tradução livre)





CAPÍTULO SETE

A FÉ RI DIANTE DA IMPOSSIBILIDADE

O

apóstolo Pedro está na prisão! Que grande golpe!

Estamos muito distantes dessa cena para conseguirmos capturar a atmosfera de temor que envolveu os cristãos naquela ocasião. Pedro havia ido do Pentecoste para a prisão; do escárnio para a lança. Ele estava sendo vigiado por dezesseis soldados. Podemos nos perguntar por que é que um simples homem, indefeso, precisaria de tantos guardas para ficarem de olho nele? Será que era porque o rei Herodes temia o sobrenatural, lembrando-se de que Jesus havia escapado das mãos de um grupo parecido, que guardava o sepulcro onde Ele estava?

Se Pedro estivesse sendo vigiado por mil e seiscentos soldados, o problema não teria sido maior e nem a fuga menos certa. O discípulo estava preso não apenas por correntes, mas também pelas grossas paredes daquela prisão, por três guarnições de soldados e, finalmente, por portões de ferro.

Quando Pedro estava na prisão, será que a igreja elaborou um plano para que ele fosse liberto? Não. Quando ele estava atrás das grades, será que os cristãos procuraram Herodes para suplicar em favor dele, ou ofereceram uma certa quantia aos magistrados pela sua libertação? Não. Pedro havia libertado outros por intermédio da oração; agora era hora dessas mesmas pessoas crerem por sua liberdade.

Por todo o livro de Atos encontramos orações e mais orações. Inclusive acredito que o nome ficaria melhor se chamasse “Atos de Oração”. Pesquise fundo neste livro e descubra o poder que motivava a igreja primitiva. No capítulo 12 encontramos um relato a respeito de um grupo que orava. Embora as hostes malignas se houvessem unido contra Pedro, os crentes estavam confiando:

havia um Deus que poderia e iria libertar seu discípulo. A única operação de resgate que nunca falha é a oração.

Não havia limites nas orações daqueles que intercediam em favor do discípulo; a igreja estava orando a Deus incessantemente em favor dele. Eles não pareciam estar preocupados se Herodes iria morrer ou não. Também não estavam pedindo por um outro êxodo para um país mais hospitaleiro; estavam orando por uma pessoa: Pedro, e orando por uma única coisa: a liberdade do discípulo de Jesus. E a resposta que obtiveram às suas orações provou o contido nesta promessa: “E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei” (João 14.13).

Alguns comentaristas desse relato bíblico, na sua simplicidade, disseram que quando os irmãos que estavam orando ouviram que Pedro estava à porta, não acreditaram que fosse mesmo ele. Não posso aceitar essa idéia, pois tenho certeza de que quando estavam orando em favor do apóstolo, estavam crendo que Deus iria operar. Prefiro pensar que eles chegaram a ficar assustados por alguns momentos, mas foi por causa da rapidez da resposta, e não por incredulidade. Para mim, até mesmo se tivessem levantado as sobrancelhas quando ouviram Pedro dizer: “Saí da prisão escoltado por um anjo, com toda rapidez e facilidade”, deveríamos desculpá-los. (Da próxima vez que você passar por uma dessas portas automáticas, que se abrem como num passe de mágica nessas lojas da cidade, lembrese de que a primeira dessas portas abriu-se obedecendo a comandos “lá de cima”!).

Parece que os livramentos realizados por intermédio de anjos não encontram muito lugar em nossa teologia moderna. Talvez seja porque gostaríamos que o Senhor respondesse às nossas orações de uma maneira mais discreta; afinal de contas, quem espera que as forças angelicais sejam perturbadas simplesmente para trazer livramento a uma alma que ora? Entretanto, muitos dos santos que oraram nos tempos apostólicos alcançaram resultados sobrenaturais. O Senhor usou um terremoto devastador para trazer libertação ao apóstolo. A oração é dinamite.

Não existe nenhuma arma capaz de neutralizar o poder da oração. Algumas coisas podem retardar a resposta, mas nada jamais poderá impedir o supremo propósito de Deus. “Se tardar, espera-o” (Habacuque 2.3).

O primeiro requisito na oração é crer:

– Crer que o Senhor é Deus e que “é galardoador dos que o buscam” (Hebreus 11.6);
– Crer que Deus está vivo e que, portanto, tem todo o poder não apenas para a libertação de Pedro, mas também para a nossa;
– Crer que Deus é amor e que se importa com aqueles que são d’Ele;
– Crer que Deus é poder; portanto, nenhum outro poder pode prevalecer contra Ele;
– Crer que Deus é verdade e que, por isso, não pode mentir;
– Crer que Deus é Rei e que jamais irá abdicar de Seu trono ou falhar em Suas promessas.
Refletindo sobre a história de Pedro, me senti repreendido, humilhado, afligido e atormentado. E sabe por quê? Porque existem grandes santos da era moderna, muitos dos quais ainda hoje estão trancados em prisões. Watchman Nee*, por exemplo, por muitos anos padeceu e foi mantido em cativeiro por comunistas. Em vários países em guerra hoje, o mesmo destino tem sucedido a muitas testemunhas escolhidas por Deus.
Tais riscos a outros membros do corpo de Cristo exigem concentração e consagração em favor de um empenhado plano de oração em favor deles. Temo que não tenhamos orado ao Senhor sem cessar em favor desses que sofrem pelo reino de Deus.
Em seu livro, *O Peregrino*, João Bunyan nos mostra o seu Cristão sendo mantido prisioneiro pelo Gigante Desespero, dentro do Castelo da Dúvida; a chave para a sua liberdade foi a Promessa. Nós, cristãos, estamos encarcerados em prisões de muitos níveis hoje em dia – pessoal, doméstica, da igreja, e até mesmo de iniciativas missionárias. Entretanto, as correntes se quebram e as masmorras desabam quando a igreja coloca diante de Deus:
– Orações sem cessar;

– Orações que podem abalar o nosso *status quo*;
– Oração que nos tira o interesse por qualquer outro assunto;
– Oração que nos deixa empolgados por causa de suas muitas possibilidades;
– Oração que vê Deus como Aquele que governa nas alturas, poderoso para salvar;
– Oração que ri diante das impossibilidades e clama: “... a palavra que eu falar se cumprirá...” (Ezequiel 12.25).
– Oração que vê todas as coisas colocadas sob os pés do Senhor;
– Oração que é motivada pelo desejo de ver a glória de Deus.
Oração é imprescindível, mas precisamos cuidar para

_____
* Watchman Nee faleceu na prisão em 1972, na China, onde estava preso desde 1952.

que a nossa oração não se torne um ritual. O local de oração é mais que um depósito onde guardamos todas as nossas ansiedades, lamúrias e temores. Esse local também não deve ser um lugar para deixarmos a nossa lista de compras diante do trono de Deus, onde existe poder sem fim e suprimentos inesgotáveis.

O lugar de oração não é apenas o espaço onde eu me vejo livre do meu fardo, mas também um lugar para eu tomar o jugo do Senhor. Eu divido com Ele o peso que está sobre mim, e Ele divide comigo o que está sobre Ele. “O meu jugo é suave e meu fardo é leve” (Mateus 11.30). Para conhecermos esse jugo precisamos ouvir a voz do Espírito Santo. E para ouvir essa voz, precisamos nos aquietar e saber que Ele é Deus.

Esta hora calamitosa pela qual passa os assuntos humanos requer uma igreja mais saudável da que temos hoje. Esta evidente manifestação do mal no meio da nossa juventude e a violação dos mandamentos divinos por todo o mundo exige uma fé que não recua.

Diante disso, será que poderemos deixar nossas espadas de oração enferrujadas nas bainhas da dúvida? Poderemos deixar nossas

desafinadas harpas de oração penduradas nos salgueiros da descrença?

Se Deus é o Deus de incomparável poder e inacreditável força;
Se a Bíblia é a Palavra imutável do Deus vivo;
Se as virtudes de Cristo são tão atuais hoje quanto quando Ele primeiro se entregou a Deus depois de sua ressurreição;
Se hoje Ele é o nosso único Mediador;
Se o Espírito Santo pode nos vivificar como ele fez com nossos pais espirituais, então todas as coisas são possíveis hoje.
O mar estava agitado, os ventos soprando forte, os marinheiros desesperados, os mastros indo pelos ares, as estrelas se escondendo, o Euro-Aquilão explodindo. O povo estava apavorado e gritando, gemendo e soluçando. Somente um homem estava louvando. Todos estavam esperando a morte; exceto Paulo. Diante de uma cena de absoluto desespero, se é que houve alguma, Paulo declarou: “Senhores... eu confio em Deus” (Atos 27.25).
Como as coisas nestes nossos dias parecem estar desmoronando, eu me uno a Paulo, e declaro com o coração cheio de fé: “Senhores... eu confio em Deus”. O leitor gostaria de se unir a mim?





CAPÍTULO OITO

PRECISAMOS DE OUTRO PENTECOSTE

N

a última segunda metade do século passado, acadêmicos bíblicos nos deram uma nova e completa safra de traduções e transliterações do Novo Testamento. Em uma dessas, o Dr. J. B. Phillips, em sua impactante paráfrase do livro de Atos, oferece-nos algo para pensar. O Dr. Phillips acreditava que o título do livro deveria ser *Alguns Atos de Alguns Apóstolos.* E eu creio que ele tinha razão nisso.
Houve uma época em que a igreja segurava uma espada

de dois gumes e golpeava com força com ela. Ele disse que essa era a imagem que o Novo Testamento oferece para a igreja primitiva, antes que ela se tornasse gorda e fatigada por causa da prosperidade, com os músculos enrijecidos por causa do excesso de organização.

Segundo ele, essa igreja de Atos “não repetia orações, mas orava no Espírito Santo; ela não escrevia artigos de fé (os quais os seus membros deveriam cumprir) e, sim, agia em fé; ela também não formava grupos para estudar medicina psicossomática, mas curava os doentes.”

Onde, quando e por que, então, a igreja perdeu esse seu caráter de operação sobrenatural? Não é de se admirar que Arthur Wallis tenha clamado a esta geração: “Os caminhos do cristianismo apostólico precisam ser recuperados, ou a igreja dos dias futuros jamais irá se libertar das tormentas que já ameaçam ceifá-la.

Em uma conferência missionária realizada no Oriente, eu fiquei preocupado ao encontrar missionários perturbados com a teologia de Karl Barth. Eu até conseguia ouvir a voz de Paulo clamando: “Quem, afinal, é este Barth? Ou quem é Rudolf Bultmann?” E novamente pude ouvir o apóstolo clamar cheio de ira: “Foi Barth crucificado por vocês?” Deixe-me esclarecer algo aqui. Karl Barth definitivamente não me faz ter dor de cabeça; o que eu sinto é uma dor no coração. Gostaria de saber quando é que a igreja irá se preocupar, pelo menos um pouco, com a grande febre de iniqüidade que tem se agarrado a todas as nações nestes nossos dias. Gostaria também de ouvir que as pessoas estão indo à casa do Deus vivo, vestidas de panos de saco e cobertas de cinzas, em contrição pelo fato de a glória do Senhor ter-se afastado do santuário.

O velho Exército da Salvação ainda canta:

Olhai e vede as hostes que esperam; Dê-nos o prometido Espírito Santo. Queremos outro Pentecoste;
Manda fogo! (Tradução livre)

Bem, se queremos ou não outro Pentecoste, não sei; entretanto, de uma coisa podemos ter certeza: necessitamos urgentemente de um! Precisamos que o Senhor derrame outro caldeirão da lava celestial, transbordando de outro cenáculo para o grupo de igrejas moribundas que vemos hoje. O mundo precisa saber que existe um Deus no céu, mesmo que uma dupla de

russos inteligentes tenha zombado dessa presença só pelo fato de circundarem a terra a algo em torno de vinte e oito mil quilômetros por hora. Eles se esqueceram, suponho, que estavam viajando a uma velocidade quase quarenta mil vezes mais devagar do que a luz de Deus; e isso por hora! “Ri-se Aquele que habita nos céus” (Salmo 2.4).

Segundo meu julgamento, só um tolo tentaria equiparar o cristianismo deste tempo presente com aquele ardente, contagiante, inflamante, que espalhava manifestações do poder do Espírito Santo, como revelado no livro de Atos dos apóstolos mais de uma vez. Vivemos tempos em que o grande abismo que existe entre o céu e o inferno parece apenas um pouco mais aterrorizador que aquele que separa a igreja do mundo. Sou desta inabalável opinião de que destes países chamados cristãos, nenhum deles está, realmente, alcançando o perdido em proporções significativas.

E deixe-me acrescentar algo aqui: Não existe nenhuma esperança de um imediato reavivamento até que a perdição do homem nos agarre como uma febre e nos leve a uma verdadeira faxina pessoal de vida cristã e também da igreja. Se algum dia houve na história da humanidade um momento de grande emergência, este momento é agora. Se a nossa taxa de natalidade fosse tão baixa como a taxa de conversões, as nações estariam em pânico. Se as nações estivessem oscilando à beira do desastre econômico como a igreja está balançando à beira do colapso espiritual, os homens do governo estariam suando e perdendo o sono em busca de soluções.

A resposta para o nosso dilema não é uma nova revelação do céu, mas buscar os caminhos antigos e cavar os velhos poços, os quais foram entupidos por um conhecimento dito superior, pelo orgulho humano e por uma desobediência vazia. Existe bálsamo em Gileade. A questão não é: “Vamos conseguir pagar o preço do Pentecoste?” Mas, sim: “Será que podemos *não* pagar o preço do Pentecoste?”.



CAPÍTULO NOVE

_____ _____

EM SUA JORNADA RUMO À GRANDEZA, JESUS SUJEITOU-SE AO SILÊNCIO

C

erta vez um sábio disse o seguinte: “Alguns homens nascem para ser grandes, outros conseguem se tornar grandes, e ainda outros recebem a grandeza por atribuição de terceiros.” Todas essas três características eram verdadeiras a respeito de Jesus Cristo, o Filho de Deus.
Primeiro, Ele nasceu para a grandeza – nasceu para ser o

Primogênito entre muitos irmãos e para ser o Primogênito de entre os mortos. Nasceu para a grandeza, gerado por Aquele que é a Grandeza personificada – o Espírito Santo. Ele nasceu do Espírito para a carne, para que nós, que somos nascidos da carne, também pudéssemos nascer do Espírito.
Jesus Cristo também alcançou a grandeza. Mesmo para o

Filho de Deus havia crescimento, sofrimento e correção. Mesmo para o nosso Salvador houve provas de obediência. Ele aprendeu a obediência por intermédio das coisas que sofreu durante uma parte da sua vida terrena.

E, por último, Jesus Cristo recebeu a grandeza por atribuição do Pai. Agradou ao Pai determinar que um dia todo joelho terá de se

dobrar diante do Filho e que, para a glória do Pai, toda língua, em todos os idiomas, O confessará. Ele, o Filho, será o supremo Juiz das gerações.

Em um livreto intitulado *The Hidden Years* (Os anos escondidos), John Oxenham tenta nos contar a história não contada do desenvolvimento humano de Jesus. Entretanto, ele falha terrivelmente nessa tarefa. A interpretação desaba debaixo do peso da sua própria fantasia.

Na sua clássica obra *The Life and Times of Jesus Christ* (A vida e os Tempos de Jesus), Dr. Alfred Edersheim gasta quase mil e quinhentas páginas para nos dar a sua interpretação da vida do Mestre. Comparando ou contrastando com o apóstolo João, este discípulo gastou apenas vinte e uma páginas em seu evangelho para nos apresentar a inspirativa história da vida de Cristo. Mesmo se juntarmos esses dois relatos, ainda assim, iremos chegar à mesma conclusão a que chegou a rainha de Sabá: “Eis que me não disseram a metade...” (2 Crônicas 9.6).

Precisamos nos lembrar novamente, para o nosso próprio bem, que a palavra “mistério” é a primeira que surge quando pensamos em linguagem teológica. Nosso saudoso e amado irmão Dr. A.W.Tozer costumava dizer: “É sempre bom ter um pouquinho de mistério em nossa alma”. Concordo plenamente! Entretanto, mesmo assim, gostaria de compartilhar com o leitor alguns pensamentos a respeito das maravilhosas e grandes realizações do nosso amado Senhor Jesus.

Todavia, não podemos permitir que a nossa imaginação cometa excessos aqui. Tudo o que Deus preferiu manter debaixo de mistério, não devemos tentar revelar. Minha preocupação neste estudo, porém, é pensar um pouco, juntamente com o leitor, a respeito dos anos “não revelados” da vida terrena de Jesus – aquele período no qual agradou ao Pai ocultar o Filho.

Para mim, a paciente espera de Jesus, durante esses trinta anos em que esteve “esquecido”, é algo absolutamente fantástico. Quem, a

não ser o nosso abençoado Jesus, poderia ter ficado atolado até o tornozelo nas serragens de madeira, no seu ofício de carpinteiro – quieto e em silêncio, no meio de uma religião que oprimia, extorquia e que era corrupta? Quem, senão o próprio Cristo poderia ter mantido um profundo silêncio enquanto homens justos e sedentos lamentavam a demora da vinda do Filho de Davi, levantando altos clamores no Muro das Lamentações?

Quantas vezes durante aqueles anos Jesus, visitando o Templo e presenciando aqueles inúteis sacrifícios de animais, teria lançado um rápido olhar nos olhos do Pai, esperando com paciência por um sinal, para que ele pudesse declarar-se a si mesmo o poderoso Filho de Deus.

Supondo que Jesus Cristo, enquanto ainda em sua juventude, tenha tido acesso às Escrituras, será que Ele não teria lido com toda a atenção a respeito dos caminhos tortuosos seguidos pelos homens, em sua busca para alcançar o topo da espiritualidade?

Jesus, o Filho de Deus que deixou a glória do Pai, certamente sabia que Moisés passou quarenta anos aprendendo em uma fazenda de ovelha, em uma das partes mais escondidas do deserto. A saída de Moisés do palácio real custou-lhe a perda das insígnias militares que ele trazia dependuradas em seu peito. Sua mão, que outrora descansava em uma espada real, agora tinha de descansar quarenta anos sobre um cajado de pastor.

Durante as leituras que Jesus fez nas Escrituras, Ele certamente foi levado a ver que seu protótipo, José, também teve um tempo na prisão como sua parte do treinamento na Universidade do Silêncio, a qual Deus leva todos os Seus grandes homens.

Jesus também sabia sobre Elias que, antes de por um fim à jornada de Jezabel, teve de passar por uma mudança, indo de sua fase de herói para um treinamento por um período de três anos de descanso no deserto. Durante esse tempo ele tinha apenas duas refeições por dia.

“No rolo do livro está escrito a meu respeito” (Salmo 40.7; Hebreus 10.7). Será que essas palavras revelam que Jesus havia lido o Livro? Ou (sublime mistério) seria verdade que uma vez que Jesus era a Palavra, toda Ela estivesse gravada em Seu ser, e que mesmo sem jamais a ter lido, Ele a conhecesse toda? Afinal de contas o Pai, o Filho e o Espírito Santo foram co-autores desse Livro infalível.

Que paciência Ele deve ter tido para ficar vendo aqueles orgulhosos e insuportáveis fariseus: seus desfiles carnais de todo dia, suas lamurientas orações pelas esquinas da cidade, a sua constante competição para ver qual deles conseguiria mais admiração de um grupo maior de pessoas, por causa de sua “santidade”. Quando Jesus os via tentando roubar a glória de Deus, certamente sentia uma profunda dor em Sua alma. O Senhor Jesus Cristo esperou muito tempo antes de, finalmente, chamá-los de “sepulcros caiados” (Mateus 23.27).

Tenho certeza de que Jesus, como carpinteiro, fez também caixões funerários, e deve ter visto muitos cortejos fúnebres; contudo, não ficava ansioso querendo poder para ressuscitar os mortos. Embora Ele fosse “a ressurreição e a vida” (João 11.25), mesmo assim, com infinita paciência, esperou o dia quando poderia tocar o esquife do filho de uma viúva e abalar a cidade com a notícia a respeito do Seu poder de dar a vida.

Maravilhosa graça do nosso amado Senhor que, sem ser observado por ninguém, sendo desconhecido, e em silêncio, pôde se colocar nas sombras enquanto uma imensurável dor assaltava a sua alma e clamava por ouvir Sua voz.

Certa ocasião algumas pessoas elogiaram o Senhor, dizendo: “Nunca homem algum falou assim como este homem” (João 7.46). Entretanto, geralmente eles O ignoravam ou se opunham a Ele. Mesmo assim, o Senhor permaneceu firme e declarou: “Eis aqui estou, para fazer, ó Deus, a Tua vontade” (Hebreus 10.7).

A maioria de nós não suporta ser qualificado menos do que o que consideramos ser. Podemos até não buscarmos ser destaque em

algum desfile, mas – e aqui está nossa lamentável fraqueza – necessitamos fazer parte dele. O desfile de “piedade” dos fariseus lhes dava o louvor dos homens. “Eles já receberam a recompensa” (Mateus 6.2), disse Jesus.

Como verdadeiros filhos de Deus que somos, não temos nada propriamente nosso para defender ou promover. Nossa tarefa é apenas carregar o fardo do Senhor, que é leve.

“Existem duas coisas a fazer com relação ao evangelho: crer e agir”, dizia Suzana Wesley aos seus famosos filhos, Charles Wesley e John Wesley.

Talvez Jesus tenha se misturado no meio das multidões durante meses, ouvindo João Batista trovejando as palavras do Senhor. E se realmente foi assim, Sua alma deve ter louvado a Deus entusiasticamente pelo fato de que quatrocentos anos de silêncio profético entre os Testamentos havia sido finalmente quebrado. Jesus teria assistido àquelas cenas de batismo com o coração em brasa, ao ver as multidões aumentando e os penitentes se prostrando à Palavra.

Jesus visitou o Templo onde um dia Ele iria encher com a Sua glória; contudo, sempre em silêncio. Ele não fez nenhuma exigência, não deu nenhuma dica, não manifestou nenhum poder, não entregou nenhuma profecia, não convocou nenhum discípulo, não reivindicou poder algum, nem destruiu nenhum mal – Ele simplesmente aguardou em silêncio, fortalecido, paciente.

Contudo, Sua hora chegou. Um dia João Batista declarou: “Eis!” e ouviu-se uma Voz do céu. O dia da Sua “graduação” havia chegado. Quanto a alma do nosso Senhor deve ter vibrado de alegria com isso!

Amigo leitor, pastor, será que você está escondido, esquecido em um canto? Não! Ninguém consegue esconder-se dos olhos do Senhor.

E você, solitário e quase exausto missionário, será que está esquecido e negligenciado em algum esquecido vilarejo de um afluente do rio Amazonas (ou algum outro rio)? Jamais! Isso é plano de Deus. Ele está moldando a sua vida para a eternidade. Companheiro peregrino, se o Abençoado e Ungido Filho de Deus pôde esperar com paciência, andar com perseverança, e esperar nas sombras até receber a vindicação do Pai, por que, então, você e eu deveríamos ficar nos consumindo de ansiedade?



CAPÍTULO DEZ

_____ _____

EMBORA JOGADO DE UM LADO PARA OUTRO

S

erá que o crente é uma bola de futebol para ficar sendo jogado de um lado para outro pelo diabo? Será que somos uma folha seca, para sermos arrebatados em um movimento brusco do vento e sermos lançados pelos ares e, em seguida, arremessados novamente para baixo, em uma outra direção? Nos termômetros localizados do lado de fora de nossas

janelas o mercúrio move-se rapidamente para cima quando fica debaixo da pressão do calor excessivo. Por outro lado, quando sobrevém um vento muito gelado, cai a temperaturas baixíssimas, até mesmo negativas. No termômetro da vida, será que o cristão é como um mercúrio impotente, controlado pelas oscilações da vida, ou como um termostato com tudo sob controle?
Sabemos que o crente não pode controlar as circunstâncias de sua vida – afinal de contas, elas mudam como as ondas do mar. O cristão também nem sempre vai conseguir controlar suas emoções – de repente pode lhe sobrevir situações de dor que poderão abalá-lo grandemente. Outra coisa que o crente também não pode controlar são os seus bens, pois podem aumentar ou diminuir de uma hora para outra, segundo as oscilações do mercado financeiro. E, ainda, não podemos controlar nossa saúde – de repente podemos ser atacados por um vírus que nos colocará em nocaute.

“Firme está, o meu coração, ó Deus!” (Salmos 57.7; 108.1), dizia o salmista Davi. E se podemos firmar o nosso coração, também podemos manter a nossa vontade firme; assim, sendo capazes de manter a nossa vontade firme, também poderemos manter as nossas emoções sob controle.

Minha preocupação aqui é exatamente com as emoções do cristão. Será que o crente precisa viver debaixo da escravidão das variações de seu humor? Parece que é o que muitos fazem. Todavia, será que tem de ser assim? Não é esta servidão ao estado de espírito exatamente o que mantém aprisionado o homem sem Deus?

Tenho visto muitos cristãos permitirem que suas emoções sejam afetadas pela opinião das pessoas e pelas circunstâncias. Contudo, será que o fato de a maré estar contra em certo momento seja motivo para que uma pessoa sucumba debaixo da depressão? Será que são nossos sentimentos que nos controlam, ou somos nós que devemos controlá-los? Você acha que Jesus era uma pessoa mal-humorada? Nem por um momento imagino que Ele fosse!

Vejamos agora o exemplo de um simples mortal, o apóstolo Paulo. Será que alguma vez ele esteve “pra baixo”, como os modernos costumam dizer? Depois de ser injustamente sentenciado à prisão, alguma vez você viu Paulo choramingando e sentindo-se abandonado?

Paulo estava constantemente sendo agredido! Ele foi espancado algumas vezes – “Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um”. Ele teve o seu corpo machucado – “uma vez, apedrejado.” Ele foi agredido pelas

Embora Jogado de um Lado Para Outro

ondas do mar – “uma noite e um dia passei na voragem do mar”. O apóstolo também foi agredido pelo cansaço físico
– “em trabalhos e fadigas.” Ele sofreu até mesmo a agressão da escassez de alimento – “na fome” (2 Coríntios 11.24-27).

O apóstolo passou por várias tribulações; entretanto, ele sempre se reanimava! Paulo foi atribulado, porém não angustiado; esteve perplexo, mas não desanimado; perseguido, porém não desamparado; abatido, porém não destruído; expulso, mas não desencorajado; aprisionado, mas não empobrecido! (2 Coríntios 4.7-11).

Mesmo em frente às suas pavorosas opções de sofrimento, não vemos em Paulo nenhum sinal de abatimento, autopiedade, ou tristeza. Ele não apenas firmou seus calcanhares, rangeu os dentes, cerrou os punhos e, com os braços rijos e o rosto lívido decidiu que teria de resistir à assustadora tempestade de circunstâncias ruins – ele realmente enfrentou várias provações.

E eu torno a repetir: Paulo foi abatido várias vezes, mas permaneceu sempre alegre! Ouça-o gloriar-se nas tribulações, na necessidade, e debaixo de acusações. O verdadeiro cristão está sempre radiante, mesmo em meio a esperanças arruinadas; ele é capaz de cantar em meio às tempestades.

Quando estávamos no Cliff College, Samuel Chadwick sempre nos colocava para cantar esta canção:

Através de todas as inconstâncias da vida,
Em meio aos problemas ou às alegrias,
Os louvores ao meu Deus devem permanecer; É nisso que meu coração e minha boca se empenham. Por causa da Sua libertação vou exultar
Até que, por meio do meu exemplo,
Todos os que estão aflitos alcancem conforto
E acalmem suas aflições para descansar.
(Escrito por volta de 1960, por Nahum T. Gate – Tradução livre)

Na terra, o redimido canta juntamente com William Cowper:
Embora nem a videira e nem a figueira
Produzam o seu fruto costumeiro,
Embora todo o campo esteja seco

E não se encontre nem rebanhos por lá,
Deus ainda é o mesmo, e o seu louvor a minha voz sintonizará.

Pois enquanto n'Ele eu confiar, tudo o que posso fazer é me alegrar.
(Tradução livre)

O homem mundano é dominado pelas suas emoções e, sob pressão e opressão, o seu rosto deixa transparecer sua situação e estado de desesperança. O mesmo, entretanto, não acontece com o cristão genuíno que permanece em Cristo. Ele possui uma alegria inexplicável, uma fé inabalável e uma paz que é indestrutível.

Costumamos cantar: "Um cântico de libertação, de coragem, de força; em meu coração Ele colocou uma canção." Cante, meu irmão, pois o mundo já tem sofrimento suficiente!



CAPÍTULO ONZE

_____ _____

POR QUE ESTA INDIFERENÇA SUFOCANTE?

N

ós, cristãos, somos devedores a todos os homens, em todos os tempos e em todos os lugares. Os homens são cegos e, por isso, precisam ser guiados. Eles são prisioneiros – precisamos libertá-los. O homem pecador está espiritualmente doente – precisamos curá-lo. O homem sem Deus está morto – precisamos levantá-lo de entre os mortos por intermédio do poder do Espírito Santo.

Entretanto, somos teimosamente complacentes com o estado de perdição do homem! Somos cronicamente preguiçosos e insensivelmente indiferentes a este estado de perdição! Como negligentes, descompromissados, concupiscentes, e indolentes como os crentes da igreja de Laodicéia, estamos indolentes como os crentes da igreja de Laodicéia, estamos 19). Que Deus tenha piedade de nós, ou nos destrua. Será que conseguiremos um

Moisés para se colocar na brecha caso Deus resolva eliminar esta geração pecadora?

Será que se virmos um cego caminhando em direção à beira de um grande precipício, vamos permanecer parados, debaixo de uma indiferença presunçosa, mesmo sabendo que aquela iminente queda significaria morte certa? Qualquer indivíduo, eu lhe asseguro, faria um corajoso esforço para resgatar tal pessoa desse desastre.

Por que os nossos pés são tão pesados para resgatar aqueles que seguem desapercebidamente para a beira do abismo da eternidade, e cujo único passo para dentro de tal abismo selará para sempre o seu destino? Por que existe entre nós essa indiferença criminosa com relação ao homem perdido? E isso é realmente um crime!

Porventura não temos o que comunicar? Será que o nosso modo de vida é tão incompatível assim com o que falamos? Somos tão lamentavelmente inseguros a respeito da verdade da Bíblia concernente à condição do perdido? Será que temos o coração tão endurecido que nem as promessas de Deus, nem as Suas ameaças nos incomodam mais? Que tipo de polvo nos mantém aprisionados em seus tentáculos? Para onde a nossa paralisia espiritual ou a nossa atenção desleixada para com a verdade divina irá nos levar? E aos outros?

“A igreja está morrendo sob os próprios pés”, escreveu um incrédulo fazendo o maior alarde. Se isso é verdade, e aparentemente não há dúvidas de que seja, então a razão é porque a igreja não está vivendo de joelhos. Adeptos de falsas doutrinas se alastram como parasitas perniciosos à medida que espalham incansavelmente seus produtos diabólicos entre os milhões. Eles se agarram como sarna à nossa porta, à medida que negociam refugo como se fosse ouro, mentira como se fosse verdade, doença como se fosse saúde, cegueira como se fosse visão, prisão como se fosse liberdade, maldição como se fosse bênção, e morte como se fosse vida. O zelo deles é algo admirável, mas a “mercadoria” é detestável.

Nós, cristãos, corremos quilômetros para participar de um café da manhã religioso ou de um banquete gospel; entretanto, enquanto fazemos isso, não tomamos consciência de que centenas de vezes temos passado pela porta do nosso vizinho, o qual está perecendo sem Deus. Gastamos tanto tempo nos salões de beleza e com projetos do tipo “faça você mesmo” que as pessoas à nossa volta, refinadas como nós, mas perdidas, ficam esquecidas!

Recentemente conheci um grupo de jovens cristãos russos na Austrália. Eles haviam fugido do “paraíso” soviético* através de Xangai e Hong Kong. Depois da conturbada experiência que tiveram, a Austrália era como se fosse o céu para eles.

Entretanto, havia naquele grupo uma idosa senhora que estava tentando voltar para a Rússia. Será que ela estava com saudades? Não! Ela estava simplesmente sentindo falta da adoração que prestava a Deus quando estava em sua terra. Afinal de contas, em sua nova liberdade ela não encontrou o mesmo espírito de adoração que ela desfrutava juntamente com os cristãos russos em sua terra. Ela preferia o rigor do seu velho país e a compensação da adoração desinibida que desfrutava lá, às benesses atuais com formalismo religioso.

Os cristãos seriam incansáveis em trazer almas para o descanso que o Salvador – que é quem dá esse descanso
– oferece a elas, se todos tivéssemos a mesma obsessão por Cristo e por ver essas almas adorando a Ele.

Nossa condenação é porque sabemos como viver melhor do que estamos vivendo; poderíamos ter vida mais abundante do que temos, e realmente deveríamos ter. Contudo, nós mesmos duvidamos de que nosso zelo seja “com entendimento” (Romanos 10.2). Somos ineficientes no que diz respeito a demonstrar amor; porém somos abundantes em nossas desculpas.

_____

* O autor refere-se à época da Guerra Fria, levando-se em consideração que este livro foi impresso pela primeira vez em 1971.

Certo crítico disse que nossos templos estão cheios de pessoas vazias. Talvez eles estejam metade cheios de pessoas meio-vazias. Possuímos vida, mas não uma vida plena; poder, mas não todo o poder; preocupação, mas não uma preocupação que nos leve a agir; modismos, mas não paixão; interesse, mas não inspiração; habilidade, mas não disponibilidade. Não temos permitido que Deus nos use em favor de nossos companheiros.

Ouça o que um outro disse: “Se Deus não julgar o pecado desta nação, Ele terá de pedir desculpas a Sodoma e Gomorra.” Palavras assustadoras, pois são absolutamente verdadeiras!

A situação entre os Estados Unidos e Cuba tem mantido os americanos pisando em ovos, mas não de joelhos dobrados, como deveria ser. Em geral tememos por causa de nossa pele, mas não por causa de nossos pecados. Tememos o que os poderosos governantes de nações pouco amistosas podem fazer, mas não tememos o Deus Todo-poderoso.

D. L. Moody disse: “Prefiro acordar uma igreja adormecida do que um mundo adormecido”. As nossas indulgências nos condenam. Temos dormido demais, comido demais, gastado mais do que deveríamos em coisas sem importância, e pagado um preço que não poderíamos estar pagando.

A parábola bíblica diz que enquanto os homens dormiam, o inimigo deles veio e semeou joio no meio do trigo (Mateus 13.25). Um garoto que acorda todos os dias às quatro e meia da manhã para entregar jornais é considerado alguém batalhador, que vai à luta e que um dia conseguirá o seu lugar ao sol. Entretanto, convocar nossos jovens para levantar às cinco e meia da manhã para orar é considerado fanatismo.

Uma mulher com os seguintes compromissos – golfe, jogos de carta, dança – pode gastar até sete ou oito horas por dia envolvida com essas irritantes trivialidades. Entretanto, se essa mulher dedica essas mesmas horas à oração e distribuição de folhetos, é classificada como uma pessoa religiosamente desequilibrada.

Um homem que separa trinta dólares do seu orçamento semanal para gastar com cigarros, bebidas e jogos é considerado um indivíduo interessante e inteligente aos olhos do mundo. Todavia o irmão que, por causa do seu amor pelo Senhor e pelos perdidos, dizima a mesma quantia, não apenas ouve comentários maldosos de que está sendo explorado por pastores preguiçosos, mas também é visto pelos colegas como um perfeito idiota. Não é de se admirar que alguém tenha escrito o seguinte:

“Sonhei que de alguma forma eu tinha Vindo morar na Terra da Confusão, Onde vício é virtude, e virtude é vício; Onde bonito é sórdido, e sórdido é bonito; Onde o certo é errado, e o errado é certo; Onde branco é preto, e preto é branco.”

Todo o nosso senso de valores precisa passar por uma mudança radical. Antes de comparecermos diante do tribunal de Deus para sermos julgados, precisamos julgar a nós mesmos (1 Coríntios 11.31). Precisamos redirecionar nossos talentos antes que eles sejam tirados de nós para sempre. A hora é agora, pois o amanhã pode não existir para nós.

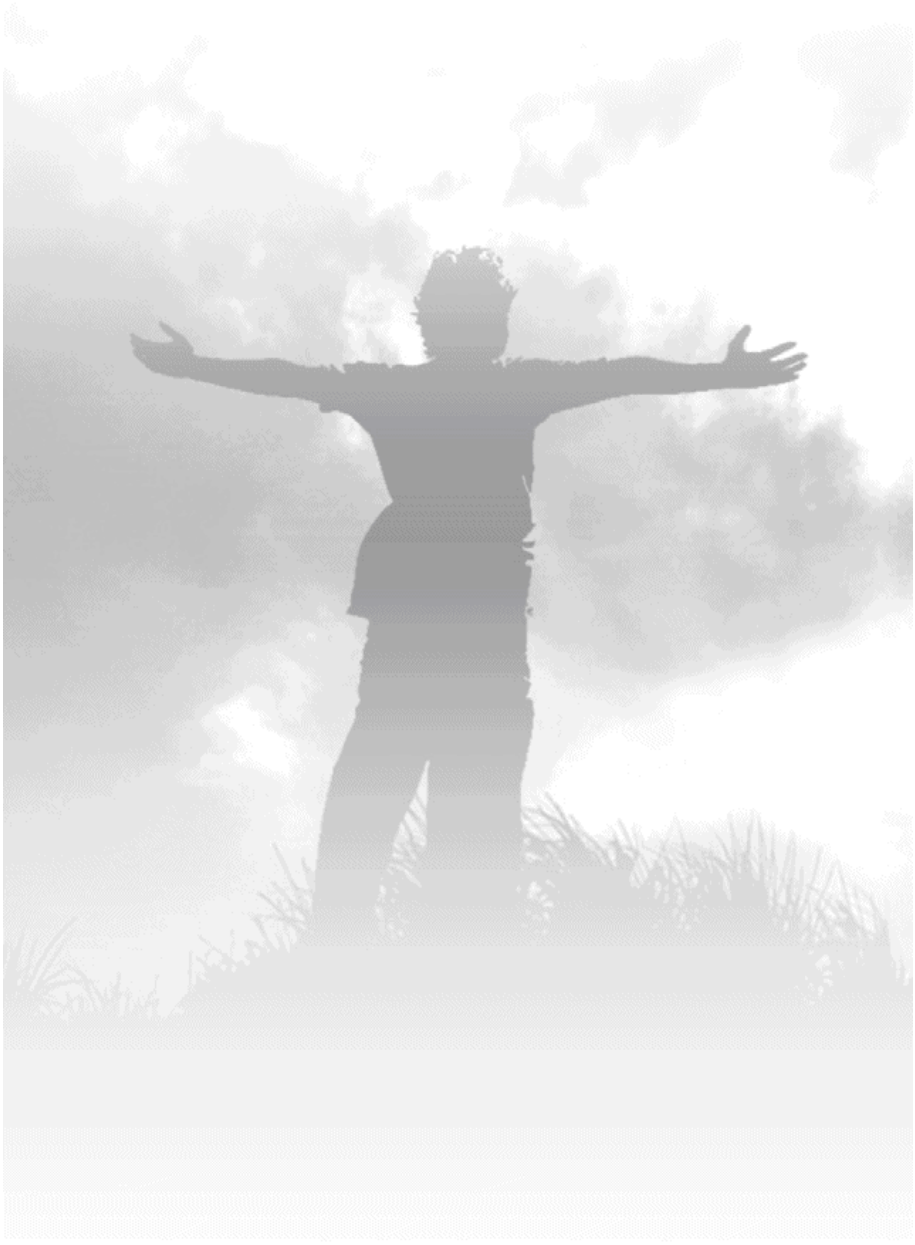
Em época de guerra, os homens de uma cidade cavam freneticamente túneis para escapar dos inimigos, e a população corre para fugir da ameaça das bombas. No entanto, no mundo espiritual, caminham aos tropeções, cegamente, sem qualquer chance de escapar, seja aqui seja no além, da abrasadora ira de Deus, o qual é imutável na sua santidade e na sua indignação.

E eu torno a perguntar: Então, por que esta indiferença sufocante para com os perdidos da nossa sociedade pagã, que passam seus fins de semana ociosamente sentados nas espreguiçadeiras de seus jardins, ou descansando despreocupadamente ao lado da piscina, tomados de uma paz que nada mais é que um entorpecimento moral?

Certa ocasião o bispo de Montana disse o seguinte: “A igreja precisa entender que a menos que cada congregação decida fazer alguma coisa a respeito primeiro de sua própria condição e, depois, de sua

comunidade, fazer missões estrangeiras será ridículo, mesmo sendo uma ordenança bíblica.”

Vento do Espírito, venha e sopre sobre esta indiferença sufocante que entope o canal que leva auxílio aos homens perdidos!



CAPÍTULO DOZE

_____ _____

PENTECOSTE

L

ord Montgomery, um imprevisível marechal britânico, disse certa vez que a Inglaterra tinha ido para a Segunda Guerra Mundial preparada para lutar a Primeira Guerra Mundial. Essa foi uma maneira educada de dizer que, na Segunda Guerra, a Inglaterra estava muito atrasada no tempo, em se tratando de armamentos e estratégias.

Quando Christopher Wren projetou a grande Catedral de St. Paul, em Londres, ele planejou algo de beleza e charme ímpar; contudo não colocou nela um sistema de ar-condicionado. George Stephenson, quando construiu a sua locomotiva Rocket, ela não era nenhuma máquina a diesel, silenciosa e potente, mas uma assobiante locomotiva de baixa potência. Em outras palavras, tanto Wren quanto Stephenson subestimaram as necessidades das pessoas de hoje e desenvolveram os seus projetos visando apenas as necessidades existentes na sua época.

Muitos hoje gozam de uma condescendência benevolente da igreja de Jesus Cristo (ou da que eles erradamente pensam que seja a igreja de Jesus Cristo). Esses “sabichões” acham que os santos de Deus que entoam salmos ao Senhor combinam tanto com a nossa era atômica quanto uma bicicleta daquelas com uma roda enorme na frente e outra pequena atrás combinaria com uma movimentada rodovia de quatro pistas. É Jesus Cristo, então, o culpado de subestimar as necessidades deste nosso século? Será que a igreja

que o Senhor Jesus fundou é um incômodo, uma instituição atrasada, precisando desesperadamente de uma revisão completa e de subsídios do governo para mantê-la atualizada e atuante? Não! A igreja do Senhor não precisa do apoio financeiro do governo.

Nós admitimos, entretanto, que a igreja de Cristo precisa de uma poderosa revitalização feita pelas Mãos divinas; ou seja, ela precisa do batismo com o Espírito Santo e com fogo. Quando o Senhor subiu ao céu lá no Monte das Oliveiras, Ele ordenou a seus discípulos que “esperassem a promessa do Pai” (Atos 1.4) – o batismo “com o Espírito Santo” e o seu poder resultante.

Esta promessa era exclusiva – “mas recebereis poder” (Atos 1.8). E quem é que deveria receber esse poder? Somente os seguidores de Cristo.

A promessa era empolgante – “mas recebereis poder”. Em ansiosa antecipação desse abençoado revestimento, aqueles que estavam esperando essa grande bênção veriam todas as suas fraquezas desaparecerem no batismo com fogo.

A promessa era explícita – “não muito depois destes dias” (Atos 1.5).
A promessa era expansível – esse acontecimento não se daria em uma esquina, ou apenas sussurrado entre os redimidos. Pelo contrário, iria se espalhar por toda a Judéia, Samaria e até os confins da terra (Atos 1.8).
Essa promessa era verdadeiramente grandiosa – em todo o mundo não há poder maior do que o poder do Espírito Santo do Senhor. Eles seriam cheios do Espírito do Deus vivo. Em toda a Terra não existe honra maior do que essa.
Anjos, observem e admirem!

Pentecoste

Tudo o que está em cima nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas sobre a terra – tudo isso são obras das Suas mãos e o Todo-poderoso é Aquele que aceitou descer e habitar entre nós, mortais.

Contudo, embora o Pentecoste tenha significado poder para os discípulos, também significou a prisão para muitos deles. O Pentecoste significou revestimento, mas também significou banimento; significou o favor de Deus, mas também despertou o ódio dos homens. O Pentecoste trouxe grandes milagres, mas também grandes obstáculos. O Pentecoste trouxe a unção para os pregadores que estavam no Cenáculo, e também a nomeação de um diácono o qual, debaixo desse revestimento, virou Samaria de cabeça para baixo.

Na Europa, o domingo de Pentecoste era sempre chamado de *Whitsunday* (domingo branco), e as crianças geralmente vestiam-se de branco. Os discípulos se "tornaram brancos" no primeiro Pentecoste – isto é, seus corações foram purificados "pela fé" (Atos 15.8,9). Em nossos dias, essa purificação é ênfase perdida quando se fala da questão do Batismo com o Espírito Santo. Tem muita coisa errada e esquisita se acobertando sob a designação de "Igreja cheia do Espírito".

Se temos dado muita ênfase aos dons do Espírito, significa que temos falado menos ainda sobre o fruto do espírito. Observe como existem poucos livros a respeito do fruto do Espírito, mas quantos podemos encontrar sobre os dons do Espírito. Entretanto, o Filho do Deus disse: "Pelos seus frutos os conhecereis" (Mateus 7.16).

O requisito mais importante para a descida do Espírito Santo em um coração hoje em dia é que esse coração deve ser limpo do pecado, pois o Espírito não vai encher um coração impuro. Aquele que Deus tiver purificado, a este Ele enche. E, finalmente, aquele a quem Deus encher, a esse Ele usa. Uma vida santa é o autêntico sinal de ser cheio do Espírito.

Precisamos de um avivamento de vida santa. Por que temos de colocar uma placa do lado de fora de nossas igrejas para anunciar que somos Fundamentalistas e Bíblicos? Será que é pelo fato de que sem esse sinal ninguém poderá nos identificar? Outro dia passei em uma cidade que há pouco tempo fora devastada por um tornado; e eu garanto a você que ninguém precisou me dizer que

um poderoso vento havia passado por lá. Um fogo é algo que se auto-anuncia. Um incêndio não precisa de publicidade. Quando o fogo do Espírito Santo cair novamente e o seu poderoso vento descer (e eu tenho certeza de que Ele está chegando), então a nossa “sarça” se incendiará também, e um Moisés irá voltar-se para ver o grande sinal. Por isso, vem Espírito Santo! Vem depressa!



CAPÍTULO TREZE

_____ _____

NÃO, NÃO! ESTA NÃO É UMA ESTRADA FÁCIL

C

omo alguns dos meus leitores devem saber, este título “Não, Não! Esta Não é Uma Estrada Fácil” é tirado de um hino evangélico bastante conhecido. Alguns dos meus amigos não gostam muito dessa canção; e com razão, principalmente se é entoada com um toque de auto-piedade e com uma melodia de queixume. Esse hino parece trazer consigo uma atmosfera tipo “deixa-eu-chorar-em-seu-ombro” e, por isso, precisa muito de um tempero, um toque de alegria militante, do tipo “gloriar-se na tribulação” que o apóstolo Paulo conhecia muito bem. No contexto da vida diária de muitos cristãos atuais não há razão para corar de vergonha por causa desse título.

Entretanto, livrando tal título de todos os seus sentimentos, esvaziando-o de toda a idéia de auto-piedade, limpando-o de toda overdose de emoções, vamos ficar com o simples fato de que se alguém seguir as pegadas dos nossos antepassados do Novo Testamento, a verdadeira vida cristã pode ser qualquer coisa, menos uma estrada fácil. Todavia, “Ele nos dá da Sua graça” (Tiago 4.6).

Neste momento, parece que tenho um olho sobre o teclado e o outro em Hong Kong, onde estive alguns dias atrás. Lá a gente vê diariamente os refugiados com a vida destruída, enfrentando longas

filas para ganhar um pouco de sopa, recém-saídos dos processos de lavagem cerebral dos conquistadores comunistas.

Na China, multidões de cristãos “desaparecidos” podem repetir histórias de sofrimentos iguais a tudo o que os mártires do passado experimentaram. Tenho certeza também que aqueles que vivem naquele “paraíso” que é a Alemanha Soviética podem igualmente nos contar algumas angustiantes histórias. E novamente essas coisas nos lembram que a mensagem do hino “Não, Não! Esta Não é Uma Estrada Fácil” nem sempre é superficial e nem sempre alicerçada em auto-piedade.

A vida de qualquer cristão verdadeiro é uma batalha. E é uma batalha que pode ser travada com alegria, sabendo que a vitória é certa; de forma triunfante, sabendo que o Senhor já venceu por nós. Ou, ainda, pode ser vivida de forma temerosa. C. T. Studd e muitos outros demonstraram isso.

Uma visão distorcida de uma vida santificada é acreditar que ela faz com que toda a nossa existência seja um viver vitorioso, uma “moleza”. A vida mais santificada que esta terra já conheceu foi a de Jesus Cristo. E será que a vida d’Ele foi “moleza”?

Dizer que a vida cristã é uma estrada fácil cheira a acomodação ou a ignorância do que seja o caminhar cristão; ou ambos. Aquele que prega a filosofia da “estrada fácil” não conhece a sua Bíblia. E também não traz muitas preocupações para Satanás.

Se você ainda acha que a vida cristã seja uma estrada fácil, então experimente estes sete testes a respeito do caráter cristão:

Teste Um

“Se seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer” (Romanos 12.20). A reação natural é dizer que meu inimigo está com fome porque não está seguindo a Cristo como estamos, ou dizer que sua fome é o peso da mão de Deus sobre ele. Em outras palavras, a reação natural é pensar que é o meu inimigo que está sendo testado.

Contudo, o Senhor diz que meu inimigo está com fome para que eu possa ser testado para ver se vou obedecer Suas ordenanças.

Teste Dois

“Quando você fizer um banquete, não convide os ricos” (Lucas 14.12). Quando fazemos uma festa, será que deixamos de fora (com a absoluta intenção de fazer isso) as pessoas de quem não gostamos ou aqueles de quem sabemos que não vamos receber um convite de volta? Será que realmente convidamos o pobre? Ou será que simplesmente sentamos com nossos parentes e “nosso grupinho” e ficamos pensando que somos um pouco melhores do que os outros? Se agimos assim, estamos levando esse grupo marginalizado a se perguntar quando é que o cristianismo prático vai se manifestar.

Teste Três

Este teste trata-se de andar a segunda milha, e o considero suficientemente espiritual. É óbvio que não podemos andar a segunda milha se ainda não andamos nem a primeira, não é verdade? Tenho certeza de que a razão porque tantos de nós não temos alegria é que nos falta a obediência de apenas um mandamento como esse – exatamente esse!

Será que somos alguém que anda a segunda milha? Colocaríamos em risco o nosso pescoço para carregar um homem ensangüentado para fora de uma estrada infestada de ladrões, andar com ele a segunda milha e, então, cheios de alegria por estarmos fazendo a vontade do Senhor, caminhar ainda a terceira milha e pagarmos todas as despesas para que tal moribundo fosse tratado em uma hospedaria?

Teste Quatro

Este teste pode nos apertar um pouco também. Será que considero o meu próximo mais que a mim mesmo? Existe um perigo terrível na vida cristã que é o desejo de querermos passar por melhores do que

realmente somos. Qual é a verdadeira estimativa que fazemos da nossa pessoa? Será que nos avaliamos melhor do que na realidade somos?

Por favor, repare que as Escrituras não afirmam: “Diga que os outros são melhores do que você”; afinal de contas, pode ser que eles não sejam melhores mesmo. Porém, a ordenança é: respeite-os e os considere como se fossem bem mais dignos do que você.

Cristo é o cabeça e qualquer um que ferir um outro cristão estará ferindo ao Senhor primeiramente. Qualquer dor causada ao menor que seja dos membros do Corpo de Cristo, vai doer em nosso Mestre. Que vergonha para nós que Ele seja ferido na casa de Seus próprios amigos!

Outro dia, enquanto eu estava sentado em um jato a aproximadamente treze quilômetros acima da superfície da terra, pensei na gloriosa verdade dita por Charles Wesley: “Tu, ó Senhor, és tudo o que eu quero”. Este servo do Senhor foi bem mais longe em não buscar glória para si próprio.

Teste Cinco

“Como quereis que os homens vos façam **,** assim fazei-o vós também a eles” (Lucas 6.31). Até que ponto consideramos fácil seguir essa admoestação? Realmente consigo me colocar no lugar das pessoas e sentir empatia com seus problemas e circunstâncias? Estamos verdadeiramente caminhando como o apóstolo Paulo ensinou, não “suspeitando mal” (1 Coríntios 13.5) em nosso julgamento em relação a elas? Será que todas as nossas ações e reações para com os outros homens são baseadas em misericórdia e bom senso?

Teste Seis

Este é um difícil teste a respeito do caráter de qualquer cristão: Será que tratamos a outra pessoa como se ela fosse o próprio Jesus Cristo disfarçado? Lembremo-nos das palavras do Mestre: “Porque

tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me" (Mateus 25.35,36).

Essa é uma informação de fazer estremecer, não é? Quando fazemos pouco caso da necessidade de um irmão em Cristo, desprezamos o Senhor Jesus. Será que isso nos assusta? Se Jesus aparecesse em pessoa, em alguma de nossas igrejas, mal-vestido, doente, e tristemente necessitado de socorro, não haveria a menor necessidade de pedir a alguém para levá-lo para casa e oferecer-lhe um jantar, não é mesmo? Ou será que haveria? Pode ser que alguns dos filhos de Deus não sejam lá tão bonitos, mas são do Senhor. E é isso o que importa. Negligenciar Seus filhos é negligenciar a Ele próprio.

Teste Sete

Será que realmente tomamos a nossa cruz dia a dia e seguimos a Cristo? O que nos custa pessoalmente fazer a vontade de Deus nem sempre é o que machuca. Pelo contrário, é o que vai custar aos outros para nós cumprirmos o desejo d'Ele.

Haverá situações em que teremos que abandonar a agradável companhia de amigos porque, naquele exato momento, o Senhor pode exigir que busquemos um momento a sós com ele. Tenho certeza de que, se não fizermos o que ele pede quando chama, tampouco o Espírito Santo virá a nós, pregadores, justo quando desejarmos sua presença.

Um jovem forte e impetuoso vai parar imediatamente qualquer jogo em que estiver participando ao ver passar por ali uma moça que o fascine. Ele nem vai tentar esconder essa reação. E é óbvio que a jovem vai ficar super feliz de ver que exerce tal força sobre esse rapaz. Entretanto não é assim com o Senhor, pois ele declara que os seus segredos são para aqueles que o temem e lhe obedecem. Deus não usa um sistema de alto-falantes para anunciar seus segredos. Para ouvirmos a Ele, precisamos estar quietos e a sós. Progresso espiritual e maturidade espiritual dependem de

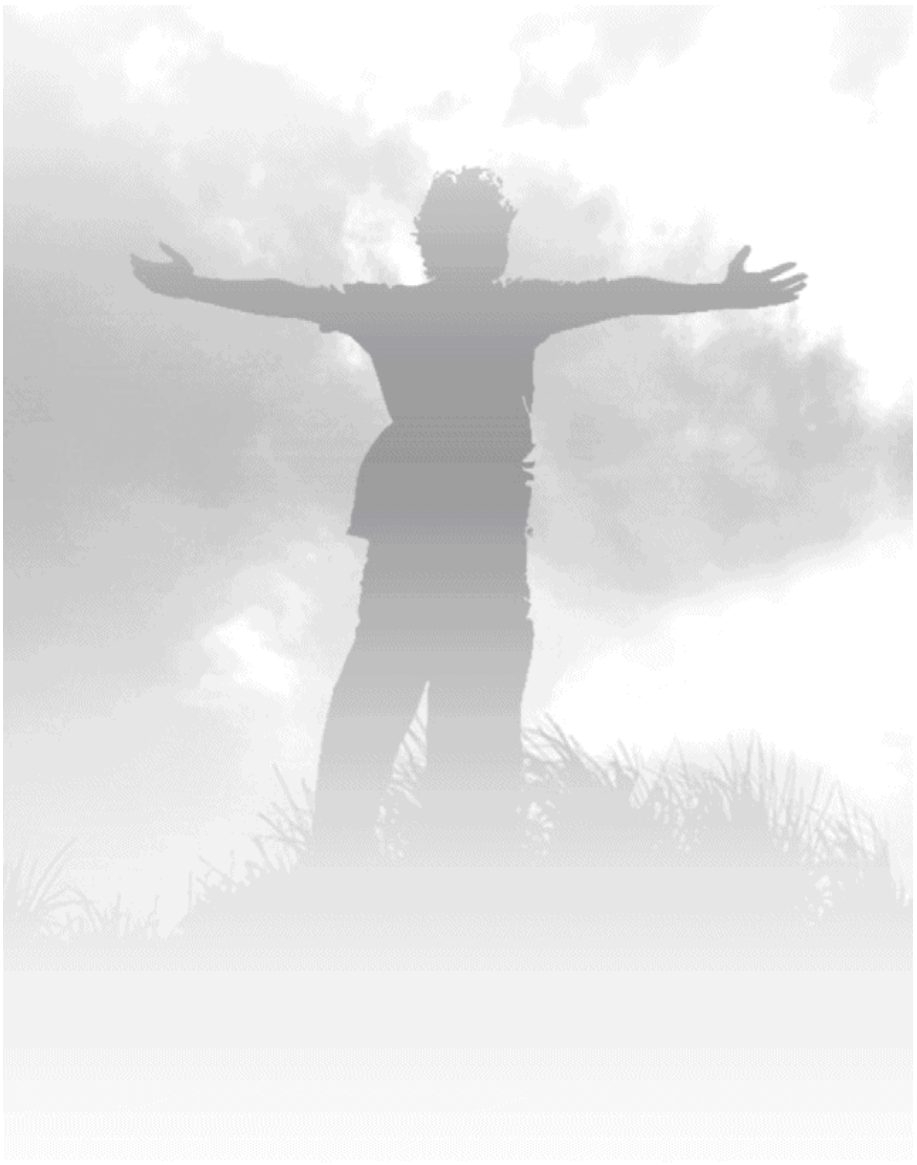
obediência individual, vigilância individual e amor individual à Sua vontade.

Será que possuímos a inteireza que se requer para seguir o caminho que as Escrituras mostram aqui? Em algum lugar, em meio a esses desafios, a conveniência irá levantar a sua voz. Após um único movimento nessa santa direção, a racionalização apresentará uma alternativa tentadora. A voz daqueles que não estão dispostos a trilhar o caminho que os santos trilharam, e nem com vontade de que lhes passemos vergonha por causa de sua letargia espiritual, logo começará a sussurrar aos nossos ouvidos algo um tanto nebuloso: “superespiritualidade”.

Precisamos rejeitar as distrações; declarar morte ao interesse próprio, à auto-piedade, ao egoísmo e a todos os sentimentos do gênero. Todas as fragilidades humanas devem ser substituídas pela plenitude do Espírito, o qual deve encher, inundar e transbordar o nosso coração. Só assim será possível cumprir o nosso soberano chamado de Deus em Cristo Jesus.

E esse enchimento não é algo que acontece de uma vez por todas. O tempo do verbo em Efésios 5.18 é presente contínuo e é melhor traduzido como “seja continuamente cheio do Espírito”. O fluir do Espírito para o coração, o transbordar do Espírito e o fluir do Espírito de nós para outros – eis o segredo da vitória. Louvado seja o Senhor! Esse tipo de plenitude resolve todos os testes.

Não, não, realmente esta não é uma estrada fácil. Esses sete testes comprovaram que esta estrada não é mesmo nada fácil. Contudo, é uma maravilhosa estrada. “Irmãos, estamos percorrendo a jornada que os santos percorreram” – a jornada que conduz à glória. Aleluia!



CAPÍTULO

QUATORZE

O QUE SIGNIFICA ESVAZIAR-SE

E

m seu livro *Lost and Found** (Perdidos e achados), Russell L. Mast diz em uma linguagem simples e inspirada a respeito da principal necessidade de nossa geração. Cito diretamente do seu prefácio, que fala do movimento hippie, da geração *beatnik*, que é como também foram chamados.

Membros dessa geração em especial viraram as costas para a constante correria deste mundo, para a vida hipócrita

_____

* Lost and Found (Perdidos e achados), Russell L. Mast. Mennonite Publishing House (Casa publicadora menonita), Scodale, Pensilvânia, EUA.

do “faz de conta”; enfim, para a “civilização burguesa”. E fazem um protesto – aliás, muito válido – contra os “brinquedinhos” vistosos mas sem valor, criados por uma sociedade fabulosamente rica. Infelizmente, tornaram-se uns “rebeldes sem causa”, uns barbudos excêntricos, vestidos de roupas sujas e amontoados em moradias precárias ou em apartamentos sem o menor conforto. Como não encontram o senso de realização pessoal em parte alguma do mundo, contentam-se em deixá-lo como está, procurando apenas amortecer um pouco o sofrimento de serem obrigados a viver nele. Ou seja, estão dispostos a confirmar a idéia de que tudo aqui é mesmo um “nada”, uma completa ausência de sentido para a vida.

Gostaria que o leitor lesse essa citação novamente. Para mim, isso tem cheiro de necrotério e clama em alta voz, apontando o significado de estar vazio. Grita a plenos pulmões: “Falidos!” para a nossa geração. Como Mast aponta no comovente subtítulo de seu livro – *A Busca de Significado* – existe em nossos dias uma necessidade profunda, fundamental, de encontrar significado para a vida.

Nestes dias, o crente que assiste ao culto em uma igreja, certamente sairá dali ou frio, ou emocionado, ou cheio. Se ele for

um estranho na cidade, que simplesmente entrou em um lugar do qual não tinha nenhum conhecimento prévio, corre o risco de se deparar com um formalismo severo, um frio ritualismo, um liberalismo desregrado ou um exagerado sensacionalismo. A igreja que ele assiste pode estar cheia de incenso ou da falta de senso. A sonolenta entonação do pregador pode fazê-lo pensar que está em um culto fúnebre. Por outro lado, o orador que fala sem parar, atrás do púlpito, pode fazê-lo pensar se não acabou de encontrar “o abominável *showman*”. Todos esses rituais executados aos domingos pela manhã só servem para tragicamente denominar, de maneira errada, algo que conhecemos como adoração.

Em qualquer lugar onde o ritualismo prevalece, o adorador, cansado da lavagem cerebral do rádio e da TV, sairá dali para a rua, novamente vazio. Onde o sensacionalismo impera, a irritação aumenta e o espírito permanece vazio. Contudo, onde a rica Palavra do Deus vivo é ministrada na unção do Espírito Santo, as ovelhas famintas levantam os olhos e são plenamente alimentadas.

Pensando um pouco sobre a Parábola do Filho Pródigo, vemos que o homem moderno é diferente daquele filho. Em primeiro lugar, porque esses nossos vizinhos de fala mansa nem ao menos sabem que estão perdidos. Segundo, se eles acordarem para essa angustiante descoberta, mesmo assim não terão a mínima idéia de onde fica a casa do Pai. Faber disse que “o coração do Eterno é o mais maravilhosamente gentil”. Assim, quando o filho pródigo, naquele país distante, “caiu em si”, pelo menos tinha o endereço de sua casa e sabia que seu pai estaria lá. Ele tinha certeza de que o seu “velho” não iria mandá-lo de volta para ficar à deriva. Porém, em nossos dias as coisas não são bem assim.

O lamento que vem do estado de perdição, do vazio do homem moderno, é abafado pelo barulho da buzina dos carros, pelo som agudo e estridente dos programas de TV, pela gritaria frenética dos estádios (muitas vezes aumentado pelas vozes de cristãos que, mesmo se tentarem, não conseguem levantar nem um grito sequer pelo mundo perdido). Mas, para todos aqueles que têm ouvidos

para ouvir, o estado de perdição do homem moderno está sendo proclamado dos telhados. Hoje, nada é mais evidente do que a condição de perdido daqueles que não têm nenhuma fé em Deus. Na verdade, o homem cortou suas conexões com o Senhor, bem como os laços que o prendiam a Ele.

Contudo, será que não há mais a genuína vibração na casa de adoração, ou mesmo no santuário pessoal do seguidor do Cordeiro? Acredito que exista. Eu percebi isso hoje. Meu coração bateu um pouco mais acelerado, minha alma se exultou, meu coração saltou, e todo o meu ser se comoveu de compaixão. O querido leitor deve estar se perguntando: Por quê? Pelo assombroso fato de que o clamor do meu coração chega até aos ouvidos d'Aquele que ouviu o clamor de Jonas no "ventre do inferno" (Jonas 2.2), como o próprio profeta denominou a cama que ele tinha dentro da barriga daquele grande peixe. Nesta hora em que a igreja está doente e a humanidade caminha para a morte, meu coração se agita de pensar que o Poderoso, aquele que olhou com compaixão e baixou à terra com poder para ajudar o homem, ele mesmo ouve o clamor de nossa alma sedenta por avivamento.

Em meus tempos de adolescente, costumava cantar com muita alegria e despreocupação:
"Temos uma história para contar às nações, Que fará inclinar os seus corações para o que é certo."

"Será que a sua história é verdadeira?", pergunta um mundo crítico ao encarar a igreja desacreditada destes nossos dias. "Ela é capaz de transformar?" "É a resposta ao nosso dilema moderno?" E da garganta de mártires envoltos em chamas nos vem a resposta: "Demos a nossa vida porque o sangue de Jesus é capaz de salvar e transformar completamente."

Certa vez Karl Marx escreveu o seguinte: "Os filósofos simplesmente têm interpretado o mundo de maneira diferente; a questão é, entretanto, mudá-lo." E ninguém, exceto Jesus, pode mudar o mundo. Ninguém, a não ser aqueles que já experimentaram a salvação, têm condições de levar a contagiosa

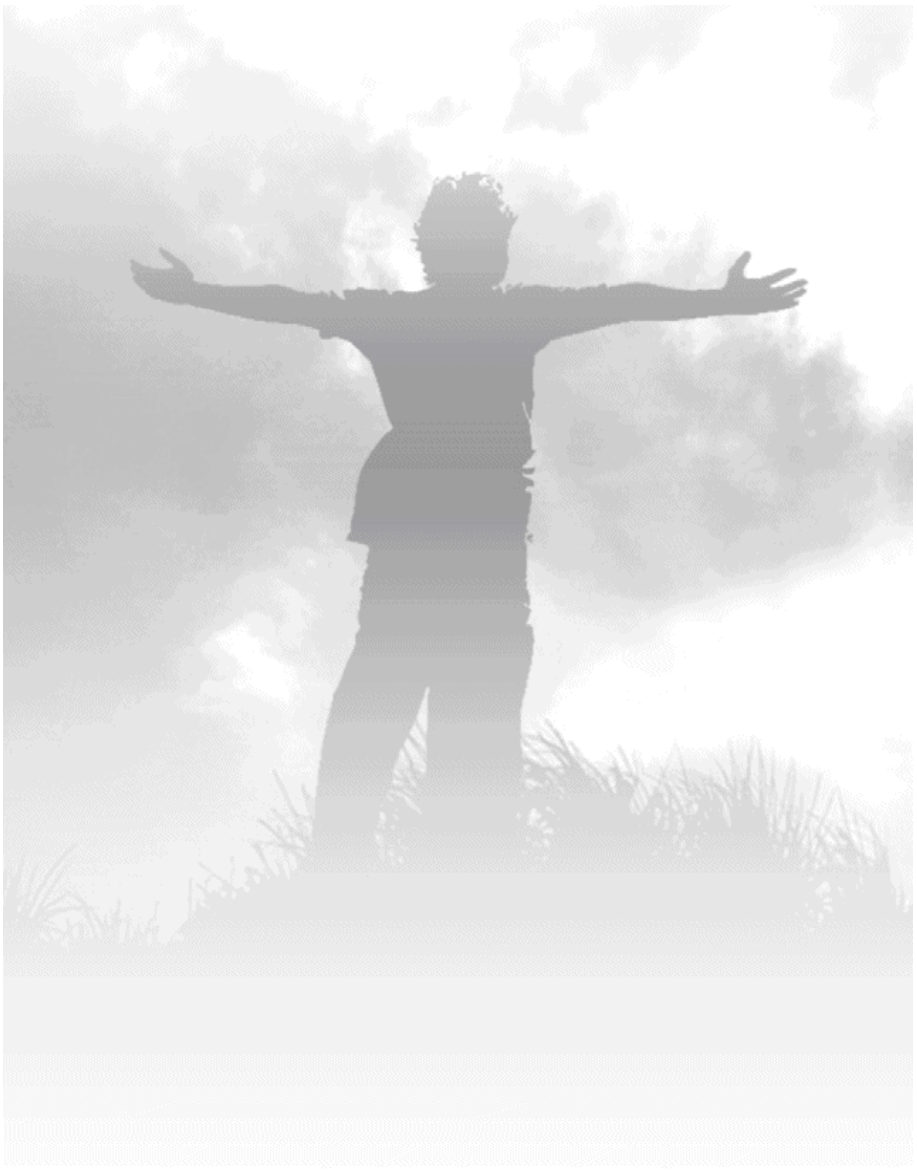
mensagem de vida. São os salvos que devem proclamar as boas novas ao perdido.

Enchendo as nossas ruas ou escondendo-se da realidade estão, como disse Russell Mast: “barbudos excêntricos, perdidos e solitários”, além de milhões de membros de igrejas que ainda não são salvos. Alcançar esses perdidos não é trabalho para pregadores assalariados que têm certa queda pelo sensacionalismo. Alcançá-los é tarefa de cada crente nascido de novo que conhece o perdão dos pecados e a poderosa transformação moral e espiritual efetuada pelo Espírito Santo.

As palavras instigantes de A.W. Tozer, escritas anos atrás, têm sido minhas companheiras de viagem ao redor do mundo. “Desde a queda do homem, a terra tem sido uma área de desastre; e todos vivem em constante perigo”. Entretanto, mesmo assim muitos crentes vivem como se este mundo fosse um playground em vez de um campo de batalha.

Em minha correspondência hoje havia uma carta de um missionário que dizia que as pessoas em sua área de atuação estão sendo redimidas pelo sangue de Cristo e renovadas pelo Espírito Santo. Até recentemente, acreditava-se que não havia a menor possibilidade de estas mesmas pessoas experimentarem uma transformação moral, e que elas eram incapazes de compreender as verdades espirituais. E eu digo que o que o evangelho pode fazer e está fazendo pelo homem perdido nos lugares mais distantes, pode ser feito em favor do fraco pagão em qualquer lugar que ele esteja.

“Diga-o pelos arredores, proclame sem parar, Existe vida no Senhor ressurreto.”



CAPÍTULO

QUINZE

TEMPO DE DESPERTAR

O

protestantismo pálido, patético, paternalista e destituído de poder de nossos dias está tão distante da fé apostólica quanto uma lesma está de um serafim.

Todos os homens, desde políticos a pregadores, sentem que existe algo muito terrível vindo sobre a terra. Eu estava na Austrália quando tomei conhecimento do discurso do presidente Kennedy sobre a situação do país (USA)*. Ali ele dizia que estava “abalado pelas enormes dificuldades pelas quais devemos passar nos próximos quatro anos.”

A Bíblia diz: “Não deixando a nossa congregação, como é

_____

* O autor refere-se a fatos ocorridos no governo Kennedy, que foi de 1961 a 1963.

costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia” (Hebreus 10.25). Se temos de exortar uns aos outros um pouco mais, então precisamos de nos encontrar mais vezes. Todavia, as reuniões na igreja estão ficando cada dia mais escassas. Segundo meu conhecimento, não há nenhuma evidência bíblica, por menor que seja, para esta nossa prática de ir à igreja apenas uma vez por semana, para assistir um culto que dura somente uma hora.

A glória de Israel era a presença do Senhor; o trabalho e tudo o mais ocupavam um lugar secundário. E pelo que podemos notar, a glória da igreja de Atos era também a presença de um Deus que opera milagres, bem como a expansão diária dessa igreja.

E torno a lembrar que Sodoma não possuía bíblias, não tinha pregadores, não tinha igrejas e não tinha intercessores (exceto Abraão que, tenho certeza, nunca colocara seus pés em meio à

perversidade daquela cidade). Sodoma também não possuía livros da história da igreja, como temos nos dias de hoje, para adverti-la do juízo de Deus ou para mostrar Sua intervenção nas questões nacionais, depois de um período de oração e quebrantamento. Todavia, mesmo não tendo tudo isso, Sodoma pereceu. Jesus disse: “Como foi nos dias de Ló... assim será” (Lucas 17.33).

Nós, modernos, ultrapassamos Sodoma em termos de iniqüidade. Ignoramos propositadamente o caráter piedoso dos nossos pais espirituais. Temos nos tornado surdos para as inspiradoras páginas da história da igreja e às suas sombrias e nada animadoras advertências.

Temos milhões de bíblias e centenas de imponentes institutos bíblicos em nossa nação. Temos igrejas simples, nas zonas rurais, e majestosas catedrais nas cidades. Nosso ar está congestionado com as redes cristãs de comunicação. Contudo, mesmo possuindo bens tão preciosos, nosso grau de iniqüidade é o mais alto de todos. Nosso pecado descarado não pode continuar para sempre livre do julgamento divino.

Existe um cristianismo débil que, a despeito da sua falta

de zelo pelo perdido ou da completa ausência de preocupação pelas massas pagãs, ainda consola seu covarde coração com a esperança de que haverá um arrebatamento – talvez hoje, quem sabe? – para nos livrar da grande tribulação. Deus não deu tal arrebatamento para os cristãos chineses em 1940, nem para seus amados filhos na Hungria, nem para Seu povo que passou por um verdadeiro banho de sangue na rebelião na Rússia. Todavia nós, os queridinhos – gordos, covardes, e prósperos
– pensamos em alcançar o céu sem uma cicatriz sequer, ou mesmo um arranhão.

Talvez essa letargia tenha se agarrado em nós e nossa segurança fraterna nos entorpecido porque estamos pensando que será um inimigo visível que irá nos atacar. E já que os comunistas ainda não

começaram a nos espancar ao entrarmos na igreja, achamos que isso seja um favor divino e resolvemos retirar os vigias de nossas torres.

Precisamos enfrentar o vírus do continuísmo carnal que ameaça a igreja.
Nossos pais espirituais enfrentaram o fogo do martírio por causa de coisas com as quais nós flertamos hoje em dia. Havia algo de vigoroso e vitorioso a respeito da fé desses nossos antepassados. Alguns desses mártires conheceram a miséria por terem perdido seus direitos civis; muitos deles viveram em constante perigo por causa de sua obediência a Cristo. Multidões incontáveis foram mandadas para as prisões. Entretanto, aceitaram tudo isso com coragem e seguiram ao Cordeiro por todos os lugares que Ele permitiu que fossem.
Folheando algumas páginas da História da Igreja vejo a inspiradora luta espiritual dos reformados Covenanters (pactuantes) que fizeram um pacto nacional para defender a sua fé na Escócia. Vejo também a fé viva dos huguenotes franceses e a coragem também inspiradora dos cristãos armênios sofrendo debaixo do calcanhar de ferro do sultão da Turquia. Então eu pergunto a mim mesmo: “Que tipo de pressão e perseguição a minha geração seria capaz de suportar?”
Um homem que decidisse começar a pintar a varanda da frente de sua casa enquanto a mesma estivesse em chamas, seria facilmente considerado um idiota. Mas será que esse quadro é um pouco exagerado quando digo que é exatamente isso o que a igreja moderna está fazendo?
Anos atrás a convocação de um dia nacional de oração salvou o Brasil – este país tão grande e próximo do avivamento
– das garras do comunismo. Os comunistas esperavam uma vitória tranqüila. Já tinham até mandado imprimir o novo papel-moeda e os papéis timbrados do novo governo. Eles tinham tudo calculado; exceto um detalhe: o poder da igreja do Deus vivo. Isso eles não levaram em conta e ainda zombaram. O país orou durante dias, e um dia nacional de oração foi convocado, pedindo que Deus interviesse e salvasse a nação do comunismo. E foi exatamente isso

o que aconteceu.
Creio que precisamos urgentemente de um dia nacional de oração para salvar a igreja evangélica do mundanismo e da sonolência em que ela vive. Está na hora de despertarmos desse sono! Não é uma tristeza que as pessoas precisem da isca de um almoço com promessa de sobremesa, para irem à igreja orar pelos perdidos? E o que dizer do sem número de festas e outras reuniões sociais que devoram nosso tempo e nos corroem a alma? Será que esse tipo de cristianismo suportará o peso dos golpes que em breve nos atingirão?
Independente de quão severa seja a tempestade, sei que muitos permanecerão firmes, pois já cingiram os seus lombos (Efésios 6.14). Se na próxima hora eu pudesse dar uma olhada rápida dentro de algumas prisões da China, se pudesse colocar-me ao lado do meu irmão naquele chão lamacento de um campo de concentração na Sibéria, e ouvi-lo murmurar um hino de louvor; se pudesse entrar sorrateiramente na Polônia e participar de alguma reunião secreta de oração – meu coração se encheria de gozo.
Tenho certeza de que a tempestade está chegando, mas o mar revolto e as ondas bravias servem simplesmente para revelar a grande habilidade do marinheiro.
Meu irmão, cinja seus lombos, prepare a sua lâmpada, e saia lá fora, em meio às trevas.





CAPÍTULO DEZESSEIS

NOSSO MAPA E NOSSA BÚSSOLA

S

em um guia qualificado, nenhum escalador de montanhas irá arriscar-se a uma aventura tão ambiciosa como a de escalar o monte Everest. Antes que ele atinja as partes mais altas das montanhas do Himalaia, as quais são cobertas de névoa e nevascas, e que possuem muitas fendas escondidas, ele precisa atravessar um verdadeiro deserto de gelo. Todo alpinista sabe que

existe apenas um passo entre ele e a morte. Ele pode ter o melhor equipamento de alpinismo que existe, seus mapas e bússola podem ser a última palavra em eficiência e precisão; porém, ainda assim ele necessita de um guia.

Hoje em dia os navios mais modernos são equipados com radares e alguns possuem sofisticados mecanismos de sondagem. Contudo, mesmo assim, são obrigados a sempre carregarem mapas e bússolas, e ainda a ter um piloto credenciado a bordo.

Será que nós, cristãos, ousaremos trilhar solitários picos de espiritualidade no próximo ano, sem o mapa da Palavra de Deus e o guia que é o Espírito Santo? O mar da vida, o qual está à nossa frente, é menos perigoso que o oceano encapelado diante de um transatlântico?

Seria muito bom se, no início do que parece ser um ano bastante fatídico nos assuntos referentes ao nosso dia-a-dia, disséssemos como o paciente Jó: “... dei mais valor às palavras de Sua boca do que ao meu pão de cada dia” (Jó 23.12).

Mais uma vez, em muitos lugares do mundo, a Palavra do Senhor está sendo censurada, queimada ou banida. É a história que se repete. Todavia, a Palavra do Senhor é indestrutível e infalível. Mesmo nestes tempos super-científicos a Bíblia não necessita que a justifiquemos. Ela é a única e última palavra de Deus para o ser humano. É a revelação infalível, vinda de um Deus infalível, para um homem falível.

Qualquer sociedade que obedeça aos dez mandamentos básicos da Bíblia tem condições de permanecer de pé. Por outro lado, qualquer uma que desobedeça a essas divinas ordenanças, com certeza perecerá – mesmo que esteja amparada por grandes riquezas ou poderio militar.

Há alguns anos, em meio a toda a pompa e formalidades da coroação da rainha Elizabeth, da Inglaterra, houve uma pausa durante a cerimônia para que sua Majestade recebesse de presente

um exemplar da Bíblia. A pessoa que lhe entregou tal dádiva disse o seguinte: “Este é o maior tesouro que pode existir neste mundo”. Que grande verdade!

A abençoada Palavra do Deus vivo é bem mais que apenas um livro de textos; ela é um manual. E é o único manual que tem mapeado todo o caminho a ser percorrido por cada homem; para todo aquele que virou as costas para a Cidade da Destruição e voltou o seu rosto para a Cidade de Deus.

A jornada do cristão é sempre em frente, e o cajado sobre o qual ele se apóia é a Palavra do Senhor. Os filhos de Deus devem suportar o fardo e o calor do dia; entretanto, ele possui um poço de refrigério, de onde bebe continuamente, que é a

Nosso Mapa e Nossa Bússola

Palavra de Deus. O caminho do cristão é escuro e somente a Palavra pode ser a lâmpada para os seus pés e a luz para os seus caminhos (Salmos 119.105).

Todo tipo de ser vivente possui os seus perigos. Os animais selvagens da floresta devoram uns aos outros; tigres saltam sobre ratos; cachorros matam gatos; homens matam cachorros. Até mesmo as silenciosas árvores têm seus inimigos. Para todo tipo de “vida” existe o perigo onipresente de algo mais forte a ameaçar.

“Os socialistas dizem que sua luta é contra a riqueza que a ninguém beneficia. Os professores, por sua vez, tentam acabar com a ignorância e a ciência médica, com as enfermidades. E existem ainda indivíduos que batalham de corpo e alma contra as barreiras causadas pelas diferenças de classe e de raça ou cor. No entanto, a vida cristã apresenta mais perigos do que todas essas situações juntas.”

O crente sabe que para se opor a ele e criticar sua jornada para o céu existem pelo menos três grandes forças: o mundo, a carne e o diabo. E para combater esses inimigos poderosos, o misericordioso

Deus também colocou à nossa disposição três fontes de poder ainda maiores: o sangue de Cristo, o Espírito Santo, e a Palavra de Deus. Neste exato momento estou pensando particularmente na terceira delas: a Palavra de Deus.

A carga que o Espírito Santo coloca sobre o crente poderá extenuar os seus músculos e minar a sua energia. Portanto, para garantir resistência espiritual, cada um que receber essas cargas espirituais precisará se fortalecer com o forte e rico alimento da Palavra de Deus.

Escondido atrás de algum arbusto de aparência inofensiva Satanás, o inimigo de nossa alma, atira contra os peregrinos. Assim, devemos contra atacar usando a mesma arma que o nosso Cristo vitorioso usou: “Está escrito” (Mateus 4.1-11). Vencemos o diabo por intermédio do sangue do Cordeiro e pela palavra do nosso testemunho (Apocalipse 12.11). Também precisamos da espada do Espírito.

Existe uma leitura interior da Palavra do Senhor, uma leitura que vai além da mera letra. E para que possamos receber tal dádiva, o Espírito Santo, o qual é o Autor desta Palavra, vem fazer morada no crente e o ajuda a interpretá-la. Jesus disse: “Nem só de pão viverá o homem...” (Mateus 4.4).

O homem, porém, nem sequer tenta viver só de pão. Ele prefere beber de fontes que não lhe pertencem, roubar frutos proibidos, e ainda procurar satisfazer a sede da sua alma com estimulantes que não lhe são permitidos.

Todavia, aquele que se submete às proibições que Deus estabeleceu é feliz; afinal de contas, o próprio Espírito, o Mestre, a Sabedoria Eterna, concordou em revelar as verdades de Deus a nós.

O único problema no cristianismo é ter de vivê-lo. O melhor entre todos os cristãos não é, necessariamente, um teólogo possuidor de uma mente tão afiada como uma navalha. Para vivermos uma vida

que honre a Deus precisamos, antes de tudo, ler a Palavra e, depois, obedecê-la. Isso significa que devemos praticá-la, fazendo com que o conhecimento se transforme em atitudes. “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes” disse o grande Mestre.

Portanto, devemos ler a Bíblia para nos tornarmos sábios, praticá-la para sermos santos, e obedecê-la para sermos abençoados.



CAPÍTULO DEZESSETE

PROCURA-SE HOMENS PARA INCENDIAR A IGREJA

O

Pentecoste transformou o inconstante Pedro em um vitorioso pregador, pois “cumprindo-se o dia de Pentecostes... Pedro, pondo-se em pé com os onze, levantou a sua voz, e disse-lhes...” (Atos 2.1,14).

E isso não ficou apenas em palavras; o apóstolo também agiu. Mal o alvoroço do Pentecoste havia silenciado, toda a Jerusalém já estava cheia com o seu nome, juntamente com o de João. É que os dois haviam servido de canais para que o poder do Cristo ressurreto tocasse um coxo de nascença, “o qual todos os dias punham à porta do templo, chamada Formosa” (Atos 3.2). Pedro estendeu sua mão e o poder de Deus que estava dentro dele trouxe vida aos músculos daquele homem incapaz. (Mais tarde a simples sombra deste grande apóstolo curou os enfermos).

Todavia, tenho certeza de que qualquer pessoa que tenha algum poder, em qualquer área, precisa de muita determinação para não usar esta força de forma indiscriminada. Somente a alguém controlado pelo Espírito Santo pode ser confiado o Seu majestoso poder. Afinal de contas, muitos de nós iríamos usar esse poder em nosso próprio proveito.

A primeira oposição séria que os discípulos eleitos tiveram de enfrentar foi dos próprios mestres da sinagoga, e não a dos comerciantes. Aquele que fora curado, saltando e louvando a Deus, deixou os adoradores do templo abismados. O seu louvor, que quebrou o silêncio sepulcral daquele lugar, também destruiu os argumentos da comissão eclesiástica que havia sido formada para investigar esse milagre.

O mundo de então desprezou esse feito e os teólogos zombaram dos discípulos, pois esses seguidores do Mestre eram considerados homens incultos e ignorantes (Atos 4.13). Bendita ignorância! O

apóstolo Pedro, preste bem atenção nisto, escreveu duas excelentes epístolas. O outro apóstolo, João, escreveu o evangelho de João e mais três epístolas; depois, para completar, ele acrescentou um livro que até hoje confunde os sábios – o Apocalipse; a Revelação de Jesus Cristo.

Entretanto, nem tudo foi alegria. Assim como Adão e Eva caíram, mesmo estando na atmosfera ideal do Éden, e Judas também caiu, mesmo estando na companhia perfeita de Jesus Cristo, assim também Ananias e sua esposa, Safira, caíram enquanto estavam vivendo no fulgor do Espírito Santo que havia descido sobre eles no Pentecoste.

Até então a igreja não tinha nenhuma mancha, ruga ou qualquer coisa parecida. Contudo, agora estava parecendo a velha Roma. Certa ocasião, Cato, grande orador romano, apontando para o Norte da África, do outro lado do Mediterrâneo, e num gesto tenso e amedrontador, exclamou: “Cartago tem de ser destruída!” Contudo, não era essa cidade o verdadeiro inimigo de Roma, e também não foi quem a destruiu. A sua destruição veio de dentro, não de fora.

E foi exatamente isso o que sucedeu à igreja primitiva. Os ataques que vinham contra ela do lado de fora eram fáceis de ser detectados. Agora, porém, ela precisava do Espírito de

discernimento de Pedro para reconhecer o esforço sutil para destruí-la, o qual vinha de dentro.

Talvez Ananias havia recebido o Espírito Santo poucas semanas antes de sua morte súbita. Porém, a sua atitude de avareza com relação à venda da sua terra não foi algo decidido repentinamente. Pedro sabia que Satanás havia enchido o coração de Ananias de cobiça. Esse casal não mentiu apenas para os apóstolos; eles tentaram trapacear o Todo-poderoso. Eles mentiram para o Espírito Santo (Atos 5.3) e novamente tentaram mentir para o Deus vivo (5.4). Eles tentaram o Espírito do Senhor.

Está claro que foi o próprio Deus quem determinou a sentença de morte de Ananias, e não o apóstolo Pedro. Deus matou Ananias! Depois Pedro, vendo o que o Todo-poderoso tinha feito e sabendo que Safira havia planejado o engano junto com o marido, não hesitou em pronunciar o mesmo julgamento sobre a vida dela.

O apóstolo Pedro ministrou tanto sobre a vida do coxo que ficava na porta Formosa do templo, como sobre a vida de Ananias e Safira. Essa sua ministração foi de cura para o homem inválido e de maldição para o casal fraudulento. Para um a sua ministração significou vida, para os outros dois, morte.

Pelo que podemos notar, cada alma vivente é dominada por um espírito; ou o de Deus, ou o do diabo. Conforme disse Jesus: “Quem não é por mim é contra mim” (Lucas 11.23).

Se esse casal sem temor, vivendo tão próximo ao caldeirão fervente do derramamento apostólico, conseguiu agir com hipocrisia, então em nossos dias deve ser mil vezes mais fácil fazer o mesmo. Se o julgamento começou tão cedo na igreja do Deus vivo (quando apenas dois dos crentes eram falsos), é urgente se perguntar por que razão o juízo de Deus está sendo retido em nossos dias.

Depois que o vento do Espírito Santo separou o joio do trigo na igreja Pentecostal, lemos que “sobreveio grande temor a toda a igreja” (Atos 5.11). E como poderia ter sido diferente? Quem poderia esquecer do dia em que, na hora da adoração, no culto de manhã, viu um homem e sua esposa serem retirados da igreja, mortos? Que lembrança para a cabecinha de todas as crianças que estavam ali! Não é de se estranhar que tenham sido tomados de grande temor. Ficaram cheios de reverência. Como deve ser assombroso ir para uma igreja onde o poder manifesto do Salvador ressurreto era tão grande que alguém até mesmo tenha morrido e sido lançado no campo do oleiro, e onde um outro também tenha ressuscitado pelo poder do Espírito! Emocionante, para dizer o mínimo! E o resultado desse acontecimento foi um verdadeiro avivamento (Atos 5.14).

Quando Safira chegou ao local onde estavam os irmãos, três horas depois que o marido havia morrido, aqueles primeiros cristãos ainda estavam lá, no culto. O que será que os sustentava? A resposta só pode ser uma – Jesus Cristo, ali presente no meio deles. Aquele que havia prometido andar no meio dos sete candeeiros de ouro e permanecer entre eles achava-se presente. Ali estava Ele – vivo e amoroso, iluminando e inspirando. Prolongar uma reunião por três horas não irá trazer o Espírito Santo; entretanto, quando ele é o mestre de cerimônias, quem sentirá vontade de sair?

É uma infelicidade a nossa grosseira tentativa de “adaptar” a ação do abençoado Espírito Santo. Onde é que temos, no Novo Testamento, alguma indicação de que estejamos certos em fazer um culto de adoração dominical de apenas uma hora pela manhã ou à noite? Alguém disse que os pregadores modernos estão sendo capazes de fazer o que a igreja não conseguiu durante mais de 2000 anos – ou seja, fazer Cristo parecer uma pessoa enfadonha.

No dia de Pentecoste o mundo não apedrejou os homens que estavam “cheios de mosto” (Atos 2.13); ele simplesmente escarneceu deles, classificando-os de “embriagados”. Contudo, foram precisos tais “bêbados” para ignorar o mundo e inflamar a igreja. Ó, Deus, envia-nos um exército desses homens!





CAPÍTULO DEZOITO

O INIMIGO

C
om o propósito de obscurecer o pensamento que o homem tem de si mesmo, o diabo, essa criatura exageradamente corrupta, tem envenenado escritos e monitorado mentes.

“Todas as objeções levantadas pela filosofia contra o diabo não são contra ele mesmo, como são as retratadas na Bíblia; mas contra falsos conceitos sobre ele, inventados no passado”, disse com muita

propriedade o professor J. H. August Ebrard. E nem todos esses conceitos errôneos surgiram com os artistas da idade média. Porém, aqueles viciados do pincel pintaram em nossa mente, tanto quanto em suas telas, uma descrição grotesca e em total desacordo com a imagem satânica apresentada na Bíblia.

O Dr. VonHuene, que foi professor de Paleontologia em Tubingen, Alemanha, pode nos ajudar aqui. Ele disse o seguinte: “A figura cômica com chifres e unhas divididas atribuída ao diabo durante a idade média e frequentemente usada em palestras, nas artes e na literatura é, no mínimo uma tolice. É algo completamente leviano. O perigo é muito mais sério e seu poder, mesmo hoje, é muito mais ameaçador do que muitos imaginam.” Do ponto de vista das Escrituras esta imagem criada é falsa, leviana e infundada. Precisamos nos lembrar muito bem aqui que Deus se revela ao homem, mas que o diabo se esconde. O alvo dele é se fazer passar por algo que ele não é.

A Bíblia chama Satanás de “o deus deste século” (2 Coríntios 4.4). O pensamento que me aflige neste momento é o seguinte: Este deus recebe mais dinheiro e adoração dos seus devotos, mais obediência fanática e atenção servil do que recebem todos os deuses de menor importância, que ele mesmo inventou (e, em retribuição, eles lhe prestam adoração). Será que os adoradores do deus deste mundo dão o dízimo? Com certeza! Contudo, eles não dão apenas dez por cento do que recebem – eles dão tudo! O leitor por acaso conhece algum homem mundano que, ao receber seu salário, cuidadosamente separe 10% do total para depois, relutantemente, gastar esse dinheiro em bebidas, cigarros e jogatina?

Será que as pessoas que levam horas para arrumarem o lugar para algum baile ficam de olho no relógio e, quando o ponteiro bate meia noite, eles dizem: “Já trabalhamos demais vamos embora”? É claro que não! Afinal de contas, nessa hora, a festa deles estará apenas começando. Será que toda hora que os filhos de Lúcifer desejam

pegar um filme para assistir ou um jornal para ler as páginas esportivas, eles precisam ser incentivados a fazer isso?

Será que são necessários convincentes anúncios de TV para levar homens e mulheres até a banca de revistas mais próxima para comprar revistas pornográficas com exageradas e coloridas estórias de sexo? De jeito nenhum! Os leitores dessas sensacionais drogas mentais já ouvem a respeito delas na fábrica onde trabalham ou em outros lugares. Eles estão, na realidade, servindo de garotos propaganda para o diabo.

Algum tempo atrás Billy Graham declarou que em uma tarde apenas, quatro milhões de dólares haviam sido gastos numa pista de corrida na Flórida. De acordo com a revista *Christianity Today* (Cristianismo hoje), de 7 de dezembro de 1962, o crime custa à América do Norte a surpreendente soma de quarenta mil dólares por minuto. Hoje em dia a questão é de dólares para a morte, mas apenas centavos para a Palavra da Vida. O diabo age como o cérebro por trás dessa cachoeira de dinheiro derramada no poço da inutilidade. Satanás trocou a foice da batalha pela máquina de ceifar vidas humanas – a bomba atômica. Com seu estoque desse artefato bem suprido, ele gostaria muito de provocar outra guerra, uma que faria com que todas as outras parecessem nada mais que uma escaramuça de fundo de quintal.

Na Primeira Guerra Mundial morreram mais de oito milhões e meio de combatentes e na Segunda, mais de vinte e sete milhões; contudo nossa sociedade nos permitiu extrapolar o cenário de guerra e atingir civis que se achavam desprotegidos. Então morreram cerca de vinte e cinco milhões deles. Eu creio que todos nós achamos que cinqüenta e dois milhões de pessoas é gente demais para morrer! E ainda podemos dar graças que essas mortes não foram nos Estados Unidos, mas em outros lugares, a não ser pelos mortos que foram trazidos para cá. Na próxima vez que houver uma guerra nós, aqui dos Estados Unidos, não vamos conseguir sair livres. Satanás, tenho certeza, está incansável para encher o inferno. Para ele, os fins justificam os meios. Fiquei

sabendo que a bomba atômica tem a capacidade de varrer uma cidade inteira em menos de um minuto. Imagine isso em relação a cidades como Nova Iorque, Londres ou Paris!

Além dessa demonstração de insanidade e depravação humana, temos ainda outro espetáculo que deve nos deixar muito preocupados. As publicadoras das seitas heréticas estão trabalhando a todo vapor, dia e noite, para soltar livros e panfletos com ensinos de demônios e de espíritos enganadores. Milhões de dólares estão sendo gastos em templos dedicados a cultuar falsos deuses. Esse quadro geral mostra uma situação sombria e escura. E a igreja atual, nervosa e deficiente como está, não tem a menor chance de barrar o avanço dessa avalanche cruel e maldita, assim como um pedaço de palha não teria o poder de segurar as ondas do mar que adentram a praia.

Todo este quadro de pesadelo é resumido para nós na seguinte frase bíblica: “O mundo inteiro jaz no maligno” (1 João 5.19).

E isto é apenas metade da história. O Senhor Jesus Cristo não apenas delegou Sua graça aos Seus discípulos; ele também lhes deu o Seu poder! “Eis aí vos dei autoridade... sobre todo o poder do inimigo” (Lucas 10.19). Juntamente com essa temos outra grande promessa: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tiago 4.7). Vemos aqui claramente que o cristão tem total domínio sobre o mal. Nessa batalha o crente tem de ser cabeça e não cauda. Preste atenção a estas grandes e preciosas promessas. (Qualquer um se estremece e se perturba diante da magnitude destas palavras quando pensa que, por trás delas, está a grande e imensurável riqueza e força do Deus eterno).

“Resisti ao diabo e ele fugirá de vós” (Tiago 4.7). “O diabo, vosso adversário... resisti-lhe” (1 Pedro 5.8,9). “Tudo o que ligardes na terra será ligado no céu” (Mateus 18.18).
“Infinitamente mais... conforme o seu poder que opera em nós” (Efésios 3.20).

Existem pelo menos três coisas que podemos fazer com essas promessas divinas. A primeira é arranjar explicações para elas; a segunda, considerá-las promessas exclusivas daqueles a quem foram primeiramente ditas; e a terceira é aceitá-las abertamente e se apropriar delas. Se ignorarmos essas palavras inspiradas pelo Espírito, incorremos em desagradar ao Senhor por causa de nossa desobediência. Além do mais, colocamos a nossa vida em perigo e a empobrecemos, tanto como a de outros que são mantidos prisioneiros da vontade de Satanás.

E, para concluir o raciocínio, digo que estamos caminhando para receber uma censura severa no tribunal de Deus. Os adeptos das seitas, verdadeiros lobos em pele de cordeiro, enganaram o ignorante e incrédulo a respeito da personalidade do diabo. Sua eficiente lavagem cerebral, conseguida por intermédio de se torcer as Escrituras e falar mentiras com hipocrisia, ou mesmo ridicularizando antigas verdades, como a pregação do fogo do inferno, teve o efeito desejado
– criar outro evangelho e atar com mais uma cadeia as almas já fortemente acorrentadas ao pecado. Novamente deixe-me dizer que os seguidores dessas seitas, disfarçados em peles de ovelhas, investiram contra a verdade bíblica da personalidade do diabo e, descaradamente, num malévolo esforço de “evangelismo”, apresentaram em seu lugar uma versão pervertida e maquiada. (Por que os crentes não adotam este método agressivo?).

Ó, que a igreja do Deus vivo desperte e tome posse do seu direito de primogenitura! “Maior é o que está em vós do que aquele que está no mundo” (1 João 4.4). O caminho para a vitória espiritual é claramente mostrado nas Escrituras: “Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho” (Apocalipse 12.11). O sangue de Cristo é nossa completa e adequada proteção contra todo o poder do diabo.

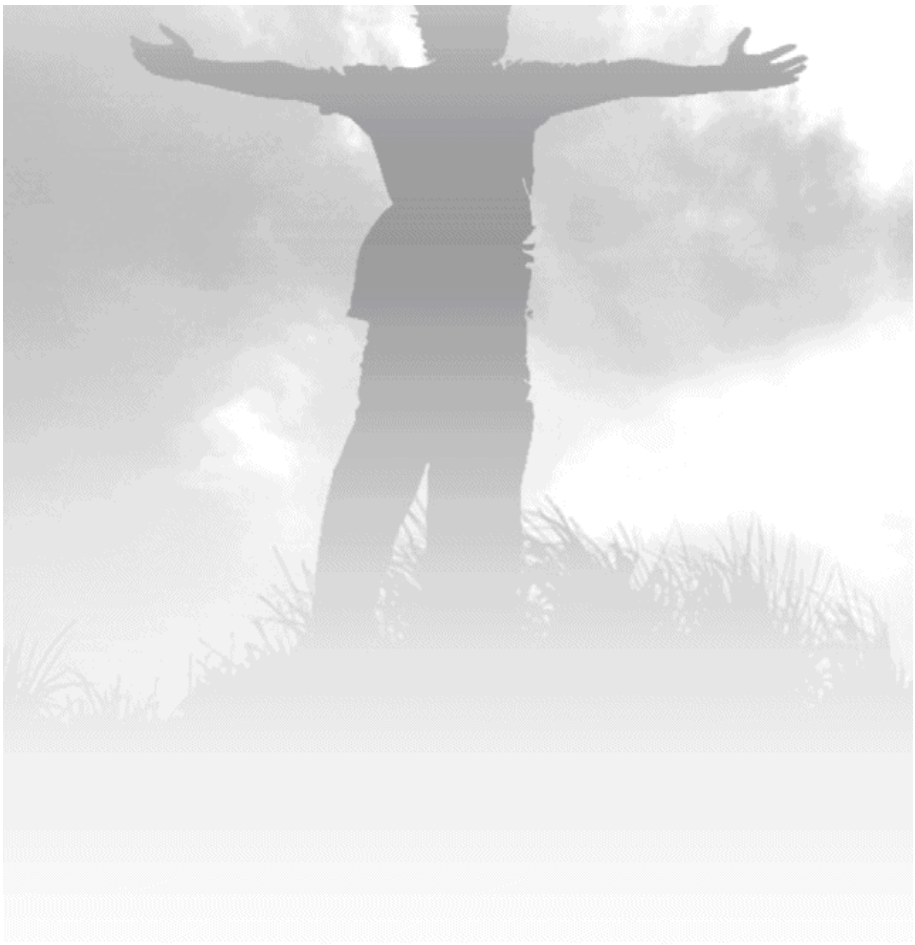
Quando satanás caiu, ele arrastou a terça parte das hostes celestiais junto com ele. Por isso, fazendo oposição ao crente estão o mundo, a carne e o diabo, mais um terço do que antes fora um

terço das hostes celestiais. E a favor do cristão estão o Pai, o Filho, o Espírito Santo, e dois terços das hostes celestiais, mais as orações de muitos amigos e as incontáveis promessas da imutável e indescritível Palavra do Deus vivo. O saldo de poder é bem maior do lado dos santos. Possamos nós de tal forma nos levantarmos de nosso atual cristianismo adolescente de modo que, armados com toda a armadura de Deus saqueemos o reino do diabo, levando Satanás a dizer: “Jesus eu conheço, Paulo eu conheço, e os cristãos de agora estão me amedrontando porque descobriram um segredo esquecido da igreja primitiva – a oração, a fé, e a ousadia revestida do sangue.

OS CLÉRIGOS MUNDANOS

“Um clérigo mundano é o mais tolo dos tolos, o mais louco entre todos os loucos. Patifes infames e desprezíveis como esses são a verdadeira ‘causa do desprezo que atinge os ministros’. Religiosos indolentes, que amam os prazeres, os elogios, o dinheiro, que buscam subir de posto – são canalhas como esses que fazem com que os clérigos, de modo geral, sejam considerados reprovados. Os clérigos mundanos são a praga do mundo cristão, o grande incômodo da humanidade, um mau cheiro que sobe até as narinas de Deus. Foram religiosos desse tipo que levaram Crisóstomo a dizer: ‘O caminho do inferno é pavimentado com as almas de sacerdotes cristãos’.”
– John Wesley.





CAPÍTULO DEZENOVE

A PREGAÇÃO UNGIDA PELO ESPÍRITO

M

uitos séculos já se passaram desde que o reformador suíço Johannes Oecolampadius disse a seguinte frase: “Uns poucos homens bons e fervorosos afetam muito mais o ministério do que

uma multidão de mornos!” O tempo não conseguiu diminuir o impacto dessa comparação.

Lendo a Palavra de Deus “identificamos” que o profeta Isaías teve o seu “lamento de confissão” – “Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou homem de lábios impuros, e habito no meio dum povo de lábios impuros” (Isaías 6.5). E o apóstolo Paulo teve o seu “lamento de comissão” – “Ai de mim se não pregar o evangelho” (1 Coríntios 9.16).

Nenhum desses homens teve uma compreensão maior da magnitude de sua tarefa do que Richard Baxter, de Kidderminster, Inglaterra. Veja só o que ele respondeu aos seus escarnecedores quando disseram que ele levava uma vida tranqüila demais:

“O pior que eu poderia desejar a vocês é que tivessem o meu sossego em vez de o seu trabalho. Tenho razões para considerar-me ‘o menor entre todos os santos’ e, no entanto, não temo dizer ao ‘acusador’ que considero o trabalho da maioria dos empregados do comércio da cidade como um prazer para o corpo comparado ao que eu faço, muito embora eu não queira trocar de trabalho ainda que com o maior dos príncipes.
“O trabalho deles conserva a saúde, enquanto que o meu, a consome. Eles trabalham com tranquilidade, e eu, em dor contínua. Eles tiram horas e dias de descanso, e eu mal tenho tempo para comer e beber. Ninguém os molesta por causa de seu trabalho; porém, quanto mais eu faço, mais ódio e problemas eu atraio sobre mim.”

Essa atitude para com a pregação tem algo que lembra a cultura neotestamentária. Assim era Baxter, que sempre buscou pregar como alguém que desfalecia pregando para pessoas rumo à morte. Uma geração de pregadores do seu calibre iria resgatar esta geração de pecadores das garras de um inferno voraz.

A maioria das vezes podemos ter uma grande freqüência em nossas igrejas e, ainda assim, uma baixa qualidade em termos de espiritualidade. Por muito tempo o liberalismo levou a culpa de ser o

sedutor das pessoas; agora é a televisão que adquiriu este *status* de bode expiatório, e é amplamente amaldiçoada pelos pregadores.

Tendo dito isso e sabendo que as duas acusações possuem um fundo de verdade, faço uma pergunta: Será que nós, pregadores, teremos de confessar como César, personagem de Shakespeare, “A culpa, querido Brutus, não está nas estrelas, mas em nós mesmos”?

Para afiar o meu bisturi e cortar fundo na carne trêmula de todos nós usuários dos púlpitos, pergunto: será que os grandes sermões estão extintos? Pregar com a alma abrasada se tornou uma arte esquecida? Teremos nós permitido a vitória dos ser

mões curtinhos, modernos, temperados com humor saciar falsos apetites espirituais? Será que temos procurado trazer o “poder do mundo vindouro” (Hebreus 6.5) a cada reunião?

Com a poderosa unção do Espírito Santo sobre ele, Paulo foi explorar a Ásia Menor, irrompendo em seus mercados, agitando suas sinagogas e penetrando em seus palácios. Ele foi ali com o grito de guerra do evangelho em seu coração e em seus lábios.

Atribuem a Lenin a seguinte frase: “O sucesso é produto de um espírito resoluto”. E como ele estava certo! Dê uma olhada nas realizações de Paulo e irá sentir-se enjoado de ver as concessões vergonhosas feitas por esta geração de crentes! Paulo não foi simplesmente alguém que pregava por toda a cidade onde ele estava, mas também uma pessoa que abalava todos os lugares por onde passava. E ele ainda encontrava tempo para ir batendo nas portas ao longo da rua e orando em favor das almas que se encontravam perdidas ali.

Os *playboys* de ontem são os *payboys* (garotos pagos) do evangelismo de hoje. Um evangelista conhecido meu, famoso, recusou um contrato de quinhentos dólares por semana para realizar uma campanha que teria a duração de quatro semanas.

Diante de fatos assim não é de causar espanto que um modernista tenha dito que esses evangelistas estão dispostos a chorar pelas almas – desde que o pagamento compense! Sim; como Judas eles irão chorar, mas quando for tarde demais. A fraqueza que existe nos bancos das igrejas pode ser por causa da perversidade presente nos púlpitos!

Estou cada dia mais convencido de que as lágrimas são parte essencial para um avivamento em nossas pregações. Irmão pregador, esta é a hora de corarmos de vergonha; tempo de chorarmos por nossa falta de lágrimas; tempo de nos curvarmos em contrição por termos perdido a humildade de servos; tempo de gemermos de tristeza por não termos nenhum fardo sobre nós; tempo de nos irarmos contra nós mesmos pelo fato de não nos indignarmos contra o monopólio de Satanás, neste tempo do fim; tempo de nos punir porque nos damos tão bem com o mundo que ele nem se preocupa em nos punir.

Pentecoste significa dor, mas o que temos sentido é prazer. Pentecoste significa fardo, contudo, o que apreciamos mesmo é o sossego. O Pentecoste significava prisão, e a maioria de nós prefere qualquer coisa a ter que ir para a prisão por amor a Cristo. Um novo Pentecoste colocaria muitos de nós na cadeia.

Imagine um Pentecoste acontecendo em sua igreja neste domingo – VOCÊ investido de poder como Pedro e, sob a sua palavra, o irmão Ananias cai morto e a sua esposa logo cairia dura ao lado dele! Será que os modernos concordariam com tal coisa?

Aqui está Paulo lançando uma maldição de cegueira sobre Elimas, o mágico. Hoje isso levaria qualquer pregador ao tribunal. Até mesmo um estado de prostração (o que geralmente acompanhava quase todas as pregações de reavivamento) nos conferiria uma péssima reputação. E isso é mais do que o nosso delicado coração poderia suportar, não é mesmo?

Estou novamente fazendo um apelo, como fiz no início deste capítulo, por uma pregação majestosa. O diabo deseja que nos

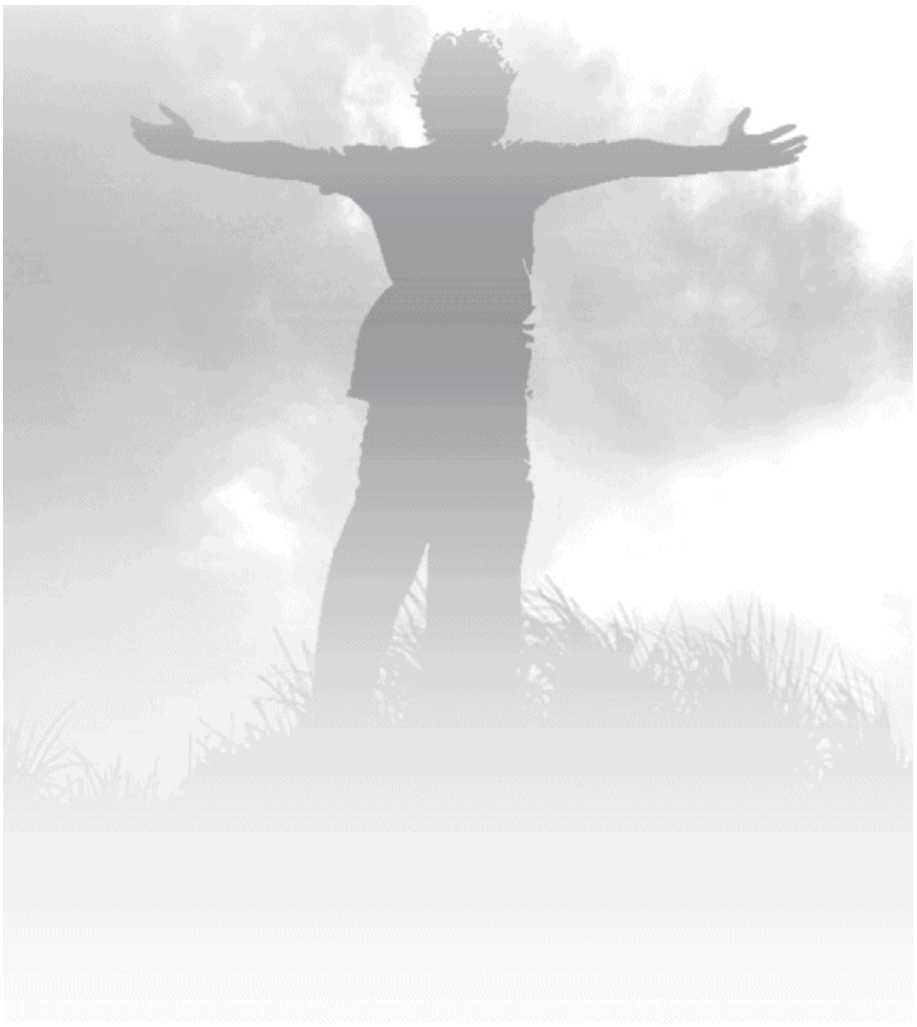
especializemos em assuntos insignificantes. Li um artigo hoje sobre vestimenta e confesso que sou cem por cento a favor da sobriedade na questão das roupas; entretanto, muitos de nós, defensores de uma vida espiritual mais profunda, estamos caçando e preocupando-nos com ratos enquanto os leões devoram a nossa terra!

Nunca descobri o que aconteceu a Paulo enquanto esteve na Arábia. Ninguém descobriu. Será que ele teve uma visão do novo céu e da nova terra e viu o Senhor exaltado, reinando acima de tudo? Até hoje não consegui descobrir, mas disto eu sei: ele mudou a Ásia, causou inveja aos judeus, ensinou a mestres e teve compaixão por carcereiros.

Este homem, Paulo, e um outro pregador, chamado Silas, dinamitaram as paredes da prisão – com oração – e geraram um custo alto aos cidadãos que pagavam impostos. E tudo isso para que os dois pudessem cuidar dos negócios do seu Senhor.

Uma vez convencido de que ele próprio era a pessoa mais difícil com quem Deus tinha que tratar, Paulo o escravo por amor, partiu para alvoroçar regiões inteiras para Deus. Trouxe a atuação dos poderes do mundo vindouro para seus dias, resistiu a Satanás e sofreu, amou e orou mais do que todos nós.

Irmãos, vamos para os nossos joelhos novamente – para redescobrirmos a piedade e o poder apostólicos. Fora com os sermões sem vida!



CAPÍTULO VINTE

UM HOMEM SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS

Q

uando esta reunião do presbitério aconteceu, uma coisa que a maioria das pessoas não sabia era que a igreja de Cumberland estava passando por uma crise. “O amor de muitos se havia esfriado” (Mateus 24.12). Membros tinham abandonado a igreja. Alguns dos mestres haviam saído, levando consigo seu peso e influência e deixando para trás, perplexos, os membros que ficaram. O futuro dessa reunião estava envolto em escuridão. Alguns membros ameaçavam dissolver a igreja – a menos que fossem feitas modificações radicais tanto na doutrina como na estrutura eclesiástica.

O ponto alto desse declínio espiritual ficou bem claro quando constatou-se que não havia candidatos para assumirem o ministério.

Os membros da assembléia, que acontecia duas vezes por ano, eram veteranos, gente muito experiente, que já havia enfrentado “ventos, tempestades e mares bravios”. Eram homens que, para entregar “todo o conselho de Deus” (Atos 20.27), faziam longas viagens a cavalo, debaixo de fortíssimas nevascas ou de um sol escaldante. Por isso, era difícil para esses anciãos de coração ardente e corpo frágil, entenderem como os mais jovens eram indiferentes a esta situação.

A reunião do presbitério aconteceu à luz de velas, numa casa ampla, com paredes feitas de troncos, que pertencia a um dos membros. A casa ficou cheia, tantos eram os presentes. Nessa casa, que hoje é considerada um local histórico, a glória de Deus se manifestou em “vasos de barro”. Esta reunião especial havia sido convocada para colocar à prova jovens membros e procurar aqueles (se é que havia) que iriam se voluntariar para o ministério. Numa ocasião como essa não seriam poucos que, apesar de tidos em sua denominação como pessoas de renome, se veriam constrangidos por não corresponder ao esperado. E essa reunião não seria uma exceção.

Ao apelo daquele que estava presidindo a reunião, para que “todo aquele que tivesse sentido desejo de pregar, viesse à frente e conversasse com o presbitério a respeito do assunto”, três homens

se apresentaram diante dos que estavam naquela casa super lotada. Dos dois primeiros não teceremos nenhum comentário. O terceiro tinha estado parcialmente escondido em um canto escuro da sala, enquanto os outros candidatos falavam. Agora, porém, ele havia dado um passo à frente.

Sua aparência provocou uma reação de surpresa, mesmo em meio a essa audiência acostumada à simplicidade e ao primitivismo do vestuário.

Tente visualizar esta cena: imagine este rapaz da montanha, alto, vestido em tecido tipo caparrosa – isto é, uma espécie de tecido fabricado artesanalmente, cortado e costurado em casa, tingido de forma a ter os milhares de tons típicos do tingimento em barris com alume e casca de nogueira, e compondo calça, colete e casaco rústicos. Acrescente a isso sapatos pesados de couro vermelho, curtidos em casa, amarrados com tiras de couro, calçando pés imensos (a impressão é que tanto os pés quanto os sapatos tinham sido feitos para galgar as colinas). Agora você tem uma imagem desse rapaz das montanhas. Ele podia se sustentar do seu rifle e vencer qualquer outro rapaz dos que viviam nas planícies daquele estado.

Esse é o jovem desajeitado que saiu do canto escuro daquele salão para a oscilante luz das velas e do fogo que vinha das toras de pinho. Ele chorava copiosamente e, não tendo nada mais que um simples lenço de bolso, valeu-se desse recurso original para tal emergência. Durante mais ou menos um minuto ele permaneceu em silêncio, todos os olhos curiosos sobre ele, todas as mentes agitadas imaginando o que, afinal de contas, ele iria dizer a respeito de si mesmo. O jovem limpou a garganta, e começou dizendo: “Eu aceitei o chamado para o minis...”. Entretanto, uma nova onda de lágrimas interrompeu sua fala.

O dirigente da reunião gentilmente perguntou-lhe: “Diga-nos, meu jovem, por que você está aqui? Conte-nos tudo e pode gastar o tempo que precisar; ninguém aqui irá magoar você.”

Todavia, como a tempestade em sua alma prevalecesse, o dirigente lhe perguntou outra vez, e mais outra, e ainda uma quarta vez. Contudo, sufocou-se com as próprias lágrimas diante de tal momento de contrição. Foi então que um bondoso irmão sugeriu que o rapaz fosse entrevistado em particular. Ele, entretanto, acanhado com a situação, respondeu que, em alguns segundos: “terei condições de falar, por favor, Deus”, acrescentou. E foi exatamente isso o que aconteceu. Ele levantou-se e endireitou seu corpo magro e desajeitado.

E então passaram a fluir de seus lábios palavras que excediam a quaisquer outras até então proferidas naquela assembléia. Seria inútil tentar repetir aqui o que foi que ele disse; basta dizer que o pastor mais idoso dali disse que as palavras do rapaz queimaram no coração de todos aqueles que as ouviram. O temor e a urgência que estavam na alma daquele rapaz encheram todo aquele recinto. Esta foi a sua história.

Alguns meses antes, ele havia encontrado um pregador itinerante que havia se perdido nos estreitos caminhos nas montanhas. Aquele ministro, interessado na singular aparência do rapaz e fascinado pela total ignorância do mesmo com relação às coisas espirituais, gastou com ele uma hora do seu precioso tempo falando sobre o pecado do mundo e da condição de perdição do rapaz. Aquela conversa terminou com o homem de Deus se ajoelhando debaixo de uma árvore e manifestando sinceramente o desejo do seu coração por aquela alma que, até então, não tinha conhecimento das coisas do Senhor. Dias depois, aquele rapaz ouviu uma voz interior lhe dizendo: “Arrependa-se; arrependa-se! Por que você precisa morrer?” Então, um peso como o de uma montanha caiu sobre a sua alma. O sono fugiu de seus olhos; seu machado ficou jogado em um canto, enferrujando; seu rifle permaneceu pendurado na parede, coberto de pó.

Os vizinhos, simples de coração e tão iletrados como o próprio rapaz, chegaram à conclusão de que ele havia enlouquecido. Os engraçadinhos mais jovens o criticavam, dizendo que estava

apaixonado. Outros ficavam de cochichos, supondo que ele deveria estar sob efeito de bebidas. Apesar de visitar a casa de alguns pregadores da região, não recebeu nenhuma ajuda; assim, continuou em sua busca. Em muitas igrejas eles agora se lembram de ter visto a figura daquele jovem mal vestido, sentado no primeiro banco, ouvindo extasiadamente, prestando tanta atenção como a que um condenado à forca prestaria a um cavaleiro que se aproxima, na esperança de que este talvez lhe estivesse trazendo a suspensão da sua pena.

Foi quando participava de uma reunião em um acampamento que aquele jovem teve a sua primeira experiência sobrenatural com o Senhor. O lugar foi todo abalado quando ele sentiu o peito ser eletrificado, e clamou com grande alegria: “Eu recebi! Eu recebi!”. Algumas das pessoas que estavam ali choraram de alegria ao presenciarem a cena. Com a velocidade de Jeú, ele voltou para casa para contar aos vizinhos o que o Senhor Jesus havia feito por sua alma. Deixando de lado todas as suas demais obrigações, ele foi de cabana em cabana demonstrando a exultante alegria proveniente do seu novo nascimento. A cada dia que passava mais crescia o seu ardor pelas coisas de Deus. E com grande admiração, os habitantes daquela região ouviam o seu João Batista, à medida que ele os convocava para abandonarem o pecado e clamarem pelo nome do Senhor.

Quando este jovem quebrantado e que fazia as pessoas se quebrantarem terminou o seu fascinante discurso diante do presbitério, o fogo dos pinheiros que queimavam na fogueira havia diminuído; as velas, mergulhadas na parafina e já sem forma, também estavam quase se apagando. Sua linguagem, em alguns momentos, era tão deselegante como a de um roceiro; seus gestos, desajeitados. E ele continuou alternando entre soluços e risos, passando do intenso quebrantamento inicial ao final triunfante, a voz a plenos pulmões ecoando na colina, à medida que o coração de seus ouvintes era liberto do que os prendia. O dirigente daquela reunião, um senhor já grisalho, soluçava ruidosamente. De quando em quando um ou outro mais animado unia o seu “amém” ao do

pregador. O presbitério se reuniu, conversou e decidiu que ninguém poderia negar a licença de pregador àquele rapaz. George Willets foi devidamente recebido como um candidato ao ministério.

Dez anos mais tarde, esse jovem de modos rudes ainda era uma verdadeira bola de fogo, incansável em sua busca do perdido, ainda orando sem cessar; um verdadeiro leão eclesiástico, forte, destemido – contudo, ao mesmo tempo, sensível e com a compaixão do seu Senhor. Quando ele falava sobre o céu, os homens sentiam como se estivessem nos átrios da cidade de Deus; quando ele falava do inferno – e isso era tanto com ternura quanto com horror – os homens tremiam.

Ele descrevia os terrores dos condenados ao inferno com tanta autoridade que cada um, estremecendo de medo, abaixava o rosto como que esperando ver a terra se abrir e a fumaça subir do abismo. Homens fortes começaram a gemer feito crianças, e senhoras, vestidas de seda, gritavam como se alguém lhes tivesse cravando uma faca no estômago.

Ele entregou uma mensagem baseada na “cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hebreus 11.10). E, durante a sua pregação, apontou para o céu, com o dedo em riste, como que abrindo as nuvens para que os homens pudessem ver uma abertura existente ali, através da qual poderiam se achegar até os pés de um Deus perdoador. Tão inspiradora e vinda do coração foi a palavra que, praticamente, todos levantaram os olhos para o céu, buscando misericórdia. Então ele convidou os quebrantados para virem até o altar. Nessa única reunião, mais de quinhentas pessoas foram à frente, prostradas debaixo do poder da espada do Espírito.

Não estou aqui querendo dizer que os pregadores de hoje devem copiar os modos e a maneira de se vestir de George Willets. Entretanto, a menos que sejamos batizados com a mesma compaixão, não vai demorar muito e vamos ter estalactites de gelo pendendo de nossos púlpitos.



SEGUNDA PARTE R P A

CAPÍTULO VINTE E UM

GEORGE FOX – O “ABALADOR” INABALÁVEL
1624 – 1691

“A

cima de tudo, George Fox sobressaiu a todos os outros em oração. A espiritualidade e a determinação do seu espírito, a reverência e a solenidade das suas maneiras e do seu comportamento, mais a raridade e a plenitude de suas palavras impressionaram muitas vezes até os estranhos, que se admiravam de como esse seu jeito de ser trazia consolo aos outros. O quadro mais imponente, vivo e reverente que jamais senti ou contemplei, devo dizer, foi a sua oração. E verdadeiramente isso foi um testemunho para mim. Ele conheceu a Deus e viveu mais perto d’Ele que qualquer outro, porque aqueles que O conhecem mais, têm maior razão para aproximar-se d’Ele com temor e reverência” (William Penn).

“O incidente mais notável na história moderna possivelmente não seja a Dieta de Worms, e menos ainda a batalha de Austerlitz ou Peterloo, ou mesmo qualquer outra batalha.

“O fato mais notável já ocorrido tem passado despercebido pela maioria dos historiadores, e tratado com certo grau de zombaria por outros – ou seja, que George Fox tenha feito, ele mesmo, um traje de couro para o seu uso pessoal. Acredito que nada tenha sido mais digno de nota do que isso.”

“Nada foi mais extraordinário do que este destemido homem de Deus, tendo feito para si uma vestimenta de couro, sair resolvido a encontrar a verdade e a lutar por ela contra toda a superstição e intolerância.”

Essa foi a respeitada opinião de Thomas Carlyle sobre George Fox, o pobre e iletrado sapateiro inglês. Sua vida de pregador itinerante era tão dura que ele fez para si aquele famoso par de calças de couro, as quais se tornaram históricas desde então. Diz o historiador Macauley que aquelas calças ficaram conhecidas em todo o país. Em meados do século dezessete as pessoas respeitavam este

homem vestido nesta sua famosa roupa tanto quanto os espectadores do Jordão, séculos antes, respeitavam o homem que cingia o seu corpo com um cinto de couro e comia gafanhotos e mel silvestre. E com razão, porque George Fox e João Batista tinham muito em comum.

George Fox nasceu em julho de 1624, na cidade de Drayton-in-the-Clay (Fenny Drayton, atualmente), Leicestershire, Inglaterra. Seus piedosos pais pertenciam à Igreja da Inglaterra e se esforçaram para criar seus filhos no temor do Senhor. O primeiro passo dele em sua longa busca pela espiritualidade foi aos onze anos de idade, quando entregou seu coração ao Senhor. E desde então ele procurou viver uma vida reta e honesta.

O fogo que havia queimado na Reforma, ocorrida cem anos atrás, já havia se apagado. Entre o clero abundava apenas muita educação, vida folgada e fácil. A igreja protestante tinha um nome a zelar, mas estava morta.

George Fox não desfrutou nenhuma comunhão direta com Deus até a idade de dezenove anos. Depois, por algum tempo, sua alma estava cheia de estranhos desejos e uma contínua busca por Deus. Os cristãos que ele conhecia não possuíam aquilo que professavam. Tão profunda era a sua dor e desânimo sobre o exemplo de suas hipocrisias que ele não conseguia dormir a noite inteira, e passava todo o tempo andando de um lado para outro, em seu quarto, orando a Deus. Ele até tentou procurar ajuda no homem, mas não encontrou nenhuma.

Os parentes de George não sabiam o que fazer com ele. Uma alma caridosa disse que o casamento seria o melhor remédio para a sua mente, a qual vivia em constante estado de melancolia. Outro sugeriu que talvez ele devesse se alistar no exército. Ainda um terceiro acreditava que o uso de tabaco e o hábito de cantar salmos poderiam trazer-lhe algum alívio. Não é de se admirar que aquela alma sedenta pelas coisas de Deus pensasse que seus conselheiros eram todos “pobres consoladores”. Para George Fox,

um homem que supostamente fosse experimentado nas coisas de Deus, era apenas “como uma casca vazia e oca.”

Certa ocasião, ao buscar conselho com certo pastor, Fox acidentalmente pisou num canteiro de flores da casa dele, o que provocou no irritado ministro um injustificável acesso de raiva.

Cansado de procurar ajuda em homens e não encontrar nada, Fox desistiu de encontrar qualquer ajuda nessas fontes. Então, com a Bíblia como o seu único guia, começou a buscar ajuda apenas no Senhor. Assim, lentamente a luz começou a raiar sobre ele, que passou a ver que apenas aqueles que haviam passado da morte para a vida eram realmente crentes em Cristo. E de uma vez por todas George Fox ficou convencido de que “cursar Oxford ou Cambridge não qualificava ou preparava ninguém para ser um ministro de Cristo”.

Quando Fox tinha mais ou menos vinte e três anos, começou a pregar as verdades que Deus havia revelado a ele, e foi magnificamente usado pelo Senhor. Dessa forma, ele chegou no momento exato “para salvar a igreja da morte e do formalismo, e o mundo da infidelidade.” Ele foi enviado por Deus para conclamar a Sua igreja a uma verdadeira adoração.

Ao começar a pregar, George tinha uma educação ainda bastante limitada, sem nenhum treinamento especial e sem qualquer outro tipo de vantagem. Contudo, ele pregava de tal maneira que os homens tremiam ao ouvi-lo. O nome “Quaker” ficou associado a Fox e seus seguidores por causa da tremedeira que se apossava dos homens que vinham até ele para escarnecerem dele e acabavam ficando para receberem oração. Embora tenha feito muitos tremerem, ninguém era capaz de estremecê-lo.

Andando descalço pelo movimentado mercado de Litchfield, Inglaterra, este homem, em suas roupas de couro, erguia sua voz e suas mãos, clamando: “Ai de Litchfield, cidade sanguinária! Ai de Litchfield!”. Ele não temia nem os homens e nem as conseqüências

de suas declarações. Inicialmente as multidões achavam engraçado, depois ficavam sérias e, finalmente, apavoradas.

Aqui está um homem que possuía um zelo inesgotável. Ele havia "ouvido uma voz". Podiam espancá-lo, lançá-lo em prisões e até escarnecerem dele como sendo um louco, como realmente chegaram a fazer. Entretanto, nada iria impedi-lo de proclamar a mensagem de Cristo. Tendo as igrejas fechado as portas para ele, George Fox fez de uma pedra o seu púlpito e pregava para as multidões nas ruas. Quando o tiraram das suas reuniões nas ruas e o levaram para a prisão, fez do cárcere uma catedral onde proclamava as grandes maravilhas do Senhor. Freqüentemente ele era encontrado louvando a Deus em uma fétida cela de prisão.

De juiz a criminoso, de príncipes e nobres a auxiliares de cozinha, Fox arrebanhou ardentes testemunhas do Senhor. Um de seus biógrafos disse o seguinte: "Ele viajou pelas Ilhas Britânicas pregando e confrontando as pessoas como nenhum homem antes dele jamais havia feito. Em suas jornadas de pregação ele esgotou a paciência de críticos e perseguidores, e desgastou roupas, cavalos e, conseqüentemente, até a si próprio."

Muitas vezes Fox profetizava sobre acontecimentos futuros que lhe tinham sido revelados, e freqüentemente tinha visões. Certa ocasião, enquanto subia a montanha de Pendle Hill, em Lancashire, na Inglaterra, Fox teve uma visão de um avivamento que aconteceria exatamente naquela área. Ele "viu aquela zona rural como se estivesse viva, com homens caminhando para um determinado lugar." Eu mesmo tive a oportunidade de cultuar em uma velha casa com janelas duplas, em forma de arco, onde se reuniam. Essa casa havia sido construída ali depois daquela grande visitação de Deus naquele local.

Fisicamente falando, George Fox era um homem alto, com seus olhos extraordinariamente penetrantes. Suas palavras eram como um raio, suas considerações eram claras e sua lógica, convincente. Parecia que ele conhecia o caráter de um homem apenas olhando para ele. Fox costumava associar o temperamento das pessoas a

um lobo, uma serpente, um leão, ou a uma vespa. Ele podia encontrar alguém e dizer: “Eu vejo que você possui a astúcia de uma raposa”; ou “Você tem a natureza de uma serpente”; ou “Você é cruel como um tigre”. A respeito de questões espirituais, George estava muito à frente de qualquer outra pessoa em seus dias.

“Acima de tudo, George Fox sobrepujava a todos em oração.”
O grande segredo do poder de Fox era a sua fé em Deus. Quando começou o seu ministério possuía muito poucas vantagens; entretanto, não demorou muito para que influenciasse o mundo todo para Deus. Seu único desejo era a expansão do reino de Deus aqui na terra. Por intermédio de sua influência, logo a Inglaterra, a Irlanda e a Escócia foram inflamadas pelo poder do Senhor. Em 1661, muitos de seus seguidores sentiram que deveriam ir além-mar para espalhar a Verdade nos países estrangeiros. No ano de 1664, George Fox casou-se com Margaret Fell. Entre 1670 e 1673 ele viajou pelas regiões da América do Norte e Central e, embora tenha sido perseguido até mesmo nessas regiões, o trabalho do Senhor se espalhou.
Nenhum religioso ou político esteve mais vezes em uma prisão do que George Fox. E que prisões! Entretanto, todas as vezes que esteve em cadeias foram transformadas em trabalhos missionários. Tirando as vezes em que esteve confinado em solitárias, ele sempre teve a sua congregação, e levou muitos a se converterem. Sua fama se espalhou e as pessoas vinham às multidões para ouvi-lo.
Um distinto governador americano, chamado Livingston, tinha motivos para assim expressar o alto conceito que tinha do “abalador inabalável”:

“George Fox sozinho, sem nenhum aprendizado humano, fez mais do que qualquer outro reformador protestante para a restauração de um cristianismo real, primitivo, puro; e para a destruição do poder sacerdotal, da superstição e dos ritos e cerimônias inúteis e ridículos.”

Ele nos deixou um exemplo de coragem e serviço devotado que, infelizmente, poucos tentaram seguir. “Ele viu o céu e o inferno,

Deus e Seu julgamento de maneira tão clara que se via obrigado a sair, em tempo e fora de tempo, para resgatar pobres pecadores do seu terrível destino. Constantemente ele aparecia exatamente nos lugares onde ninguém esperava encontrá-lo, obstruindo a entrada para o inferno e mostrando o caminho para o céu – tudo porque era alguém completamente livre de qualquer preocupação com a opinião pública e profundamente impaciente com a rotina desnecessária."

Como as cidades, espalhadas por todo o mundo de hoje, seriam abaladas por trabalhadores tão cheios de Deus e de fé, tão despreocupados com sua vida, interesses e conforto, e tão determinados a destruir o reino do diabo como foi George Fox!

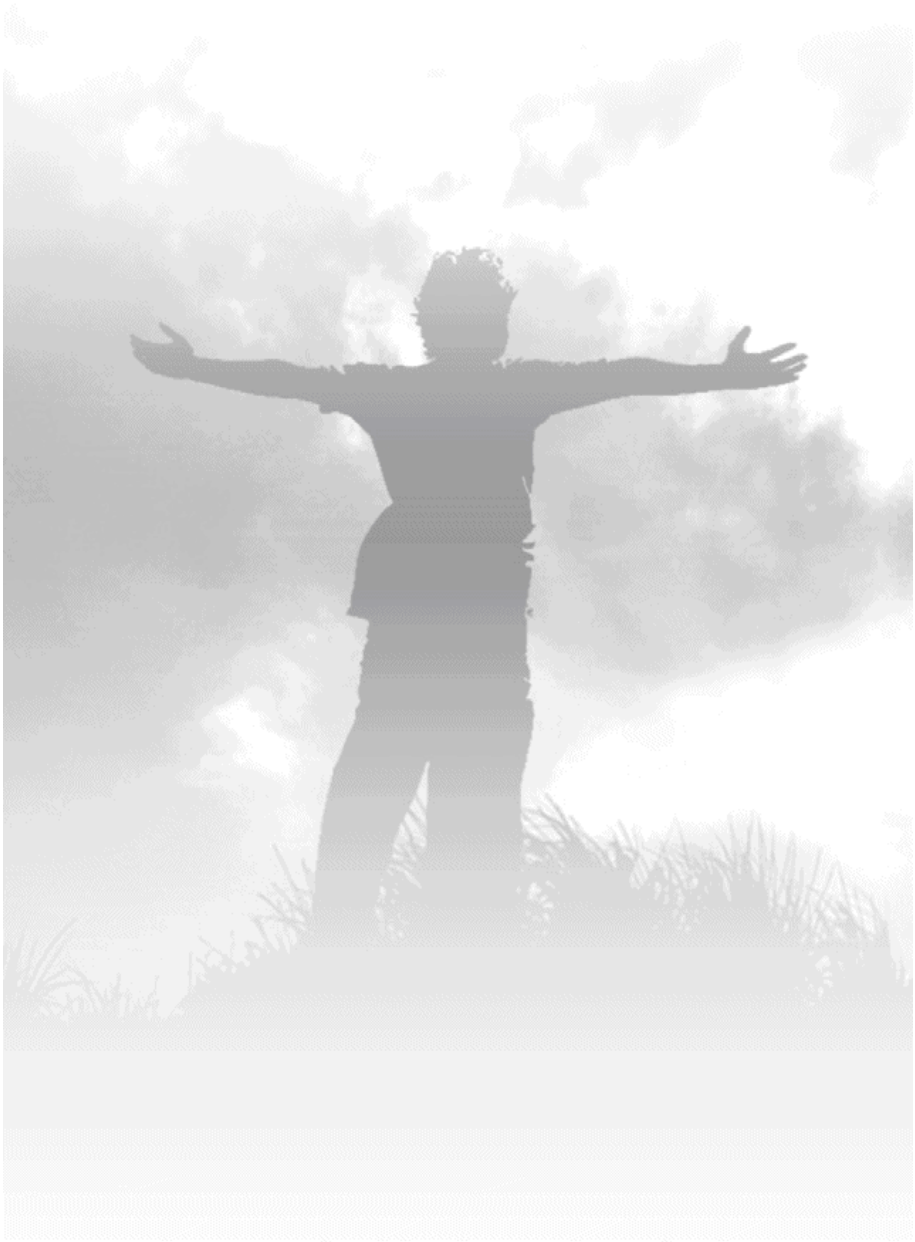
Uma vez que Fox descobriu a verdade que ele tanto procurava, passou a gozar de uma paz perene em sua vida espiritual. Não houve mais altos e baixos; sua vida foi pura e inocente, e verdadeiramente oculta com Cristo, em Deus (Colossenses 3.3).

Suas pregações eram simples, mas cheias de poder. Pode até ser que faltavam eloqüência e clareza, ou mesmo terem sido feitas com sentenças emaranhadas e quase incompreensíveis; mas nunca faltou a unção do Espírito Santo em todos os seus discursos. A sua vida de oração era profunda.

A obra pela qual George Fox é mais conhecido é *O Diário de Fox*. Este livro, que foi publicado três anos depois da sua morte, é um dos livros mais famosos em todo o mundo, "rico na percepção das verdades espirituais, rico na nobreza de sua simplicidade, e rico em fibra moral". Era a presença de Fox e as palavras por ele ditas que causavam uma profunda impressão nos ouvintes; impressão esta retratada com nitidez em seu diário.

Fox morreu em Londres, no dia treze de janeiro de 1691. Se algum dia o leitor for a Londres, vá visitar o seu túmulo, do lado oposto à Igreja John Wesley, à margem da City Road, no campo Bunhill, um lugar de aparência decadente. Apesar do musgo e de ser um túmulo antigo, poderá ler na lápide inclinada: "Aqui jaz George Fox!" E ele

está em boa companhia, pois ao seu lado, também esperando pelo Grande Dia do Senhor, descansa a mãe de João Wesley, Susanna, bem como Isaac Wa s, Daniel Defoe e outros gigantes. George Fox, o qual honrou o Filho, um dia será honrado por Ele. Descanse em paz, fiel e bravo Fox!



CAPÍTULO VINTE E DOIS

———— ————

WILLIAM GRIMSHAW DE HAWORTH

A

quele era um caixão incomum, e estava ocupado por um pregador igualmente singular. O homem que estava deitado ali havia deixado recomendações claras: seu caixão deveria ser barato, muito raso, pintado e, depois disso, seu texto favorito deveria estar legivelmente escrito na tampa: “Para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Filipenses 1.21).

Ali, naquele ataúde, em Haworth, Inglaterra, descansam os restos mortais de William Grimshaw – um pregador que teve um ministério itinerante antes mesmo de Wesley pensar nessa possibilidade. Ali jaz o corpo de um homem que, antes de John Wesley, já ministrava classes de estudo bíblico.

Em seu funeral, em junho de 1763, uma grande multidão lamentou o falecimento de seu pastor. E Henry Venn, famoso autor do livro *The Complete Duty of Man* (O completo dever do homem), foi o convidado a trazer a palavra naquela ocasião. Ele disse:

“Atentai, vós, montanhas e pântanos, para quantas vezes Grimshaw esteve ‘em perigos pelo caminho’ ao levar as boas novas de salvação a algum casebre cujo morador, não fosse pelo testemunho deste destemido pregador, teria morrido tão ignorante a respeito de Cristo como quando nasceu.
“Atentai, vós, chuvas tempestuosas e cortante frio de inverno, vós

tênues nuvens de um sufocante verão, para quantas estações Grimshaw se expôs à vossa inclemência para, por qualquer que fosse a possibilidade, ele pudesse salvar alguém. Para ele, em sua caminhada nenhuma estrada era tão perigosa, nenhum alívio tão convidativo, nenhum aposento tão desconfortável, nenhum desânimo demasiadamente grande. Ele considerava o próprio trabalho que fazia como o seu salário, e isso era tudo o que queria."

Comparativamente, sabemos muito pouco a respeito do começo da vida de Grimshaw. Ele nasceu no Condado de Lancaster, na Inglaterra, onde muitas das igrejas daquela época eram tão estéreis do poder espiritual como um terreno rochoso é de vegetação. Entretanto, parece que ele foi movido por sentimentos religiosos desde cedo. Em 1720, seus pais o enviaram a Cambridge para receber treinamento para o ministério. Contudo, parece que, ao chegar ali, se deixou levar por amigos de poucos princípios morais e aprendeu a beber e a usar palavrões. Em 1731, voltou para Lancashire e se tornou pároco da Igreja Rochdale Parish. Por ocasião de sua ordenação, seu reitor lhe presenteou com a obra de Thomas Brooks, intitulada *Precious Remedies Against Satan's Devices* (Preciosos remédios contra as astúcias de Satanás).

Por algum tempo esse livro criou dentro dele um vislumbre da importância do seu ofício divino e trouxe um pouco de moderação à sua vida. Como qualquer pessoa comum, ele estava satisfeito em estar em dia com suas obrigações dominicais, "cumprindo a liturgia" e lendo os sermões para a congregação. Parece que, mais tarde, ele voltou a viver como em Cambridge – um companheiro de homens vulgares.

Em 1734, o próprio Grimshaw mudou seu modo de viver e tornou-se uma pessoa séria. A graça operou em sua vida e ele teve o que os velhos Quakers teriam chamado de "sentir uma inquietação". E por causa disso, ele abandonou a jogatina, as caçadas e a bebida, e começou a cultivar o hábito de orar quatro vezes ao dia; hábito que, segundo nos conta Henry Venn, esse servo do Senhor manteve até o dia da sua morte.

Todavia, não foi essa a conversão de Grimshaw. Ele simplesmente teve convicção de sua culpa e compreendeu que sua bondade não poderia lhe proporcionar perdão. Este período de auto-condenação por causa de suas más obras e hábitos ruins ainda não lhe trouxera completa satisfação. Depois de cinco anos de um casamento muito feliz, sua esposa faleceu, deixando-o com a difícil tarefa de criar os dois filhos que tiveram. O golpe foi demasiado grande.

Nessa época, Grimshaw já possuía a compreensão da onipotência de Deus, mas não sabia nada do Seu poder para perdoar; sabia que sua vida era vã, mas não tinha a menor idéia para quem se virar em busca de poder. Seus sermões eram apelos para que as pessoas renunciassem ao pecado, antes que caíssem debaixo da ira de Deus; porém ele não conhecia a fonte de poder para dominar esse pecado.

Em 1742, oito anos depois do seu despertamento, de repente a nuvem desapareceu e Grimshaw finalmente encontrou a paz com Deus. Segundo ele, após conhecer sobre a regeneração, era como se a sua Bíblia tivesse sido arrebatada até o céu, e uma nova enviada à terra.

John Newton (1725-1807) foi, sem sombra de dúvida, o melhor dos biógrafos de Grimshaw. Ele revelou, através das suas cartas, que depois de sua crítica experiência com Deus, a pregação de William Grimshaw se tornou clara e bastante proveitosa. Ele escreveu ao famoso pregador Henry Venn: “Agora estou pronto a renunciar a mim mesmo e a qualquer grau de mérito e habilidade imaginário, e abraçar a Cristo como sendo o meu tudo em tudo. Oh, que luz e conforto eu agora desfruto em minha alma! Que maravilhosa certeza do amor perdoador de Deus!”

Em junho daquele mesmo ano, exatamente no meio do

Em junho daquele mesmo ano, exatamente no meio do 1800), Grimshaw foi nomeado para a cidade de Haworth. (Foi nesse lugar que as irmãs Bronte, escritoras de renome, residiram por um curto período). Ele trabalhou vinte e um anos nessa cidade.

Haworth, um lugarejo de dois mil e seiscentos habitantes, era um local frio e úmido. Inicialmente a freqüência na igreja era de apenas umas doze pessoas, e ali era consumida mais bebida do que em muitos lugares. A igreja na Inglaterra estava decadente. Alguns até mesmo pensavam que Cristo era uma figura fictícia. Contudo, ao Senhor agradou visitar a sua congregação ali naquele lugar. A igreja começou a encher-se de tal maneira que muitos eram obrigados a permanecer do lado de fora. Os homens eram tomados por crises de choro, de gritos e de agonia pelo terror que sentiam por sua pecaminosidade e pela ira de Deus. A pregação de Grimshaw atraía multidões.

Então William Grimshaw começou a percorrer sua extensa paróquia e a pregar nas casas. Fazia isso doze vezes por mês, visitando as quadro aldeias da paróquia. Gradualmente ele foi iniciando o seu trabalho como pregador itinerante, indo além da sua própria congregação para pregar em reuniões nas casas mais afastadas. Convertido antes das reuniões dos Wesley (e depois de ler apenas um sermão de um metodista), Grimshaw já era um itinerante igual aos metodistas e reunia seus convertidos em classes de estudo bíblico mesmo antes de conhecer John e Charles Wesley, em 1742.

Ele transformou sua congregação e o distrito ao seu redor por intermédio de suas atividades apostólicas, sua vida de constante oração e sua devoção incessante ao trabalho que realizava na igreja que ele amava e servia. E, no espaço de sete anos, durante o inverno ele teve uma congregação de trezentas a quatrocentas pessoas, e de mil a mil e duzentas no verão – além das doze reuniões mensais que ele dirigia nas casas localizadas nas vilas de sua congregação.

Nessa época, na primeira metade do século dezoito, a Inglaterra encontrava-se em um estado de completa decadência moral e religiosa. A nação já estava afundada nas trevas e no paganismo por muitos anos, e as características desse período eram, cada vez mais, a libertinagem, a imoralidade, o crime e a crueldade.

Entretanto, um verdadeiro despertamento desceu sobre a igreja. Parece que na época de Grimshaw, Deus levantou uma verdadeira constelação de pregadores, embora eles diferissem entre si quanto ao nível de glória que cada eles diferissem entre si quanto ao nível de glória que cada 1770) conseguia alcançar senhoras da sociedade e também levar aos prantos trabalhadores das minas de carvão. Em uma de suas visitas a Haworth, o grande pregador escolheu o seguinte texto para a sua pregação: “Aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” (Hebreus 9.27). E, durante a sua pregação, algo incomum aconteceu: um homem que estava ali presente realmente veio a falecer.

O segredo do poder e da influência de Grimshaw pode ser atribuído, em grande parte, a três coisas: Ele sabia que era chamado e enviado por Deus, e tal conhecimento deu a ele zelo, coragem e inspiração. Além disso, sabia que a mensagem que ele havia sido enviado a pregar, o evangelho claro e definitivo do amor redentor de Jesus Cristo, crucificado e ressurreto, estava sempre diante dele. “Ai de mim se não pregar o evangelho!” (1 Coríntios 9.16).

E, por fim, ele tinha um grande amor pelas almas. Esse amor era como uma febre dentro dele, o que fazia com que sua pregação fluísse de um coração como que em erupção, com uma facilidade santa. Em sua “semana de folga” ele costumava pregar quatorze vezes e, nas semanas ditas “normais”, de trabalho, entre vinte e trinta vezes. Certa ocasião ele se desculpou com uma senhora enferma por não tê-la visitado, explicando-lhe que naquela semana havia pregado umas trinta vezes. Muitas dessas reuniões eram realizadas nos mercados da cidade, onde as pessoas se reuniam para comprar ou vender produtos. Um dos seus convertidos veio a ser um instrumento no envio missionário de William Carey a Serampore.

A chave do grande sucesso de Grimshaw em ganhar almas era a oração. Aos domingos ele geralmente se levantava antes das cinco horas da manhã. Como já dissemos, em 1734 ele adotou o hábito

que levaria com ele por toda a sua vida, que era o de orar quatro vezes ao dia. Ele orava sempre: orava ao se vestir, orava com a sua família, orava antes e após as refeições (agradecendo a Deus pelo benefício delas) e orava à noite.

E na sua busca pelas almas, Grimshaw mudava seu jeito de vestir e saía aos domingos em busca dos jovens que iam para as colinas para jogar cartas. Ali ele descobria seus nomes e os convencia a ir visitá-lo em sua casa. E, agindo dessa maneira, conseguiu levar alguns deles ao Senhor. Antes do horário do culto, ele costumava ir às quatro tavernas próximas à igreja para de lá trazer os freqüentadores para o culto.

Ele tanto repreendia o pecado em particular quanto em público. Afinal de contas, homens tanto imponentes quanto simples estavam correndo risco de irem para o inferno
– a perdição eterna. E ele estava disposto a pagar qualquer preço para levar a salvação a eles. Em seu profundo anseio por causa da impiedade dos duros de coração, embrutecidos pelo pecado, não raro chorava. Sua intercessão por aqueles homens, plena de compaixão, e também seus rogos por eles diante do Senhor, eram como um tônico fortificante para uma igreja enferma.

A humildade era uma das brilhantes virtudes de Grimshaw. Quando ele tinha convidados, era seu costume levantar-se mais cedo e limpar as botas deles. Às vezes quando a sua casa estava cheia de pregadores visitantes, ele mesmo cedia a sua cama para que pudessem usar e ia dormir no celeiro.

Falta-me tempo para falar das provações de fogo por que Grimshaw passou, de seu zelo pelas almas, do cuidado que tinha pelas viúvas e da sua generosidade para com os outros pregadores. Contudo, será que os jejuns que ele fez (e eles eram freqüentes), as lágrimas que derramou (e que foram muitas), e as almas que ganhou (e foram centenas)
– não estão todos registrados no livro das crônicas que está guardado no Trono de Deus?

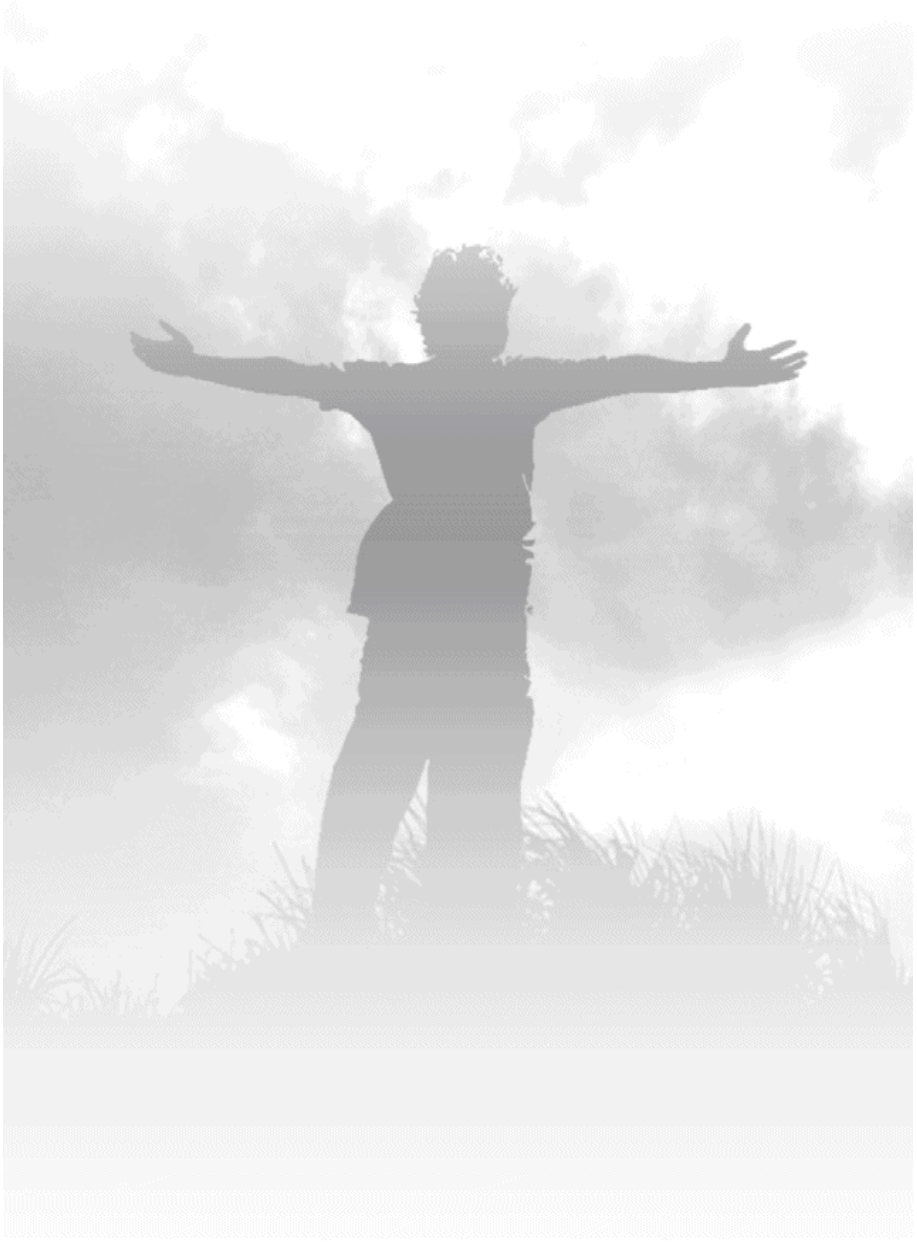
William Grimshaw morreu como um homem pobre, em 1763. Seu memorial não está baseado em riquezas, mas nos incontáveis cristãos que ganhou. Por intermédio de suas pregações, tanto as primeiras como as últimas, a vida dessas pessoas permaneceu segura em Cristo. A cidade de Haworth foi transformada durante o seu ministério.

Nunca existiu entre as pessoas sórdidas e mundanas alguém mais dominado pelo amor do dinheiro e nem mais dedicado a amontoar riquezas do que o era Grimshaw com relação ao ensino e pregação do reino de Deus, bem como às coisas concernentes ao Senhor Jesus Cristo. Ele certamente aprovaria as palavras ditas por Venn em seu funeral: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, a riqueza, a honra, a glória, e o louvor.”

Após cinqüenta anos de sua morte, William Grimshaw, que uma vez fora chamado de “O Apóstolo do Norte”, foi objeto de quatro biografias. Contudo, infelizmente a nossa geração se esqueceu quase que completamente da vida desse homem de Deus. Se ele é conhecido de alguma maneira, não o é pela sua devoção ou humildade, as quais impressionaram seus contemporâneos; antes, ele é lembrado como o homem que, chicote na mão, arrancava das tavernas a sua congregação.

Nestes últimos anos temos ignorado a contribuição que o avivamento evangélico trouxe ao século dezoito. Como escreveu Lecky: “Os grandes evangélicos do século dezoito – inclusive Grimshaw – gradualmente mudaram todo o espírito da igreja da Inglaterra, colocando dentro dela um novo fogo e uma nova paixão. Eles inflamaram a igreja com um ardente espírito de filantropia, elevaram o padrão do trabalho clerical, e alteraram completamente o tom e a tendência da pregação dos ministros do Evangelho.

Hoje existe uma fome da boa pregação. “A ovelha faminta ergue os olhos, mas não recebe alimento” (Poeta Milton).



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

JONATHAN EDWARDS

L

eia com atenção esta série de retratos escritos de homens que Deus usou como canais para o avivamento na religião cristã. O vocabulário desses homens era tão diferente como as roupas que eles usavam. O pano de fundo de suas vidas era rico em contraste e variedade. Tanto o humor quanto as formas de se expressarem eram tão diferentes quanto as possíveis variações da personalidade humana. Entretanto, ainda assim, eram um – um porque, como Moisés, eles permaneceram firmes “como quem vê aquele que é invisível” (Hebreus 11.27). Eles aplicaram todos os seus talentos e poderes para trazer os homens das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus. Esses homens foram a pedra fundamental das futuras gerações. Entretanto, quem dentre nós aprecia as pedras de fundação? É comum ficarmos olhando admirados a altura dos arranha-céus ou o delicado detalhe de pedra do pináculo de uma igreja; contudo, quem é que se detém com freqüência para observar as pedras ásperas do alicerce enterradas na terra fria, úmida e suja?

As biografias, em geral, são muito falíveis e incompletas. Além do mais, só Deus conhece todas as lágrimas e todo o trabalho árduo dos homens. Somente no Grande Dia será possível sabermos de todos os detalhes.

Ao longo da história da igreja têm aparecido alguns casos de pessoas unidas na alma, ligadas por profunda amizade, à semelhança de Davi e Jônatas. Casos assim têm um brilho especial por serem tão raros; além disso, foram de tal forma purificados de interesses egoístas que muitas vezes parecem mais o resultado da imaginação de um poeta.

Entretanto, nós não encontramos muitas dessas duplas de ministério. Os líderes dos períodos de avivamento, os quais estamos prestes a retratar aqui eram, com freqüência, almas

solitárias. É óbvio que também foram bastante conhecidos em seu tempo, ou não teriam sequer sido considerados candidatos a fazerem parte deste livro; contudo, nos dias de hoje, nem são mais lembrados. Em nossos dias, muitos desses homens que "experimentaram o poder do mundo por vir" seriam colocados de lado, pois a nossa ênfase parece estar colocada tão somente nas pessoas manipuladoras de auditório, e que encantam o público. Entretanto, tenho certeza de que cada descrição aqui poderá nos ensinar alguma coisa a respeito de dedicação e de paixão pelas almas.

Muito do que é "oferecemos" no evangelismo atual é de natureza sensorial, e não espiritual. O gênero "gospel" de entretenimento nunca deveria ter surgido. (Peço a Deus que isso acabe o mais rápido possível). Nem por um segundo o apóstolo Paulo sonhou que o evangelismo pudesse ser transformado em uma indústria, ou a prática do dízimo funcionar e ser encorajada nos moldes de Wall Street. Pelo contrário, esses homens foram descritos como aqueles que:

"Subiram os degraus em direção ao céu
através de perigos, labutas e dores.
Ó Deus, a nós seja dada a graça
para seguirmos no rastro deles!"

Jonathan Edwards, 1703-1758, alcançou sucesso como um evangelista e pregador americano, diretor de universidade, místico e avivalista.

Em seu livro *American Literature and Christian Doctrine* (Literatura americana e doutrina cristã), Randall Stewart escreveu o seguinte: "Jonathan Edwards não é apenas o maior de todos os teólogos e filósofos americanos, mas também o maior dos nossos escritores pré-século dezenove."

Aqui está um resumo preciso da vida de Edwards, extraído das hábeis mãos de Perry Miller: "Jonathan Edwards foi um dos cinco ou seis maiores artistas – que trabalhou com idéias, em vez de poemas

ou romances. Ele era muito mais um psicólogo e poeta do que um especialista em lógica. Embora tenha dedicado seu gênio criativo a tópicos ligados ao corpo de doutrinas bíblicas (vontade, virtude, pecado), ele delineava cada um deles como o mais meticuloso observador.”

Para nós, vermos Jonathan Edwards subir no púlpito hoje, uma vela em uma das mãos e o manuscrito de seu sermão na outra, iria causar um grande desconforto na congregação. De nossos templos, dos nossos confortáveis, modernos e acolchoados bancos de igreja, com corredores acarpetados e música suave de fundo, mal podemos captar a velha dignidade das modestas igrejas onde Edwards e outros mantinham cativos o coração e a mente dos seus ouvintes.

Quando Jonatahn Edwards “entregava uma palavra” no Espírito, o rosto sem expressão, a sonoridade da voz, a maneira sóbria com que se vestia, tudo isso era esquecido. Não era nem preguiçoso e nem simplório. O que tinha era um coração dedicado ao objetivo de manejar bem a palavra da verdade. Porém, fazendo isso, ele ficava inflamado! Entretanto, para ele, o sensacionalismo era anátema. Impressionar as pessoas nunca era a intenção por trás de nenhuma de suas pregações. A erudição que arde pelo Senhor constitui para mim a oitava maravilha do mundo. E Edwards tinha isso.

A língua deste homem de Deus era como uma espada afiada de dois gumes para os seus ouvintes atentos. Suas palavras eram tão dolorosas para o coração e a consciência deles como o metal queimando em sua carne. Apesar disso, as pessoas prestaram atenção a elas, se arrependeram de seus pecados e foram salvas.

“Conhecendo o temor do Senhor” (algo aparentemente esquecido em nossos dias, tanto por quem está no púlpito como por quem está nos bancos), Edwards se consumia debaixo de uma ira santa. Sem se importar com qualquer conseqüência da severidade de suas palavras, ele trovejava de cima do seu púlpito:

“O arco da ira de Deus está preparado e suas setas prontas. A Justiça aponta a seta para o seu coração e estica a corda do arco. Nada, a não ser a simples misericórdia de Deus (um Deus irado e não preso a qualquer promessa ou obrigação) impede que a seta, em apenas um momento, se embriague com o seu sangue.”

Falar verdades como essas com lágrimas e ternura exige um homem ungido e, por isso, destemido e compassivo.
Mas era necessário que, no coração e mente dos ouvintes, estivesse antes operando uma medida da graça salvífica de Deus. Não fosse assim, os homens já teriam se rebelado diante dessa rigorosa varredura do poder em suas almas. O que aconteceu foi que, diante do furacão espiritual trazido por Edwards, os ouvintes desabaram. Alguns caíram ao chão como se derrubados por um golpe de machado. Outros, com a cabeça inclinada, agarravam-se às colunas do templo como se com medo de cair nas profundezas do inferno.
Edwards chorava na maioria das vezes em que pregava. E nisso ele se parecia muito com o poderoso Brownlow North, do avivamento que ocorreu anos mais tarde, na Irlanda, em 1859. A divina lei de Salmo 126.6 nunca foi e nem nunca será revogada: “Aquele que sai chorando, levando a semente para semear, voltará com cânticos de júbilo, trazendo consigo os seus molhos”.
Como pastor de uma das maiores, mais prósperas e mais socialmente conscientes igrejas da Nova Inglaterra, Edwards tinha a rara percepção da necessidade do seu rebanho. Ele também tinha um coração cheio de grande compaixão pela saúde espiritual de suas ovelhas.
Vamos até à floresta onde ele está a sós com o seu Deus. Vamos nos esconder atrás daquela velha e retorcida árvore e ouvir a sua quebrantada oração:

“Sinto em minha alma uma urgência de ser... esvaziado e anulado; de me prostrar no pó e de me encher unicamente de Cristo; de amá-lo com um coração puro e santo; de confiar nele, viver para ele e de ser perfeitamente santificado e purificado com a pureza divina e celestial.”

Edwards possuía o mesmo tipo de alma que George Whitefield, contemporâneo dele. Então, será que o poderoso americano Jonathan Edwards tenha sido inflamado pelo apóstolo inglês, Whitefield? Será que os trovões da vibrante alma de Whitefield, que na época ribombavam por toda a Nova Inglaterra, tenham abalado e desafiado a normalidade da vida de pregação de Edwards? Esta não é uma pergunta retórica e não pode ser completamente respondida, pois carrega uma grande verdade. Afinal de contas, sabemos que depois de conhecer o jovem George Whitefield, Jonathan Edwards mudou a sua maneira de preparar seus sermões.

Agradou ao Senhor colocar Edwards à parte em uma pequena congregação, em Stockbridge, Massachusses. Esse “banimento” deveu-se às suas diferenças com o Sr. Stoddard, que tinha servido a Santa Ceia do Senhor para algumas pessoas que não haviam feito uma pública confissão de sua fé em Jesus Cristo como o seu Salvador pessoal. Contudo, durante esse período de reclusão, a brilhante mente de Edwards criou asas. Pensamentos incubados por tanto tempo vieram à luz. Dessa forma, ele poderia ter dirigido ao Sr. Stoddard as mesmas palavras que José dirigiu aos seus irmãos: “Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus transformou isso em bênção” (Gênesis 50.20). O Senhor, mais uma vez, fizera a ira do homem louvá-lo, pois nessa ocasião a alma de Edwards recebeu a bênção das “palavras”. E da sua caneta fluiu o melhor de seus escritos. Hoje Edwards dorme com o Senhor, mas as suas palavras ainda falam.

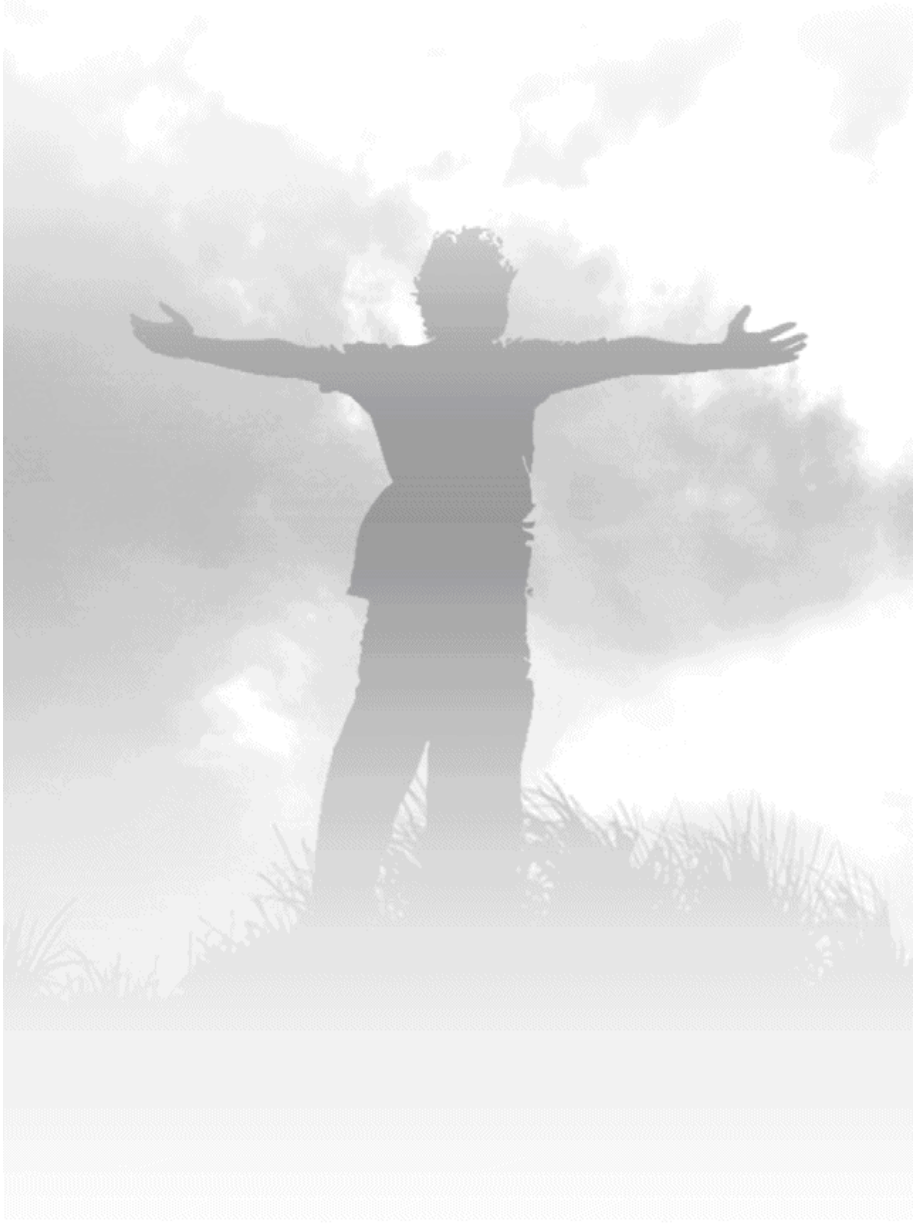
Quando a voz de Milton, há muito foi silenciada pela morte, Wordsworth clamou:

“Milton, você deveria estar vivo nesta hora: A Inglaterra precisa de você;
Ela é um pântano de águas estagnadas.”

Poderíamos parafrasear essas palavras da seguinte forma:
“Edwards, você deveria estar vivo nesta hora: A América precisa de você;
Ela é um pântano (espiritual) de águas estagnadas.” Uma pequena

casca, uma minúscula casca de moralidade, ao que me parece, é o que tem protegido a América do colapso total. E nesta hora de grande perigo precisamos de uma geração inteira de pregadores como Edwards.

“Senhor Deus dos exércitos; faze resplandecer o teu rosto, para que sejamos salvos” (Salmo 80.19).
Observe o contraste estabelecido por Al Sanders, em sua obra *Crisis in Morality* (crise na moralidade), entre os descendentes desse grande homem de Deus e os de Max Jukes, seu contemporâneo.
“Max Jukes, o ateu, viveu uma vida ímpia e casou-se com uma moça igualmente ímpia. E dentre as pessoas que resultaram dessa união trezentas e dez morreram como indigentes, cento e cinqüenta eram criminosas, sete se tornaram assassinas, cem eram bêbadas e mais da metade das mulheres eram prostitutas. Esses seus quinhentos e sessenta e sete descendentes custaram aos Estados Unidos um milhão e duzentos e cinqüenta mil dólares.
“Entretanto, louvado seja Deus, o inverso disso também é verdadeiro. Existe o registro de um grande homem de Deus, um americano chamado Jonathan Edwards. Ele viveu na mesma época de Max Jukes, mas se casou com uma moça crente. Foi feita uma investigação sobre a vida de 1394 descendentes conhecidos de Jonathan Edwards e 15 se tornaram diretores de faculdades, 65 foram professores de faculdade, 3 foram senadores dos Estados Unidos, 30 foram juízes, 100 foram advogados, 60 foram médicos, 75 foram oficiais do exército e da marinha americana, 100 foram missionários e pregadores, 60 foram autores de renome, um foi vice-presidente dos Estados Unidos, 80 se tornaram funcionários públicos em outros departamentos, 295 se formaram na faculdade, entre os quais contavam-se governadores de estado e ministros para países estrangeiros. Seus descendentes não custaram nem um centavo ao estado. ‘A memória do justo é abençoada’ (Provérbios 10.7).”
Para nós, isto é a conclusão de tudo.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

_____ _____

GIDEON OUSELY – O WESLEY IRLANDÊS *1762-1841*

E

m 1762, John Wesley fez a sua segunda “invasão” à cidade de Galway, na Irlanda. Desconhecido dele até então, e acomodado em seu berço em algum canto daquele mesmo país, está um recém-nascido que, quando Wesley encerrou seu ministério, estaria começando um trabalho não menos abrangente e dotado com o mesmo batismo de fogo. Gideon Ousely era o nome desse ganhador de almas “revestido” do poder de Deus, que nasceu em Dunmore, Irlanda, no dia 24 de fevereiro de 1762.

Sua mãe sempre teve muito cuidado em proteger Gideon das idéias deístas de seu pai. À noite costumava pedir que o garoto lesse para ela alguns trechos dos livros *Sermons* (Sermões), de Tillotson, ou *Night Thoughts* (Pensamentos noturnos), ou *Last Day* (Último dia), de Young. E o tempo não conseguiu apagar esses escritos da mente desse ilustre leitor.

A primeira vez que Gideon teve conhecimento da sua condição de pecador foi por intermédio de um homem que era um soldado combatente em dois exércitos ao mesmo tempo – no The Fourth Royal Irish Dragoon Guards (Dragões da quarta guarda real irlandesa) e no exército do Senhor.

Ele também foi profundamente tocado pelas pregações de John Hurley e, sob a influência dessa pregação ungida, ele veio para os caminhos da graça. Em meados de maio de 1791, com a idade de 29 anos, Gideon viu o “Cordeiro de Deus que foi morto por ele”, e sentiu que o Senhor havia tirado o fardo e a escuridão e lhe concedido a tão procurada paz.

Durante uma “aula”, John Hurley lhe perguntou: “Você crê que o Senhor Jesus já o perdoou?”. “Sim, minha alma glorifica ao Senhor, e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador”, respondeu ele.

Mais tarde, na zona rural escocesa, enquanto o gado olhava por sobre as cercas, podia-se ouvir os cânticos do pregador que, montado a cavalo, com toda a eloquência e a plenos pulmões, louvava Aquele que, no dizer de Wesley, “Salvou as pobres almas do fogo e apagou cada tição no sangue de Jesus”.

O pregador irlandês sobre quem eu escrevo tem apenas um olho. Entretanto, nenhum homem com seus dois olhos podia ver com mais clareza que ele, os registros divinos que mostram que os homens estão perdidos agora e eternamente, a menos que se arrependam. Para ele os homens não são realmente homens, mas espíritos revestidos de carne – almas pelas quais Jesus morreu. Ele os via ou como sendo jóias em potencial para serem colocadas na coroa de Cristo, ou como combustível para as chamas do inferno.

Faíscas saltavam das ferraduras de seu veloz cavalo, a boca espumando e os flancos cheios de suor pelo esforço, à medida que Gideon seguia apressado por aquelas estradas irlandesas, movido por um enorme senso de urgência e compaixão. Tal era o seu inextinguível zelo pelas almas, que alguém poderia pensar que este pregador tinha tido um vislumbre do inferno ou, quem sabe, até mesmo recebido uma nota secreta entregue pelo próprio anjo Gabriel, dizendo que o mundo se acabaria dentro das próximas vinte e quatro horas. Não há a menor dúvida de que esse abençoado homem poderia perfeitamente dizer: “O zelo da tua casa me consumiu” (Salmo 69.9).

Nem mesmo Paul Revere, dos Estados Unidos, ou John Gilpin, da Inglaterra, jamais cavalgaram com maior zelo que “o Wesley irlandês”, como alguns costumavam chamá-lo. Talvez o mais apropriado seja colocá-lo no mesmo nível que George Whitefield, da Inglaterra, ou do americano Gilbert Tennent; era como se, em espírito, fossem irmãos. Ele pertencia à comunidade que

desconsidera os rótulos denominacionais – a comunidade dos corações em brasa.

Em Londres, na Catedral de St. Paul, tem um púlpito feito em um mármore impressionante. Em sua capela, na City Road, Wesley tinha um belo púlpito de mogno polido. Jesus, entretanto, usou a beirada de um poço como púlpito. Nosso herói, por sua vez, muitas vezes tinha por púlpito um par de estribos ou uma sela.

Vejamos um exemplo de uma das viagens missionárias de Ousely, as quais eram “regadas” com muita oração. Certa ocasião ele fez uma dessas viagens ao interior da Irlanda, a um local quase selvagem, onde o povo era semi-analfabeto. Observemos como ele agia. Na igrejinha está um pastor, aguardando a chegada de um casal de noivos que deve se casar ali. Quando a charrete que traz o feliz casal se aproxima do templo, o evangelista os intercepta e se põe a pregar para eles. Com muito tato, fala-lhes sobre a eternidade. Minutos depois, os jovens, até meio perplexos, estão ajoelhados, ali mesmo no chão, enquanto o ardoroso pregador ora por eles.

Depois disso, Ousely segue o seu caminho apressadamente. Chega ao cemitério e, olhando por cima do muro, vê pessoas chorando e gemendo aflitas, porque aquele ente querido acaba de partir. Mas, para onde? Então, ele começa a orar, com voz possante, superando o barulho do alto clamor daquela gente.

Em seguida, veja esse mesmo homem de Deus na praça da cidade; trata-se do cenário da última execução pública. Milhares estão ali reunidos. Acredito que seja o nosso pregador que se encaminha até o cadafalso e ministra ao apavorado criminoso. Depois de conduzir o condenado homem a Cristo, o pregador, tendo o cadafalso como púlpito, bombardeia a multidão com os fatos relativos à eternidade do ser humano. Enquanto ele fala, o corpo do morto balança de um lado para o outro bem ali no cadafalso da forca. E em meio aos evidentes sinais da morte, ele fala sobre a vida eterna àqueles pecadores descuidados. Quando ele mostra para eles os eternos “ais” daqueles que morrem sem Deus e sem esperança, faz com

que a alegria que há pouco demonstravam se transforme em lamento.

Uma pessoa que ouviu Ousely testificar, disse mais tarde: “Eu gostaria de poder reproduzir o testemunho dele da mesma maneira que ouvi. A seriedade e o amor zeloso de seu modo de agir, o tom enternecedor da sua voz, o seu olhar radiante, o seu gozo alegre, as lágrimas que corriam pelo seu rosto, e o caráter apaixonado dos seus apelos, nada disso pode ser reproduzido em papel.”

Gideon fez algumas campanhas de pregações pela Inglaterra. Tanto lá, como na Irlanda, ele viu a manifestação do poder de Deus evidenciado não apenas em surpreendentes conversões, mas também na realização de fenômenos. As pessoas caíam em êxtase enquanto ele pregava; algumas até pareciam que estavam mortas, pois não conseguiam responder nem às tentativas sutis de despertamento, e nem às sacudidas e aos gritos. Mas tarde, quando “despertavam”, passavam a desfrutar da paz que a salvação de Deus proporciona.

Essa alma em chamas foi expulsa do mercado e ridicularizada dos púlpitos. Tanto padres quanto protestantes tentavam colocar obstáculos no caminho deste destemido expedicionário, mas ele prosseguia sempre em frente.

Seu espírito estava sempre pronto, embora de vez em quando sua carne estivesse fraca. Mas ele continuou em sua jornada: duras cavalgadas, comida inadequada, sono insuficiente e gente violenta nos mercados, tudo isso exigia muito dele. Mesmo assim, aos setenta e cinco anos de idade, ainda pregava nas ruas da cidade e prendia a atenção das multidões quando conclamava, às vezes em inglês, outras em um eloquente irlandês, mas sempre com muito fervor, a que fugissem “da ira vindoura” (Lucas 3.7).

Quando ele estava com setenta e seis anos (preste bastante atenção a este fato, pregador leitor), ele disse: “Preguei trinta e seis vezes em dezesseis dias.” Mais tarde, ele registrou: “Do dia 27 de agosto, domingo, até o dia 21 de setembro, uma quintafeira, meu

Senhor me capacitou a pregar cinquenta e quatro vezes, dentro de recintos ou ao ar livre, e isso já quase com setenta e sete anos!”

Um ano antes de seu octogésimo aniversário, Gideon Ousely morreu – cheio de sabedoria, cheio de anos, e cheio de graça. Homens piedosos o transportaram até o seu lugar de descanso, uma sepultura no Monte Jerome, e “voltou ao pó o que ainda era terreno, este que foi um dos mais ilustres filhos de Erin* que a relva verde já cobriu”.

_____ * Irlanda.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

BILLY NICHOLSON – O WHITEFIELD IRLANDÊS

E

m 1900, uma “numerosa banda” de quatro pessoas marchou fora do compasso pela rua principal de Bangor, na Irlanda do Norte. Os dois membros uniformizados dessa banda eram moças do Exército de Salvação, e os outros dois eram rapazes. Um deles possuía uma mente tão afiada como a lâmina de uma navalha; o outro (segundo opinião do primeiro), “não tinha cérebro suficiente nem para ter uma dor de cabeça”.

O jovem que comandava esse pequeno desfile estava marcando o compasso desafinadamente com um pandeiro. Recentemente ele havia feito um voto ao Senhor de que, por Jesus Cristo, iria a qualquer lugar e faria qualquer coisa, a qualquer preço. Foi então que esse estranho “desfile” se tornou freqüente na cidade. Certo dia um rapaz estava andando pela rua quando as moças do Exército de Salvação lhe pediram que se juntasse a eles, para ajudá-los a testemunharem de Cristo pelas esquinas da cidade.

Este pedido não indicava nada absolutamente de heróico. As teorias que se formulam, quando se está assentado em um gabinete podem

parecer bastante heróicas, mas, no calor da batalha, as teorias de um teólogo de cadeira giratória sempre desmoronam. Foi muito difícil para este jovem decidir o que fazer quando se viu frente a frente com o seu Golias.

“Jimmy Doido”, o rapaz bobo que acompanhava as garotas do Exército de Salvação, usava uma camiseta vermelha, em tecido jersey. Nas costas, em letras brancas, vinha escrito: “Liberto da opinião pública”. Creio até que ele realmente não tivesse muito entendimento da vida e, por isso, não tivesse mesmo medo de nada. Entretanto, o jovem líder estava apavorado. Além do mais, os espectadores debochados, que olhavam o grupo com ar zombeteiro, faziam chocarrices em alto e bom som. Que belo “batismo”! E o seu inimigo público número um era exatamente a opinião pública. Sem dúvida alguma que o seu encontro com Deus fora como estar no alto de um monte. Entretanto, agora ele estava em um verdadeiro vale de humilhação!

E para piorar o que já estava ruim (como diriam os irlandeses), parecia que, por algum arranjo do destino, todos os seus parentes, amigos e inimigos passaram naquela esquina enquanto ele estava ali em pé, com toda a sua timidez. Repare que eu disse “passaram” – mostrando assim a total ineficácia daquela reunião.

Percebendo o problema, uma das garotas sugeriu que os quatro se ajoelhassem ali mesmo e pedissem a Deus que assumisse o controle de tudo. Coitado do Billy! Eles se ajoelharam e um irmão fez uma oração “relâmpago”, Billy desejou que esta durasse tanto quanto o Salmo 119. E ali, naquele culto ao ar livre, sua reputação morreu e foi logo sepultada à vista de todos. (É... esse “morrer” para a opinião pública não demora mesmo nada!).

Para os espectadores zombeteiros, essa reunião no meio da rua pode ter parecido uma comédia. Entretanto, para esse jovem rapaz, ela foi mais doce que a “Marcha Triunfal” na “Aida” de Verdi. Foi uma marcha de glória para celebrar uma vitória ainda maior para ele do que a de Nelson em Trafalgar, ou a do rei William III, na Batalha de Boyne. Billy estava triunfante. Ele tinha acabado de perder o que

ele não queria encontrar nunca mais, e encontrado o que jamais gostaria de perder. Ele perdeu a sua reputação e o seu temor do homem, e encontrou a alegria e a paz do enchimento transbordante do Espírito. Aleluia!

E esse acontecimento foi a sua cômica e um tanto desagradável introdução ao mundo do evangelismo. Mas quem era esse jovem? Ninguém menos que W. P. Nicholson (mais conhecido por milhões como simplesmente W.P.). Ele era tão tipicamente irlandês como o turfe, e tão rijo e forte como os montes de Donegal.

A inicial do nome do meio de W. P. bem que poderia ser C., de corajoso. Aos quinze anos ele foi embora de casa para trabalhar como aprendiz de marinheiro. Seu treinamento foi algo bastante duro. Ele havia permanecido no mar, sem ver a terra, por mais de cinco meses, trabalhando em velhos navios a vela. E como se isso não bastasse, ainda sobreviveu a um furacão no Cabo Horn. Ele lutou, sem nada nas mãos, com homens bem mais fortes que ele. Seu estilo de lutar era na base do “vale-tudo” onde, como o próprio nome já traz a idéia, tudo é permitido.

W. P. recebeu a salvação em 1899, e no exato momento que isso aconteceu, ele o soube, sem a menor sombra de dúvida. Alguns meses mais tarde (e apenas algumas horas antes do episódio da célebre reunião naquela rua de Bangor), passou por uma libertação do pecado à moda antiga. Apesar de ser um presbiteriano convicto, com tradição e tudo mais, depois que foi libertado pelo Espírito começou a chorar, a cantar e a se alegrar como qualquer metodista livre à moda antiga faria.

Por causa das suas reuniões de pregação, muitos homens estão no ministério hoje, bombardeando as fortalezas de Satanás e arrebatando almas das chamas do inferno. Um deles era o meu amigo Andy Mays, um velho bêbado que foi salvo em um dos cultos de Billy.

Na primeira noite que Andy compareceu à reunião, ele não conseguia parar quieto em sua cadeira. “O Nicholson nunca mais

vai me fazer entrar ali novamente", jurou ele, ao sair do culto. Entretanto, na próxima noite ele estava lá outra vez. E ao sair da igreja, tornou a fazer o mesmo juramento sobre não voltar mais à igreja. Mas, na terceira noite, lá estava ele novamente. Só que, dessa vez, sentou-se bem afastado, na galeria. Porém, é como dizem por aí: quanto mais alto você está, maior é o tombo! E, naquela noite, Andy caiu exatamente nas mãos de um Deus misericordioso.

Andy Mays vivia em uma casa tipo "casa de praia", localizada nos arredores de uma cidade chamada Lisburn, cerca de quatorze quilômetros de Belfast. Em sua jornada cristã, Andy caminhou bastante e foi longe; entretanto, o evangelista que lhe mostrou a "luz radiante do além" (no dizer de John Bunyan, em "O Peregrino") foi Billy Nicholson.

W. P. era uma pessoa entusiasta e muito interessada, e se tornou um destemido e apaixonado ganhador de almas. A Bíblia se tornou o seu livro de estudos e a sua maior alegria era testemunhar do seu Salvador e, com isso, ganhar almas.

Certa ocasião, Wilbur Chapman e Charles Alexander o convidaram para acompanhá-los em uma viagem à Austrália. E o mesmo grande mover do Espírito que havia acontecido na Irlanda, aconteceu também ali. Mais tarde, Peter Connolly se juntou a ele. Por intermédio de suas pregações, dezenas de milhares aceitaram a Cristo como seu Salvador pessoal, e mais um número incontável de pessoas passaram a gozar de uma vida cheia do Espírito.

Houve também grandes momentos quando Finney, Billy Sunday, Dr. Torrey e W. P. aproveitavam as tardes de domingo para fazerem reuniões "de homens". Em um momento eles se desfaziam em risadas e, minutos depois, estavam tremendo debaixo da convicção do Espírito Santo. W. P. sabia como "tocar" as emoções, os temores e a mente de seus ouvintes, da mesma forma que Mendelssohn sabia tocar um órgão.

Poucos cristãos conheceram o ofício do evangelismo como Nicholson. Ele orava, estudava, chorava, exortava, suplicava, implorava, persuadia, ameaçava; enfim, fazia “de tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns” (1 Coríntios 9.22). Quando ele subia ao púlpito, o fazia para entregar-se totalmente. Não seria nenhum exagero dizer que “as portas do inferno não podiam prevalecer contra ele” (Mateus 16.18).

Um exemplo de como ele conduzia suas pregações pode ser visto quando, em certa ocasião, ele pregou uma maravilhosa mensagem baseada em João 3.16 e, ao fazer o apelo para que as pessoas aceitassem ao Senhor Jesus, ninguém se mexeu. Assim, W. P. resolveu mudar a sua tática e, na próxima noite, “carregou a sua arma” com uma apavorante mensagem sobre o inferno. Nada de brincadeiras! Nada de deixar os ouvintes “escaparem” sem ouvir a verdade! Nada de pregar um evangelho vazio, disfarçado. Nada de meias palavras! Já ouvi homens crentes dizerem que andariam mais de uma centena de quilômetros só para ouvirem W. P. derramar sua alma em uma solene pregação a respeito do inferno.

Bill costumava ficar furioso quando as pessoas se “atreviam” a menosprezar o terno amor de Deus. Durante aquela sua pregação ele pregava o sermão, e suava; os ouvintes escutavam com atenção, e também suavam. W.P. clamava em nome do Senhor; e seus ouvintes clamavam tomados pelo temor do Senhor. Quando ele terminou aquela mensagem, levantou o pé e, numa advertência solene, literalmente “chutou” a multidão para o inferno. E bradou: “Vocês não aceitaram o perdão de Deus na noite passada, não é verdade? Então hoje vão receber o Seu juízo!” Naquela noite não houve o pronunciamento da bênção apostólica e as pessoas, atordoadas, continuaram assentadas. Billy estava longe na rua quando os ouvintes perceberam que ele já havia ido embora.

E por causa desse procedimento repulsivo no púlpito, meu amigo Peter Connolly ficou contrariado com Billy, e o advertiu: “As pessoas nunca mais voltarão para ouvi-lo!”

Ao que Billy respondeu: “Se o inferno for terrível pelo menos a metade do que apresentei hoje; então, quando chegar a noite de domingo, eles vão ficar felizes de poder voltar aqui e tomarem a decisão que os fará escapar dele.

E como ele estava certo! No domingo à noite, uma multidão de almas compareceu no altar da igreja. A convicção de pecado havia atormentado aquelas pessoas de tal forma, durante aqueles dois dias, que elas estavam prontas para se renderem a Cristo.

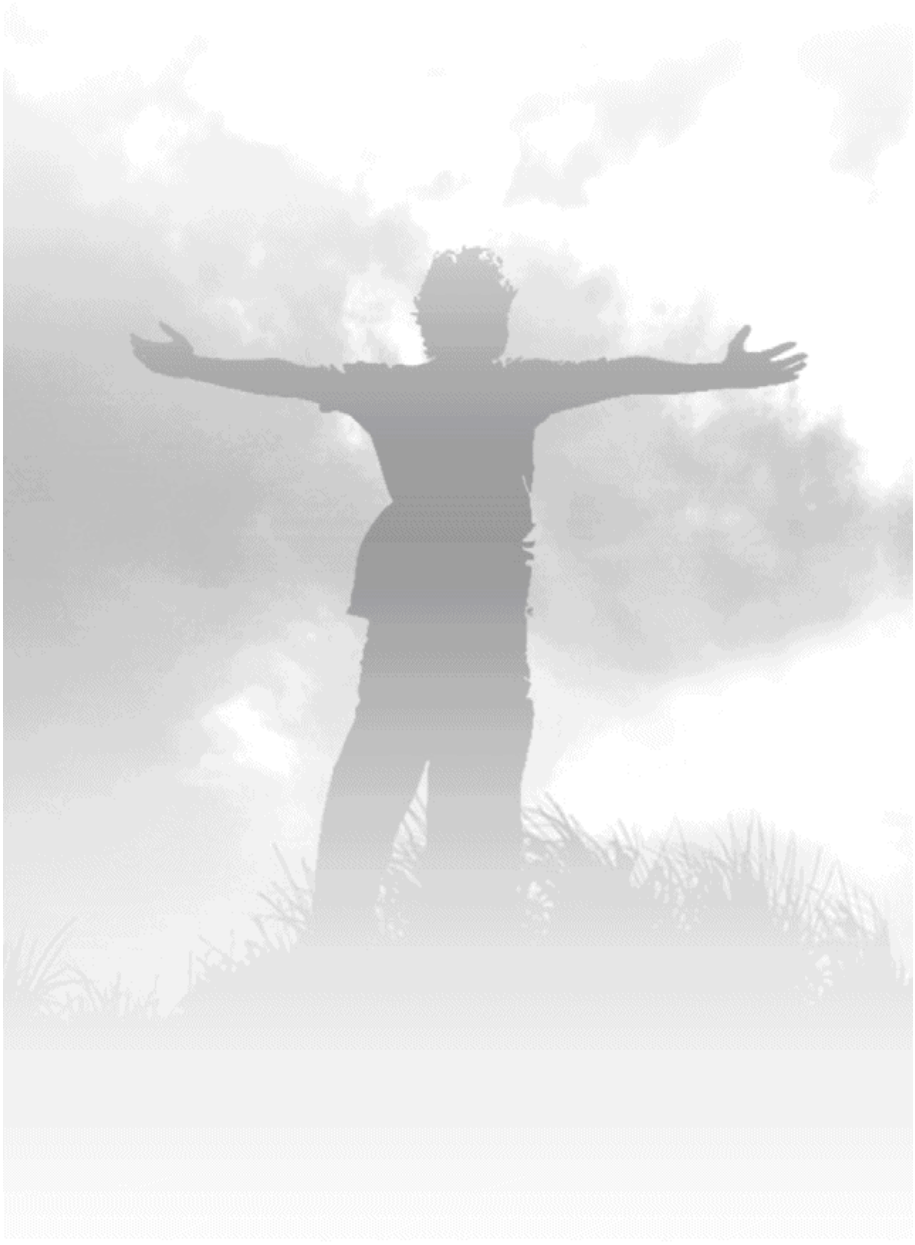
Nicholson não ficava devendo nada a ninguém em assuntos espirituais e bíblicos. Ele era uma pessoa bastante consciente de sua filiação em Deus; entretanto, também era igualmente consciente de que era um servo do Altíssimo e, por isso, estava sempre pronto a ajudar a todos que o procuravam. Isso é algo muito importante sobre a pessoa de William P. Nicholson.

Muitos imitaram W. P., mas ele não imitava a ninguém. Ele viajou muito e por muitos lugares e, por dez vezes, viajou por todo o mundo pregando grandes sermões e na companhia de grandes homens. Contudo, não assimilou nem o estilo deles e nem usou seus métodos. O método que ele usava, característico dele mesmo, dava resultados na “pescaria”, e, assim, era dessa forma que ele “pescava”. Homem de Deus que era, conservou aquela peculiar originalidade com que Deus o agraciara.

A oração poderia ser considerada o seu habitat, pois ele amava orar. Em suas campanhas ele promovia vigílias de oração que duravam parte da noite ou até mesmo a noite inteira. Orar no Espírito fazia com que ele permanecesse constantemente em espírito de oração. E do seu lugar secreto de oração ele ia direto para o púlpito – revestido do poder de Deus.

Nicholson pôde clamar como William Burns: “O batido surdo dos passos daqueles que caminham para o inferno, sem Jesus, está partindo o meu coração.” Sua pregação inflamada poderia ser descrita da seguinte maneira: “Suas palavras eram como uma chama e o coração dos ouvintes como a grama seca.”

Há alguns anos, homens piedosos conduziram o corpo de William P. Nicholson para o seu lugar de descanso. E todo o céu soube quando esse profeta-pregador, da Irlanda do Norte, adentrou às suas portas!



CAPÍTULO VINTE E SEIS

———— ————

FRANCIS ASBURY

M
uitas mães têm sido boas psicólogas, mesmo sem nunca terem estudado psicologia e, provavelmente, algumas até sentem uma certa dificuldade em soletrar essa palavra.

A Sra. Booth, esposa do fundador do Exército de Salvação, costumava ajoelhar-se ao lado do berço de seus filhos, quando estavam prontos para dormir, e falar bem baixinho: “Meu amor, você não foi enviado a este mundo para cuidar só de você, mas para cuidar de outros. E o mundo está à sua espera.” Que maravilhosa idéia para se colocar na cabeça de uma criança quando ela for para a cama! Não é de se admirar que todos os filhos desse casal tenham desenvolvido brilhantes talentos com os quais serviram o mundo.

Em 1745 encontramos uma mãe na Inglaterra que, aos nossos olhos, parece um pouco “afetada” pela vaidade. Ela dizia aos seus vizinhos: “Tive uma visão que meu filho, Francis, será um grande líder religioso.” Naquela ocasião, essa sua declaração causou uma certa incredulidade em alguns. Depois, ela surgiu com a conversa de que iria começar a cantar hinos para o seu filho e a orar por ele diariamente. Será que isso não foi uma armação para fazer com que o próprio Senhor se tornasse o “patrocinador” dos planos dela?

A Sra. Asbury andou com confiança diante de Deus e criou o seu filho no temor e na admoestação do Senhor. Quando ele ainda era uma criança, tornou-se uma celebridade no distrito de Handsworth,

em Birmingham, na Inglaterra. Quando as crianças de sua escola o importunavam e, frequentemente, eram até mesmo cruéis com ele, não se deixava abalar.

Um certo homem, cristão rico, ofereceu a Francis uma oportunidade de emprego como garoto de recados em sua casa. Ele aceitou a oferta e, com o emprego, recebia também, gratuitamente, as mesmas aulas que os filhos daquele senhor.

Francis Asbury foi uma pessoa diligente desde a sua juventude e, a certa altura de sua vida, ele percebeu a importância de fazer valer cada minuto de sua existência. E essa postura o acompanhou durante toda a sua vida.

Em outra questão que foi um marco na vida desse rapaz, sua sempre atenta mãe tomou a iniciativa. Certo dia ela lhe perguntou: “Por que não vem comigo às reuniões dos metodistas?” Ele aceitou o convite e, como resultado, com apenas treze anos de idade, teve o seu grande encontro com Deus. Naquela época, sua consciência não estava sobrecarregada de culpa e nem sua memória tinha as manchas de um viver irregular. Apesar disso, ele tinha a percepção de que lhe faltava Aquele que ainda não conhecia, e então “buscou e encontrou misericórdia”. Para Francis, Cristo tornou-se uma realidade viva e gloriosa.

Francis começou a pregar dois anos depois de sua conversão e, aos vinte e dois, ele foi nomeado pregador itinerante por ninguém menos que o ilustre John Wesley. A luz que ele trazia em seu interior não era apenas uma centelha, mas um poderoso raio que muito em breve iria romper os limites de um paganismo esquecido.

Em 1771, o próprio jovem pregador pediu para ser enviado para a América, onde foi nomeado Assistente Geral. Entretanto, no ano seguinte, por alguma razão, ele foi substituído por Thomas Rankin.

Mais tarde veio a Guerra Revolucionária. Quando Rankin voltou para a Inglaterra, Asbury permaneceu nos EUA trabalhando como antes, um ato que lhe causou muito sofrimento. Como ele tinha a

posição de não prestar nenhum juramento, não havia “jurado lealdade” ao novo país; por isso, constantemente tinha de aguentar a insistência das autoridades para que fizesse o tal juramento. Essa postura criou mal-entendidos com os oficiais e, consequentemente, a perda de prestígio e de certos privilégios. Apesar dessa sua postura, ele cria que os americanos ganhariam aquela guerra e se tornariam independentes.

Após a guerra, os metodistas organizaram a sua igreja. Na Conferência de Natal de 1784, Francis e Coke foram designados superintendentes. Mais tarde, por determinação de Wesley, esses dois homens passaram a ser chamados de bispos.

O segredo de Francis Asbury deve ser entendido a partir de três hábitos que ele adquiriu. E é notável o fato de que são os mesmos três hábitos que se tornaram comida e bebida para muitos outros missionários pioneiros:

1. Ele amava a Bíblia e memorizou muitas partes dela.
2. Ele louvava ao Senhor cantando hinos que sabia de cor.
3. Ele era um apaixonado pelo “quartinho de oração”.

Recentemente ouvi um irmão contando acerca da durabilidade do motor diesel do seu carro que, segundo ele, chegava quase a ser perpétua. “Já rodei mais de duzentos mil quilômetros com ele sem nenhum reparo”, afirmou ele. Mas que tipo de intempéries esse carro sofreu? Ora, o asfalto das ruas é todo certinho, as grandes rodovias interestaduais são perfeitas e os trechos com muitas curvas foram retificados e se tornaram tão retos como uma flecha. Hoje, sentar-se na maioria de nossos modernos automóveis nos dá a sensação de estarmos simplesmente descendo pela rua em uma poltrona móvel. Então, onde está o milagre nisto?

O carro desse meu amigo fez duzentos mil quilômetros sem dar defeito. Wesley cavalgou o equivalente ao comprimento e a largura da Inglaterra, embora esse país não seja nem do tamanho do estado da Pensilvânia, nos EUA. Agora vejamos Francis Asbury; atracado à sela de seu cavalo, esse homem cavalgou por mais de

quatrocentos e trinta mil quilômetros e, mesmo assim, nunca murmurou por ter passado por brejos. Nunca saberemos quantas vezes ele ficou preso na lama e teve de conduzir o seu cavalo para fora dos brejos, e ficou a um triz de afogar-se nos pântanos.

Francis prosseguiu em sua jornada por lugares ermos e sem estradas; e se embrenhou em florestas impenetráveis que eram verdadeiros pesadelos. Geralmente era impossível encontrar água para beber por aquelas regiões; contudo, sua sede pelas almas era ainda maior que a sede que sentia em sua língua ressecada.

Foi muito bom Francis ter memorizado tantos hinos, pois à medida que ele ia cavalgando, podia cantá-los e fortalecer a sua alma contra as tentações pelas quais passava. E aqui está ele, milhares de quilômetros de sua casa, solteiro, muitas vezes sem comida, sem dormir e, não raro, absolutamente sozinho. Sem dinheiro? Nem sempre, pois ele carregava todo esse grande fardo pela fabulosa remuneração de sessenta e quatro dólares por ano!

Sim, ele era solteiro; provavelmente isso se dava pelo fato de que, tanto na Inglaterra como na América, esse era praticamente o padrão entre os primeiros pregadores metodistas. Parece que o slogan de Asbury, tanto quanto o do apóstolo Paulo, era: “Uma coisa faço: esquecendo-me...” (Filipenses 3.13). Ele teve de esquecer-se de muitas coisas que outros procuraram encontrar; todavia, esses mesmos outros foram esquecidos, enquanto o nome de Asbury permanece.

Francis Asbury foi um homem corajoso na batalha espiritual e destemido em suas jornadas; ele possuía grande presença de espírito. Ele era um gênio em termos de organização e dotado de uma rara astúcia. Asbury tinha tanto presciência quanto discernimento.

Dizer que ele ordenou quatro mil pregadores, presidiu mais de duzentas e quarenta conferências anuais em vários condados, e planejou a divisão do seu país em distritos, com uma universidade em cada um deles, é dizer apenas parte da história.

Quando Wesley, o patriarca dos metodistas, morreu em 1791, o bispo Coke, o qual todo ano passava uma parte do tempo com ele, foi morar na Inglaterra permanentemente. Assim, o peso de cuidar dos interesses metodistas na América caiu sobre os generosos ombros de Francis Asbury. E ele carregou valentemente a parte mais pesada desse fardo. Em seu diário, a recorrência da frase “Eu preguei...” é a mesma da que aparece no diário de Wesley.

A respeito da pregação, Francis disse o seguinte: “Somente a pregação que molda a vida de pessoas vale a pena.” Ele ouvia o coração de Deus e, depois, pregava do seu próprio coração diretamente ao coração dos seus ouvintes. Ele pregava visando resultados. Para ele, o dom da oratória ou um grande estilo não tinham lá muito valor.

E quem o elogiasse, estaria perdendo seu tempo. Aliás, creio que se alguém o elogiasse por algum sermão, ele poderia pensar que havia perdido o rumo. Havia algo de eterno em sua maneira de ser e de agir. No seu “diário”, ele faz o seguinte comentário sobre uma de suas mensagens: “Preguei um sermão tremendo, bastante rigoroso e bem inquietante. Posso dizer que poucas vezes me senti mais emocionado do que dessa vez.”

Embora às vezes áspero, seu senso de humor era esplêndido.
Um dos biógrafos de Francis Asbury, Ezra Tipple, escreveu que certa vez, quando Francis fez um discurso debaixo da unção do Espírito, toda a platéia se colocou de pé. Em seguida, ele conclamou às pessoas para se arrependessem de seus pecados, convocou os homens para uma vida santificada e convidou os ministros que trabalhavam com ele para adotarem uma vida de sacrifício. Contudo, como Paulo no seu tempo, ganhou de todos eles no que diz respeito a abrir mão de possessões.
Os registros afirmam que Asbury era um príncipe de Deus como pregador da santidade. Eu gostaria de ter tido a oportunidade de ouvi-lo, eloqüente debaixo da unção do bendito Espírito, quando ele derramava a sua alma em prol de outras almas. (Se pelo menos ele tivesse levado um gravador em suas viagens!).

A respeito dele, o bispo Fowler o tinha como “o cabeça de todos os pregadores Metodistas da América”. Nathan Bangs se referiu a ele como sendo “de uma grandiosidade singular”; Jesse Lee o considerava um “excelente pregador”; mas o tributo de George Rust a esse grande homem superou a todos. Ouça-o: “Asbury tinha o bom humor de um cavalheiro, a eloqüência de um orador, a imaginação de um poeta, a intensidade de um professor, a profundidade de um filósofo, a sabedoria de um chanceler, a sagacidade de um profeta, a capacidade de persuasão de um anjo, a piedade de um santo. Ele possuía devoção bastante para se qualificar para um mosteiro, conhecimento suficiente para estar numa universidade, e inteligência para ser reconhecido como um grande entendido de uma faculdade.”



CAPÍTULO

VINTE E SETE

RICHARD BAXTER DE KIDDERMINSTER

A

árvore genealógica bíblica é fascinante: “Isaque gerou Jacó; Jacó gerou os doze patriarcas...” E não menos intrigante é a árvore genealógica evangélica: “Walter Craddock gerou Richard Baxter; Richard Baxter, por intermédio dos seus inflamados sermões e escritos, gerou uma multidão que nenhum homem pode enumerar.”

Baxter nasceu em Londres, em 1615. Infelizmente não conheço nenhuma data atribuída à sua conversão. Ele “sentiu uma grande sacudida em sua alma” por volta do ano de 1634, quando ouvia a pregação ungida de Walter Craddock e Joseph Symonds.

Se voltarmos um pouco no tempo, veremos a figura magra e desengonçada de Richard Baxter andando à toa, como um adolescente, por meio das árvores, e meditando no meio do perfume da natureza selvagem.

Ele ficava “analisando” os pensamentos de três grandes escritores do seu tempo – Bunny, Sibbes e Perkins; e, da confusão que sentia, ele emergiu para a convicção, da convicção para a conversão e, de lá, para a confissão de Cristo.

Após a sua maravilhosa transformação, as coisas terrenas perderam seu valor, e ele passou a viver, mover-se e a existir unicamente em Deus. Em sua alma ele trazia o fulgor de um serafim, e procurou viver a eternidade em uma vida só.

Em 1641, quatro anos depois de entregar sua vida a Cristo, Richard Baxter foi ordenado pastor e nomeado para exercer o ministério na igreja de Kidderminster, na Inglaterra.

Baxter era totalmente contra a idéia de que, para ministrar sobre as coisas de Deus, a pessoa tinha de ser ordenada pelos bispos e passar por uma escola de treinamento. Ele dizia que não temia a

reprovação do homem e nem esperava galgar posições. E ele provou isso quando recusou a insígnia usada pelos bispos.

Olhemos Richard Baxter agora como um pregador, um avivalista, e um ganhador de almas. Nenhum gladiador jamais olhou nos olhos de um César ou desejou o aplauso dos homens em reconhecimento de suas habilidades como este incansável puritano olhou para a face do seu Deus em oração, e deu ouvidos à doce voz do Espírito. Nenhum avarento jamais amou a sua riqueza como Baxter amou as almas. Homem algum, preso pelos laços do amor humano, jamais cortejou uma dama com a insistência com que este homem apelava aos pecadores impenitentes. Esta sua citação é muito verdadeira:

“Eu pregava como se nunca mais fosse pregar, ... como um moribundo a pessoas moribundas.”

Quando dizemos que os novos convertidos geralmente assumem a semelhança de seus pais espirituais, isso pode parecer para nós, ministros de hoje, algo embaraçoso. Entretanto, parece que as faíscas da alma de Baxter caíram sobre a alma das pessoas que ele, de modo tão claro, ganhou para o seu Senhor. Aqui está uma de suas anotações a respeito de seus convertidos: “Dia e noite eles ansiavam pela salvação dos seus vizinhos.”

O resultado dessa contagiante paixão é melhor definido pelas palavras do próprio Baxter: “Para o louvor do meu glorioso Mestre... a igreja em Kidderminster se tornou tão cheia aos domingos que tivemos de construir galerias para acomodar todas as pessoas. E as nossas reuniões durante a semana também estavam sempre cheias. Aos domingos a cidade ficava quase livre de qualquer desordem. Quando as pessoas passavam pelas ruas, no sábado pela manhã, podiam ouvir centenas cantando salmos durante o seu tempo de adoração em família. Resumindo, quando vim para Kidderminster, na maioria das ruas, de modo geral, tinha apenas uma família que louvava a Deus e clamava pelo Seu nome. Contudo, quando fui embora, havia pouquíssimas ruas onde não acontecia isso! E embora tivéssemos seiscentos comungantes, não havia nem doze deles que eu pudesse duvidar da sua salvação.

Agora ouça a sua resposta aos escarnecedores que diziam que ele era uma pessoa ociosa:

“O pior que eu poderia desejar a vocês é que tivessem o meu sossego em vez do seu trabalho. Tenho razões para considerar-me ‘o menor entre todos os santos’ e, no entanto, não temo dizer ao ‘acusador’ que considero o trabalho da maioria dos empregados do comércio da cidade como um prazer para o corpo comparado ao que eu faço; muito embora eu não queira trocar de trabalho ainda que com o maior dos príncipes. O trabalho deles conserva a saúde, enquanto que o meu, a consome. Eles trabalham com tranquilidade, e eu, em dor contínua. Eles tiram horas e dias de descanso, e eu mal tenho tempo para comer e beber. Ninguém os molesta por causa de seu trabalho; porém, quanto mais eu faço, mais ódio e problemas eu atraio sobre mim.”

Os líderes teológicos de nossos dias ficam elaborando “teorias religiosas”; entretanto – e prestem bastante atenção nisto – eles não são conhecidos como ganhadores de almas. O meu descontentamento com esses líderes é que, na sua maioria, criticam a Bíblia enquanto vivem uma vida de conforto e pouco trabalho. Eles nos oferecem verdadeiras “vestimentas” de uma teologia feita sob medida.

Baxter era exatamente o oposto deles; sua alma literalmente sofria pela alma do próximo! E lá ia ele, transmitindo a abençoada mensagem sobre o sangue da aliança eterna. Ele não era um sonhador espiritual abrigado numa torre teológica de marfim, e nem gerenciava um laboratório teológico para dissecar dogmas mortos. Como Wesley, Baxter era um santo na vida prática. Ele permanecia firme como uma rocha, em tempo e fora de tempo.

Ao todo Baxter trabalhou dezenove anos em Kidderminster e, como certo escritor expressou com beleza a seu respeito: “Através de sua mensagem e do poder de sua vida santa, toda a comunidade foi transformada de uma morada de crueldade e imoralidade para um jardim de verdadeira piedade.” E mais adiante este mesmo escritor acrescentou: “Foi um contra-senso moral o fato de Baxter, o mais

puro dos teólogos do século 17, o homem que anelava, lutava, orava e teria alegremente sacrificado a própria vida pela unificação da igreja, ter sido lançado na prisão por um juiz e um juri protestantes.”

O Ato da Uniformidade datado de aproximadamente 1662 estabelecia a obrigatoriedade do uso de um livro de orações, e que todos os ministros que não fossem ordenados pela Igreja Episcopal fossem destituídos. Baxter opôs-se a esse Ato e, juntamente com mais outros dois mil ministros, se viram privados de suas funções. Ele foi difamado, citado erroneamente, e deturpado. “Em perigos muitas vezes” se aplicava à sua vida tanto quanto à vida dos abençoados Covenanters que, no mesmo período, tingiram os terrenos áridos da Escócia com o próprio sangue.

A última humilhação infligida a este grande homem de Deus, Richard Baxter, ocorreu em maio de 1685. Ela veio do famigerado juiz George Jeffries, que fazia parte do chamado “Júri Sanguinário”. Insensatamente, eles acusaram Baxter de atacar a igreja, com base principalmente na sua obra *Paraphrase of the New Testament* (Paráfrase do Novo Testamento). A fiança foi estipulada em $400 libras (cerca de $2.000) que, na época, constituía uma verdadeira fortuna. Como ele não tinha condições de pagá-la, teve de ficar preso durante sete anos, obrigado a permanecer calado. E esse homem de setenta anos só não foi amarrado a uma carroça e arrastado pelas ruas de Londres, debaixo de chicotadas, porque um indulto de última hora o livrou desse suplício.

Depois de Deus, o maior interesse de Baxter eram os livros; ele os escrevia, comprava, lia, citava, e dava de presente. Parece que a sua caneta nunca secava. Seu legado literário é surpreendente! Ao todo ele escreveu aproximadamente duzentos livros, e a autoria de outros duzentos panfletos também é atribuída a ele. Richard Baxter também nos deu uma versão métrica dos Salmos e dois livros de poesia.

Certa ocasião Boswell fez a seguinte pergunta ao célebre Dr. Johnson: “Qual dos livros de Baxter você acha que eu deveria ler?”

E a resposta foi: “Leia qualquer um deles; são todos bons!” Ofereça a si mesmo os livros *O Descanso Eterno dos Santos* (Publicado pela Shedd publicações) ou *Um Apelo aos Não Convertidos*; e não se esqueça de incluir em sua leitura *O Pastor Reformado.* Alguma alma mais afortunada pode ainda ter a graça de encontrar a *Autobiografia* desse grande homem de Deus. E eu dou um conselho aqui a você, leitor: Se encontrar esse livro, compre-o a qualquer preço! Procure ler também os escritos de Dean Boyle acerca de Baxter (se conseguir encontrá-los).

Baxter nunca adulterou as revelações que recebia, e nunca “vendeu” a verdade para atender a qualquer conveniência de momento. Quando já estava velho, com o corpo enfraquecido e torturado por dores, preferia as prisões ao descanso, e o sorriso do Rei invisível ao do rei terreno. Ele nunca se arrependeu de nenhuma palavra que tenha escrito.

E naquele grande Dia, para o qual toda a criação e todos os povos foram feitos, falando apenas por mim, digo que assistirei fascinado, o momento em que o Rei dos reis recompensará a seu fiel servo, Richard Baxter. Seu segredo era que, “Ele era movido pelo Espírito e soprava fogo celestial, o qual comunicava calor e vida a pecadores mortos; ele derretia os corações obstinados em seus túmulos frios.”

Nesta era de esfriamento espiritual nós, como Baxter, também precisamos de unção.
Deixe-me enumerar algumas pérolas ditas por alguns homens a respeito de Richard Baxter. “Se Baxter tivesse vivido nos tempos primitivos, ele teria sido um dos pais da igreja”, observou o Bispo Wilkins.
O arcebispo Usher também tinha uma grande consideração por Baxter.
Lord Morley chamou Richard Baxter de “O mais profundo de todos os teólogos.”
Coleridge fala o seguinte a respeito da “Autobiografia” de Baxter: “Para mim, duvidar da veracidade dos feitos de Baxter seria quase o

mesmo que duvidar da veracidade do Evangelho.” Ele sentia e pensava mais como um anjo do que como um homem.”
“Em trabalhos, muito mais” (2 Coríntios 11.23) pode muito bem ser definido como o lema da vida deste homem de Deus. Se esta grande alma tivesse vivido tanto quanto Matusalém, ele teria procurado fazer valer cada minuto.



CAPÍTULO VINTE E OITO

———— ————

GEORGE WHITEFIELD – O PRÍNCIPE DOS PREGADORES

V
enha comigo dar uma espiada pela janela da História.

Vamos dar uma olhada a um amontoado de gênios do século 18. Aquele cavalheiro pretensioso que vemos ali à frente, cheio de pompa, é Beau Nash, famoso mestre de cerimônias dos grandes acontecimentos sociais da corte. (Mais tarde John Wesley iria espetar a arrogância desse homem.)
Outro interessante personagem que está se aproximando agora não é ninguém menos que a grande celebridade literária, Dr. Samuel Johnson. Certa ocasião, John Wesley recusou um jantar com esse ilustre escritor porque isso poderia impedi-lo de se levantar cedo para orar na manhã seguinte. (Aprendam com ele, pregadores!) O companheiro de Samuel Johnson, no uso da afiada pena, era James Boswell.
Não muito longe dali, em um lugar um pouco mais modesto, um homem está combinado tintas sobre uma tela que, mais tarde, ficaria conhecida como o famoso quadro: “The Blue Boy” (O Menino de Azul). Bom trabalho, Thomas Gainsborough! Ainda em outro lugar, com suor escorrendo na testa, na alma e na mente, John Howard está trabalhando duro para realizar as reformas no sistema prisional inglês.
Enquanto isso, na Câmara dos Comuns, William Wilberforce, com a sua língua tão afiada como o ferrão de um escorpião, está atacando

severamente os legisladores por causa das mazelas do sistema escravocrata.
Em outro lugar Philip Sheridan, autor de peças teatrais e político irlandês, está feliz da vida com sua peça “School for Scandal” (A Escola de Escândalo). Durante algum tempo ele chegou a ser o dono do Teatro Drury Lane. Fico me perguntando se ele conseguiu que David Garrick, o príncipe dos atores daquela época, estrelasse a sua peça.
Está ouvindo aquelas melodias celestiais? Aqui está outro inglês (naturalizado). Seu nome? Handel. Com os olhos cheios de lágrimas e as mãos levantadas, esse gênio da música está cantando partes da sua canção chamada “Messias”, e intercalando-a com alguns “aleluias”. (Será que foi por isso que disseram que ele estava bêbado quando escreveu esse abençoado oratório?). Um pouco antes de deixarmos este país das maravilhas, que é a Inglaterra desse período, e pularmos o canal para darmos uma olhada em Voltaire, o gênio do mal, vamos dar uma espiada por uma pequena janela. Aqui encontramos William Hogarth, com sua testa franzida, retratando uma de suas sátiras políticas, as quais fizeram dele um imortal.
Agora sim, vamos dar um pulo até a França e, ali, encontraremos Voltaire assentado empinado e poderoso em seu trono de ceticismo. Negando ser ateu, esse brilhante deísta despejou desdém e ridículo sobre as doutrinas cristãs. Se ele se tornou o pai da revolução francesa, provavelmente foi empurrado para esse papel pelos Jesuítas, perseguidores cruéis, que se aproveitavam das benesses sacerdotais.
Entretanto, parece que Voltaire também foi um homem de compaixão, e honesto em suas avaliações. Foi isso o que nos deu a entender Sangster de Westminister, quando certa ocasião disse o seguinte a respeito dele: “Quando Voltaire foi desafiado a apresentar um personagem tão perfeito como Cristo, imediatamente mencionou John Fletcher, de Madeley.”
E assim concluímos o nosso levantamento a respeito do século 18 e sua coleção de intelectuais e homens de feitos históricos. Todos esses personagens que mencionamos aqui garantiram o seu lugar ao sol. Cada um deles possuía uma grandeza especial. Todavia, o

que Johnson e Boswell foram para a literatura, Reynolds e Gainsborough foram para as artes, Garrick e Sheridan foram para o teatro, John Wesley e George Whitefield foram para a igreja do Deus vivo – só que em um sentido absolutamente mais grandioso! Aqui está um daqueles abençoados paradoxos do Senhor. Exatamente como anos atrás os Beechers dominavam a moda na Nova Inglaterra, igualmente na velha Inglaterra os Wesley eram uma família de cultura e que também serviu de modelo. John Wesley, este distinto cavalheiro de Oxford, é o homem que Deus usa para alcançar os mineiros residentes nos arredores de Bristol, na Inglaterra. E este rapaz, meio estrábico e nascido em uma taverna em Gloucester, é o Davi escolhido para deixar para trás Saul e Jônatas de modo a evangelizar os ricos salões da Inglaterra, com seus freqüentadores vestidos com suas roupas de seda.

Sabemos que fogo produz fogo e, em minha opinião, John Wesley pegou alguma coisa do ardente zelo de George Whitefield. Em nossos dias, há quem diga que o avivamento por muitos chamado de Avivamento Wesleyano, na verdade não fora dele. Pelo menos, dizem, não começou com ele. (Agora, para provar se isso é ou não verdade, teremos de esperar até o grande dia do Julgamento do Senhor.)

No campo da pregação, o inflamado Whitefield certamente veio antes de Wesley. Foi como se Wesley tivesse pegado a tocha do avivamento que Whitefield havia soltado quando foi para os Estados Unidos.

Whitefield desembarcou na América depois de uma demolidora tempestade no Atlântico em um navio que a comissão marítima de hoje não daria autorização para que fizesse uma viagem. Novamente esse servo de Deus deixou cair uma brasa do seu zelo, e, desta vez, a brasa caiu dentro do coração de Gilbert Tennant que, somos levados a acreditar, pôde superar o seu tutor. Embora isso possa parecer impossível, depois que Whitefield deixou a Nova Inglaterra, multidões maiores que as que compareciam para ouvir a sua pregação enfrentaram a neve para ouvir Tennant.

Esqueça por alguns momentos as invenções de Benjamin Franklin e vamos vê-lo em outro cenário. Neste exato momento podemos vê-lo em pé, onde está o púlpito de Whitefield. Afastando-se dali até um

ponto onde ele não podia mais ouvir com clareza, Benjamim fez uma marca no chão, marcando o lugar. Mais tarde ele mediu a distância entre o púlpito e aquele lugar para chegar à conclusão de que trinta mil pessoas haviam ouvido o ungido Whitefield em apenas uma de suas reuniões. E haviam ouvido claramente, sem o auxílio de qualquer amplificador!

Contudo, a platéia de Whitefield nem sempre fora assim tão grande. Em uma viagem cruzando o Atlântico, quando ele tinha apenas vinte e cinco anos de idade – um jovem alto, gracioso, e dono de um físico perfeito – ele pregou para um grupo de apenas trinta pessoas. Seu púlpito era o convés oscilante de um navio cujas velas estavam em farrapos e os equipamentos em desarranjo. Como cobertor, usava o couro de um búfalo, e, embora dormisse na parte mais protegida do navio, em uma só noite foi encharcado pelas ondas duas vezes. O navio levou três meses para avistar a costa irlandesa. Fosse no Atlântico, num ou noutro lado dele, pregando a um grupo pequeno num navio, ou eletrizando e capturando a atenção de grande auditório no campo, a mensagem de Whitefield era sempre a mesma: “Em verdade, em verdade, vos digo: se não nascerem de novo não poderão ver o reino de Deus.”

A lâmpada que iluminou o caminho que conduziria Whitefield ao reino de Deus foi um livro. Certa ocasião, Charles Wesley o encontrou em Oxford, e lhe deu o livro *A Vida de Deus na Alma do Homem*[1], de Henry Scougal.

Quando chegou à América, Whitefield abriu caminho pelas florestas e ia de tribo em tribo, de cabana em cabana, para poder alcançar os índios com o evangelho. Para conseguir chegar ao acampamento dos Delawares, ele enfrentou cachoeiras bravias dentro de uma frágil canoa feita da casca de árvore. Este destemido homem de Deus literalmente tirou das suas tocas os homens que moravam na floresta. Afinal de contas, todos precisavam ouvir a mensagem; todos precisavam receber a vida de Deus dentro da alma.

E da miséria desses acampamentos indígenas esse pregador, com seu jeito de anjo, partia com a mesma disposição para as majestosas e tradicionais casas da Inglaterra.

Para que são todas essas carruagens? O que atraiu todos estes poetas, nobres e príncipes, filósofos e sábios juntos? Orgulhosos de

seu sangue azul e de sua linhagem, estes aristocratas vinham – alguns deles até três vezes por semana – ouvir as ardentes palavras de Whitefield: “Você precisa nascer de novo”.

Saindo de uma luxuosa casa, impregnada de um aroma penetrante de perfumes caros, Whitefield saía às pressas para dirigir uma reunião de rua. Note a sua grande alegria ao relatar: “Ali me honravam jogando em mim pedras, terra, ovos podres e restos de gatos mortos.”

Tendo vindo de Gloucester como ele veio, Whitefield sabia que por ser tão franco em relação às coisas referentes a Cristo durante o reinado da rainha Maria, o bispo Hooper de Gloucester fora queimado diante de seus fiéis e a poucos metros de sua própria catedral. Whitefield, entretanto, não se preocupava com as conseqüências que poderia sofrer por obedecer a Deus. Tyndale também era um homem de Gloucester; imagine só o que lhe custou a sua fé!

As palavras “lisonjeiras” do Papa a respeito de Lutero: “Esta besta alemã não gosta de ouro”, também deveriam ser aplicadas a Whitefield.

Qual seria o segredo do sucesso desse destemido pregador? Acredito que esteja em três coisas: ele pregava um evangelho puro; ele pregava um evangelho poderoso, e ele pregava um evangelho apaixonado.

Cornelius Winter, que geralmente viajava com Whitefield e na maioria das vezes comia e dormia no mesmo lugar que ele, disse o seguinte: “Ele raramente prega sem chorar.” Por outro lado, uma senhora da alta sociedade de Nova Iorque disse: “O Sr. Whitefield era tão alegre que fiquei encorajada a me tornar cristã.”

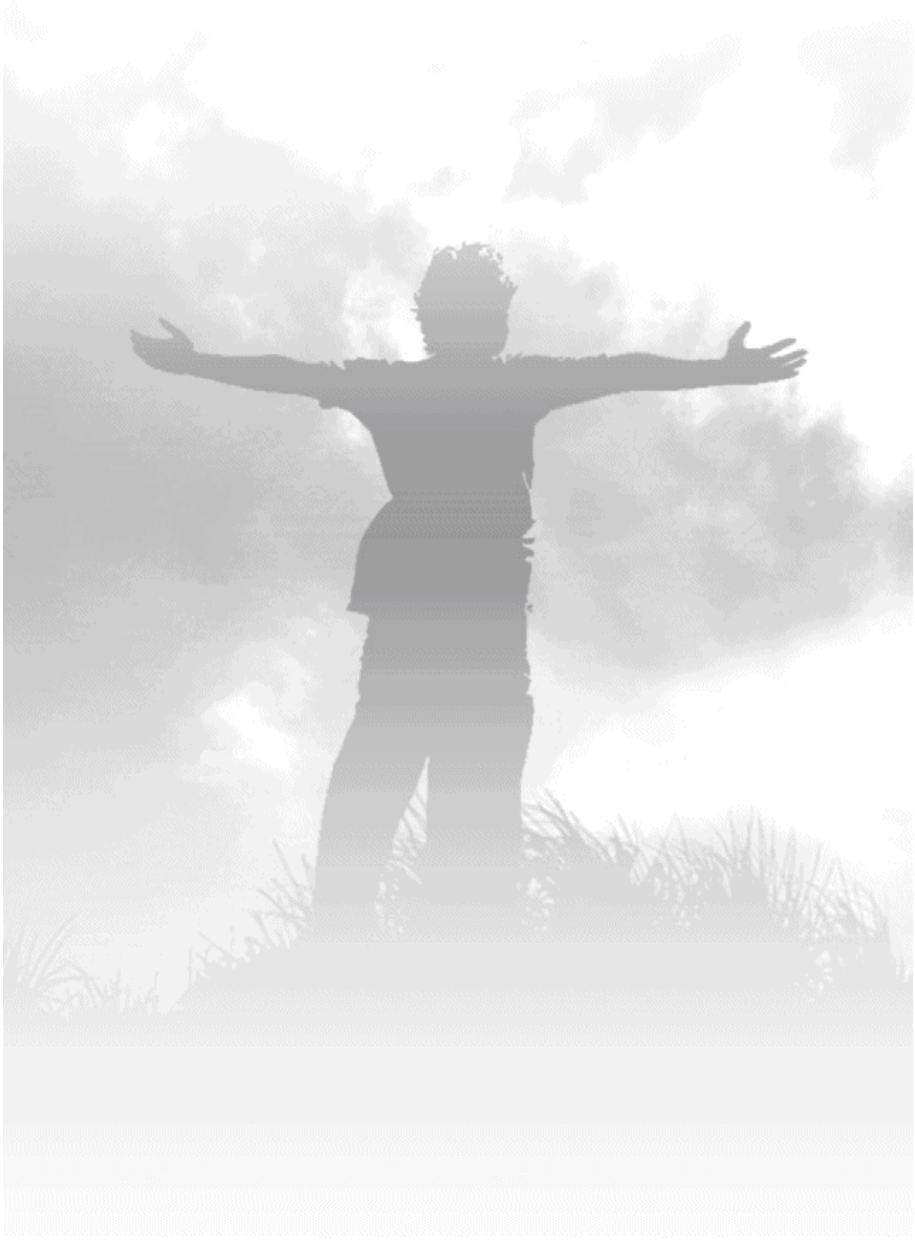
Os homens cultos de seu tempo freqüentavam as suas reuniões. Lorde Chesterfield, homem frio como ele era, entusiasmava-se com as pregações de Whitefield; Lorde Bolingbroke, um crítico nem um pouco generoso, disse: “Ele é o homem mais extraordinário de nosso tempo, e possui a mais convincente eloqüência que eu já vi em uma pessoa”.

Conta-se que David Hume, um escocês de linha filosófica cética, embora deísta, certo dia levantou-se às cinco da manhã e correu para ouvir Whitefield pregar. Depois, quando perguntado se

acreditava no que o pregador havia pregado, respondeu: “Não, mas ele acredita!”
Franklin da América, um homem de sangue frio e filósofo astuto, disse o seguinte a respeito do avivalista Whitefield: “Foi maravilhoso ver as mudanças que a pregação dele trouxe no modo de vida dos habitantes da Filadélfia. De despreocupados ou indiferentes que eram quanto aos assuntos de religião, a impressão que se tinha era que todo mundo estava se tornando religioso.”
John Newton, um verdadeiro gigante como pregador e poeta, também comentou sobre Whitefield: “A sua pregação nunca foi infrutífera!”
O próprio John Wesley fez o seguinte comentário sobre ele: “Será que já lemos ou ouvimos a respeito de alguém que tenha levado tantos milhares, tantas miríades de pecadores ao arrependimento? Acima de tudo, será que já lemos ou ouvimos de alguém que tenha sido um instrumento de Deus tão abençoado para tirar tantos pecadores das trevas para a luz, e do poder de Satanás para as mãos de Deus, como o fez Whitefield?” O velho Henry Venn, de Huddersfield e Yelling, declarou: “Foram raras as pessoas que conseguiram se igualar ao Sr. Whitefield”.
George Whitefield andou com os grandes – como o Marquês de Lothian, o Conde de Leuven, o Lorde Dartmouth e Lady Huntingdon, entre outros. Contudo, mais importante que tudo isso, ele andou e falou com Deus. Ele ouviu o que Deus disse, viu como Deus viu, e amou como Deus amou.
Um provérbio árabe diz o seguinte: “O melhor orador é aquele que pode tornar os ouvidos de um homem em olhos”. E foi exatamente isso o que essa alma maravilhosa fez!
Ó Deus de George Whitefield, dê-nos hoje homens como ele, que possam se levantar como gigantes no púlpito; homens com o coração inflamado, lábios em fogo e olhos cheios de esperança.
E, por favor, Senhor, faça isso rápido!

---

[1] Editora PES – Publicações Evangélicas Selecionadas, São Paulo, SP.



CAPÍTULO

VINTE E NOVE

_____ _____

JOHN WESLEY

C

onhece a história dos quatro etíopes cegos que encontraram um elefante? A lenda é mais ou menos assim: Depois de apalparem o animal, os quatro começaram a tentar explicar o que eles haviam encontrado.

“Oh! Estamos bem no canto de um poço e consegui segurar a corda que está dependurada na beirada dele”, disse aquele que segurou no rabo do animal.

“Absurdo!” disse um iluminado observador no outro lado da fera. “Estamos diante de uma enorme serpente, e ela acabou de passar a sua viscosa cabeça pelas minhas pernas.” Descrição um tanto exagerada para a simples tromba da tal fera!

“Vocês dois estão completamente enganados”, declarou a terceira testemunha. “Estamos em uma gruta baixa. Acabei de erguer o braço e tocar o teto”. Isso aconteceu porque o cego passou a mão pelo abdômen enrugado do elefante.

“Tolos!” gritou o último homem ao abraçar a perna do animal. “Estamos em uma floresta. Estou exatamente abraçando o tronco de uma árvore.”

Para mim, por todo esse tempo os críticos têm estado tão confusos sobre a sua avaliação a respeito de John Wesley como esses cegos etíopes com o seu elefante.

O Dr. Maximinim Piee, um professor católico romano em Bruxelas, Bélgica, concluindo seu clássico trabalho sobre John Wesley, diz que ele pode ser comparado a:

“São Benedito, por causa de seu litúrgico senso de piedade; São Domingos, pelo seu zelo apostólico; São Francisco de Assis, pelo amor de Cristo que ele sentia em seu coração e por seu desapego às coisas do mundo; Inácio de Loyola, por sua maestria como organizador.”
Agostinho Birrel, este distinto líder político e homem das

letras, não hesitou em chamar John Wesley de “A maior força do século 18.”

Canon J. Overton, historiador anglicano, pode ser acusado de ser um pouco tendencioso em sua maneira de ver o seu companheiro anglicano, mas classificou Wesley de ser “o mais ocupado e, em alguns aspectos, a pessoa mais importante de seu século.”

Dr. T. R. Glover, o orador público emérito da Universidade de Cambridge, Inglaterra, coloca Wesley junto com Paulo, Agostinho e Lutero, classificando-o, dessa forma, juntamente com os maiores sucessores evangélicos.

No meu modo de ver, Wesley poderia ter-se tornado Primeiro Ministro da Inglaterra, se tivesse aplicado sua potencialidade na política. Poderia ter-se antecipado a muitos inventores que viveram depois dele, se se tivesse aplicado ao lado prático da ciência. Sua conta bancária, por ocasião de sua morte, teria sido como a do milionário Rothschild, tivesse ele dedicado seus dons a acumular riquezas de origem injusta.

Dê uma olhadinha, por um momento, nos acontecimentos que antecederam a conversão de John Wesley. Seu diário nos traz alguns fatos esclarecedores:
“Em 1725, estando eu com 23 anos, conheci um livro do Bispo Taylor intitulado *Rules and Exercises of Holy Living and Dying* (Normas e exercícios espirituais para se ter uma vida e uma morte santas). Ele teve um forte impacto em mim. Depois disso resolvi dedicar minha vida a Deus. Um ou dois anos depois, chegou às minhas mãos o livro do Sr. Law, *Christian Perfection* (Perfeição cristã). Essa obra me deixou ainda mais convicto de que é

impossível alguém ser ‘meio-crente’. Então, pela graça de Deus, tomei a determinação de me devotar totalmente ao Senhor, a consagrar-lhe todo o meu espírito, alma e corpo (sentindo profundamente uma absoluta necessidade de fazer isso).”
Apesar dessas palavras surpreendentes escritas por ele

mesmo, mais o fato de sempre levantar-se às quatro da manhã para orar, de dar esmolas e de cuidar dos pobres com grande devoção, ainda assim ele reconhecia não ter o testemunho do Espírito de ser filho de Deus.

Por volta da meia-noite do dia vinte e quatro de agosto de 1709, quando ele ainda não tinha nem seis anos de idade, John Wesley foi dramaticamente salvo de sua casa em chamas. E no dia vinte e quatro de maio de 1738, agora um homem maduro, educado, disciplinado e virtuoso sob qualquer padrão, ele foi salvo novamente. Naquela memorável noite, aproximadamente quinze minutos para as nove, John Wesley sentiu seu coração em brasas e, por causa disso, desde então o mundo tem se aquecido por sua mensagem.

Como uma brasa retirada do fogo, Wesley seguiu sua jornada para arrancar outras brasas do fogo eterno. O esmerado e distinto cavalheiro de Oxford selou seu cavalo e, cheio de compaixão zelosa, buscou os “filhos errantes, perdidos e solitários”.

Trevas cobriam a Inglaterra e uma escuridão ainda mais densa o seu povo, quando Wesley e Whitefield levantaram a tocha da regeneração bíblica para trazer luz onde a cegueira dessa nação era mais profunda.

Os bispos Butler e Berkley foram chamados de os melhores clérigos do seu tempo; apesar disso, Butler proibiu Wesley e Whitefield de pregar em sua diocese, embora nela se encontrasse gente das mais degeneradas do reino.

Havia ministros com o coração inflamado em outras partes da Inglaterra naquela época; notavelmente Grimshaw de Haworth (ele

é o segundo de quem falamos neste livro). William Law foi um outro teólogo do tempo de Wesley, que viveu no mesmo período em que Charles Wesley, Phillip Dodderidge e Isaac Wa s ateavam fogo divino à música e vertiam verdades espirituais nas letras que compunham.

Surpreende-me o fato de que o Senhor tenha pegado o gentil e sábio Wesley para os homens rejeitados e, depois, tenha retirado Whitefield do ambiente de uma taverna, onde ele fora criado, para evangelizar as elites vestidas em suas sedas e cetins.

Wesley, como pregador, é descrito no curto texto de um parágrafo de um autor desconhecido, que com frequência releio; diz o seguinte:

“Assuma a sua liberdade, cumpra a comissão, faça o ferimento e traga a cura, derrube e torne a reconstruir. Não fique preso ao tempo; não procure atender à conveniência de homem algum; não seja conivente com os preconceitos de ninguém; não se submeta aos desejos de quem quer que seja, ainda que isso afaste seus amigos e traga alegria a todos os teus inimigos. Pregue o evangelho; não o evangelho dos tempos antigos ou o deste tempo, mas o Evangelho eterno.”

Creio que foi exatamente isso o que Wesley fez.

A ele, provavelmente, tenha faltado um pouco tanto da oratória quanto do fogo de Whitefield; entretanto, ninguém jamais questionou realmente a sua unção. Ele tinha o poder, e, debaixo do poder de sua pregação, acontecia de homens caírem ao chão sob o poder de Deus. Até mesmo Whitefield, que era bem barulhento, ficou preocupado com isso; contudo, mais preocupado ficou quando, poucos dias depois, o mesmo fenômeno foi observado em suas próprias reuniões.

John Wesley pregava com revelação. “Seu discernimento espiritual era dificilmente menos que terrível. Parecia que ele via através da

alma das pessoas, para colocar o seu dedo no pecado escondido, no temor inconfesso.”

Na maioria das vezes, as pessoas que não costumavam ir à igreja gostavam de ouvi-lo. Em nove meses ele pregou pelo menos quinhentos sermões, e apenas seis deles foram realizados dentro de uma igreja.

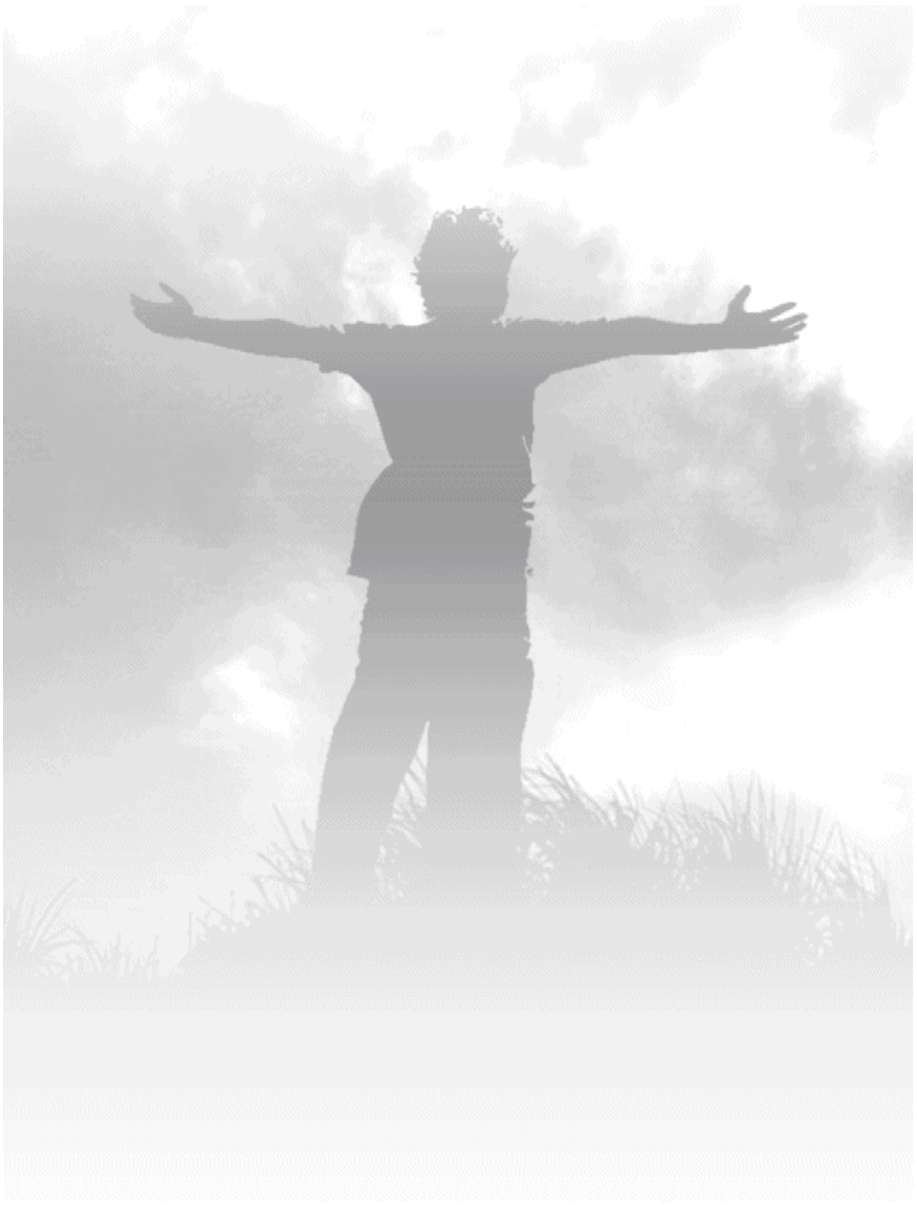
Wesley pregava a santificação como uma segunda bênção. Ouça o que ele escreveu a Joseph Benson: “Com todo o zelo e diligência, fortaleça os irmãos para que (1) se mantenham firmes naquilo que já alcançaram; ou seja, remissão de todos os seus pecados pela fé no Senhor Jesus, e (2) esperem de Deus uma “segunda mudança”, pela qual sejam salvos de todo o pecado e aperfeiçoados em amor.”

Para Sarah Ruer ele escreve o seguinte: “A santificação gradual deve ir aumentando a partir do momento em que você for justificada; contudo, a completa libertação do pecado, creio, é sempre algo instantâneo – pelo menos nunca soube de nenhuma exceção.”

A falta de espaço nos impede de falar um pouco mais sobre esse ardente apóstolo. Sendo assim, vamos concluir com as palavras do Dr. W. H. Fitche a respeito dessa alma possuída por Deus:

“Ele parecia viver várias vidas em uma só, e cada uma delas era cheia de uma plenitude tremenda. Ele pregou mais sermões, viajou mais quilômetros, publicou mais livros, escreveu mais cartas (sem secretária!), construiu mais igrejas, promoveu mais controvérsias e influenciou mais vidas que qualquer outro homem na história Inglesa. E em tudo isso, como ele mesmo colocou certa vez em um hilário paradoxo, ele não teve tempo nem para estar apressado.”

John Wesley foi “um bom homem, cheio de fé e do Espírito Santo”.



CAPÍTULO

TRINTA

SAVONAROLA – O FLORENTINO DESTEMIDO

E

m abril de 1492, na cidade de Florença, Itália, em meio à zombeteira vaidade da sua suntuosa vila, está deitado o moribundo Lorenzo de Médici, mais conhecido pelos historiadores como “Lorenzo, o magnífico”. Seu rosto está marcado pelo sofrimento, sua mente oprimida pelo medo, sua alma encurvada sob o peso dos seus pecados. Durante décadas ele viveu em grande suntuosidade. Havia lutado com muitos, e quase sempre saído vitorioso. Ele se propôs a viver em pecado e com mais louros para a sua cabeça altiva. Apenas uma coisa impedia o bem-sucedido soberano do seu objetivo. O cavaleiro do cavalo amarelo, a Morte, havia chegado para reclamar o que lhe era de direito. Embora fosse patrono das artes, poeta, estudioso, estadista e criador de alguns dos mais extravagantes e divertidos carnavais, regados a vinho de todos os tempos, havia chegado a sua hora de morrer.
Contudo, em seu leito de morte, Lorenzo teve uma pitada

de conforto. O papa, ninguém menos que o sujo e completamente corrupto Alexandre VI, compartilhou a humilhação de se deparar com um homem que não se deixou manchar, apesar das ameaças, e nem retrocedeu pela intimidação.

Alexandre VI era o notório Rodrigo Bórgia, aquele de quem foi dito: “Nenhum desafeto que alguma vez tenha sido convidado por Rodrigo Bórgia a ir até o Vaticano retornou de Roma. Atrás do Castelo de Santo Ângelo haviam horríveis masmorras, celas sem janelas, e os famosos colares de ferro espanhóis. Venenos e facas estavam sempre à mão na corte do Papa Alexandre.”

Apenas uma pessoa havia tido a coragem de opor-se ao poderoso Lorenzo de Médici; um monge – o destemido Jerônimo Savonarola, de Florença; um homem que não se deixava corromper.

Para os seus olhos, os inestimáveis e famosos afrescos das paredes da catedral não ofereciam mais nenhum consolo. Se alguém dissesse a ele que aqueles afrescos vieram das mãos habilidosas do famoso Frade Angélico, essa notícia não o faria

levantar os olhos e nem lhe animaria o espírito. Até mesmo o saltério de ouro que ele segurava nas mãos não impressionou este profeta de olhos banhados pelas lágrimas.

Imagine este reformador: sem atrativos, talvez um homem pequeno, com um olhar ardente e inspirador, pele bronzeada, nariz curvo, aparência triste, e dedicação extrema. Sua testa é adornada por um ar de santidade, seus olhos brilham com uma força de penetração que causa temor, sua mente robusta, fértil com pensamentos inspirados por Deus.

Gostaria de lembrar você das palavras do homem de Deus Robert Murray McCheyne, da Igreja de São Pedro, na cidade de Dundee, na Escócia, quando ele disse: “Um homem santo é uma arma terrível nas mãos de um Deus santo.”

O ferrão de um escorpião é algo até confortável em comparação com a língua de fogo de Savonarola, o profeta-reformador. Sua voz de trombeta ecoou por todo o caminho até o Vaticano e, de lá, pelos corredores do próprio inferno. Diante da autoridade sobrenatural que esse homem demonstrava, o Papa, os sacerdotes, os príncipes, o povo e até o próprio príncipe das trevas tremiam.

Todos os dias Savonarola afligia sua alma justa como um relutante espectador das descaradas violações das leis de Deus e dos homens. O modo de vida dos florentinos torturava a vida desse homem de Deus. Debaixo do astuto e mundano governo dos tiranos Médicis, Florença atingiu o ápice em licenciosidade e corrupção.

Naquela época, “Vênus se tornara a deusa das artes; Platão, o deus das letras; Cícero, um apóstolo; Virgílio, um santo canonizado. O Cardeal Bembo proibiu às pessoas de lerem as Epístolas de Paulo, porque o seu ‘estilo grosseiro’ iria corromper o gosto refinado e clássico do leitor. Ele recomendou, em vez disso, a leitura de Cícero. A Divina Comédia de Dante era anunciada como sendo inferior ao imortal e falsificado Canto Carnavalesco de Lorenzo. Aristóteles era mais importante que a Bíblia.” Tudo isso, grave bem, foi chamado de “a era dos gostos refinados”.

As reformas políticas do destemível pregador foram apenas o começo. Em seguida veio o empenho para “limpar o templo”. Isto, creio, foi igual a tentar esfregar um assoalho enlameado.

Não demoraria muito e o fogo do martírio estaria diante de Savonarola; contudo, enquanto isso outro fogo – o fogo do Espírito Santo – queimava dentro do coração desse homem eleito por Deus para fazer do calvário uma carga explosiva contra as maquinações do diabo.

Ele ignorava as torres e pompas da igreja. A mitra vermelha cardinalícia oferecida por um papa astuto ele desdenhou fazendo este comentário sarcástico: “Não quero nenhum chapéu vermelho, a não ser aquele do martírio, avermelhado com o meu próprio sangue.” (E foi exatamente isso o que ele teve em suas últimas horas.)

Para esse homem esclarecido veio ainda uma nova consciência de que Deus possui olhos muito santos e que não suporta a iniquidade. Entretanto, embora culto, ele vocifera: “A terra está cheia de derramamento de sangue, mas os clérigos não prestam atenção; antes, pelo seu diabólico exemplo trazem morte espiritual sobre todos. Eles se afastaram de Deus. A piedade deles consiste em passar as noites com prostitutas e os dias inteiros em fofocas nos coros das igrejas, onde o altar é transformado em um lugar de comércio para o clero. Eles dizem que Deus não se importa com o mundo e que tudo é obra do acaso. Também não acreditam que Deus esteja presente no sacramento.”

“‘Escuta aqui, ó tu igreja imoral’, diz o Senhor. ‘Dei-te belíssimas vestes, mas tu as transformaste em ídolos. Dedicaste os vasos sagrados a uma glória inútil; os sacramentos, à simonia (comércio de bênçãos). Em tuas cobiças, tu te tornaste uma meretriz desavergonhada. És mais vil que um animal. És um monstro de abominação. Antigamente, ainda sentias vergonha de teus pecados, mas agora não sentes mais. Antigamente, teus sacerdotes ungidos chamavam os sobrinhos de filhos. Agora não falam mais dos sobrinhos; sempre e em toda parte só falam dos filhos. Criaste

lugares públicos por todos os lados, fundando ali uma casa de má fama. E o que faz a meretriz? Senta-se no trono de Salomão e pede dinheiro a todo mundo. Quem tem riquezas é bem recebido e pode viver como quiser. Mas quem procura praticar o bem é desestimulado.'

"Ó Senhor, meu Deus, eles não permitirão que o bem seja feito! E desta forma, ó igreja prostituta, tu tens exposto a tua impureza para o mundo inteiro, e feito com que o teu mau cheiro chegue até ao céu. Tu tens multiplicado tuas fornicações na Itália, na França, na Espanha, e por toda parte.

"'Veja, estenderei a minha mão', diz o Senhor, 'castigarei você, miserável e infame; a minha espada sobrevirá sobre os teus filhos, sobre tuas casas vergonhosas, sobre as tuas prostitutas, sobre os teus palácios, e minha justiça se fará conhecida. Terra e céu, os anjos, os bons e os perversos, todos te acusarão, e ninguém estará contigo; entregarei a ti nas mãos do inimigo'."

"Ó sacerdotes e monges, vós, cujo mau exemplo tem enterrado este povo na sepultura da formalidade, digo-vos que esse sepulcro explodirá e ficará em pedaços, pois Cristo reavivará a Sua igreja com o Seu Espírito."

A carnalidade encolheu-se de medo e começou a conspirar por causa desse ataque. Inimigos irados, amigos preocupados e monges franciscanos invejosos viam os esforços do justo Savonarola com suspeita, zombaria ou medo.

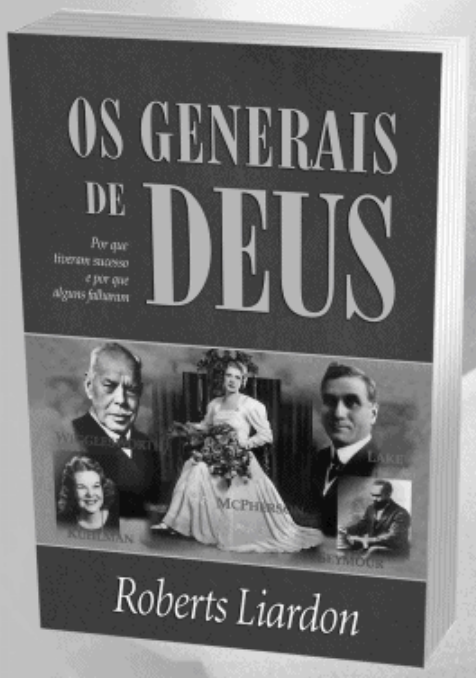
"Que direito tem um sacerdote de aplicar as leis civis?" gritaram eles. "Pode este homem dar a Deus o que é de César?"
Os potentados da igreja tentaram de todas as formas legais e ilegais desviarem esta alma abrasada do seu objetivo; mas, até então, tudo havia falhado. Por fim, o Papa Alexandre decidiu excomungar Savonarola.
Depois desse decreto que o expulsou da igreja católica, a multidão bajuladora, que por anos tinha ficado paralisada ao ouvir sua pregação, caiu de injúrias sobre ele. E quando ele saiu da Catedral

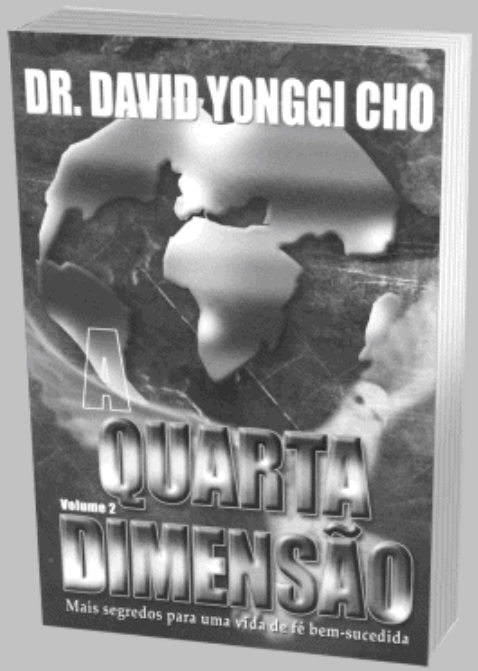
de São Marcos, onde havia pregado o seu último sermão, as pessoas jogaram pedras nele, vaiaram e assobiaram. Uma alma enfurecida chegou a deslocar o braço do reformador.
Para Savonarola, isso foi apenas o começo do sofrimento. Depois, por ordem do homem “santo” de Roma, Savonarola foi colocado esticado na grade de torturas. Outro “esporte” que seus algozes jogaram com ele consistia de erguê-lo por uma corda e colocá-lo bem no alto; em seguida, soltá-lo e ficarem observando este servo de Deus ser lançado à terra. Em um único dia, os homens da igreja repetiram com ele por treze vezes esse “agradável” tratamento.
Uma forca foi erigida e atearam fogo embaixo dela. O Papa Alexandre VI enviou uma mensagem especial “de conforto” ao reformador condenado; e o comissário papal gritou ao herói que morria: “Você está excluído da igreja militante e triunfante.”
E a alma inabalável sobre o infame patíbulo em chamas, respondeu: “Da igreja militante podem até me excomungarem, mas não da Igreja triunfante.” E debaixo dessa abençoada esperança Savonarola partiu para estar com o Senhor.
Que Deus nos envie homens que possuam essa mesma fé, esse mesmo fogo e esse mesmo destemor diante desta hora terrível!

Se você foi abençoado ou curado através deste livro escreva-nos: thewaybooks@hotmail.com

MIOLO_Sedentos_por_avivamento_V2.indd 190 8/20/2009, 6:54:18 AM

Por que tiveram sucesso e por que alguns falharam

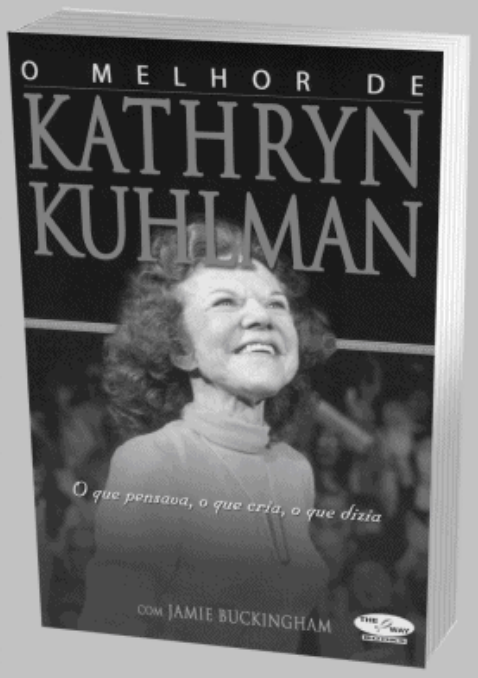


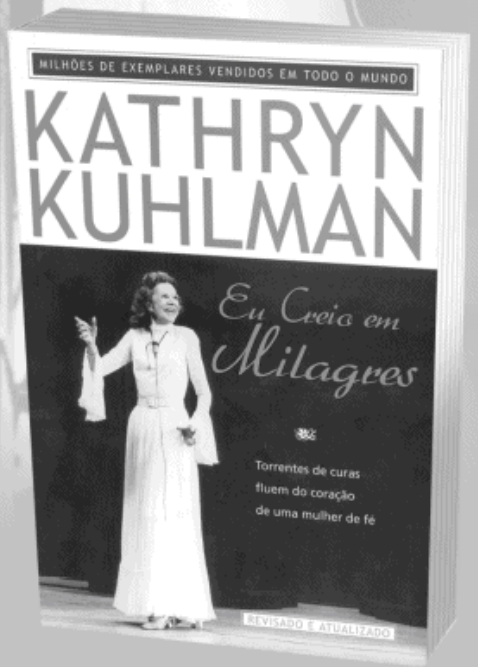


Viaje com o Doutor Cho através do segundo volume de *A Quarta Dimensão...*

THE WAY BOOKS

Sua vida não será mais a mesma após a leitura deste livro!





Você será desafiado a acreditar que milagres acontecem ainda hoje!

THE WAY BOOKS